



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação

Vaniele Barreiros da Silva

Experiência de leitura: entre o digital e o tradicional

Rio de Janeiro

2012

Vaniele Barreiros da Silva

Experiência de leitura: entre o digital e o tradicional.



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Gonçalves

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586	Silva, Vaniele Barreiros da. Experiência de leitura: entre o digital e o tradicional / Vaniele Barreiros da Silva. – 2012. 117 f. Orientador: Márcio Gonçalves. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação. 1. Livros e leitura – Aspectos sociológicos – Teses. 2. Livros eletrônicos – Teses. 3. Tecnologia da informação – Teses. I. Gonçalves, Márcio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação. III. Título.
es	CDU 028.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Vaniele Barreiros da Silva

Experiência de leitura: entre o digital e o tradicional.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Comunicação Social.

Aprovado em: 09 de outubro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Gonçalves (Orientador)
Faculdade de Comunicação - UERJ

Prof^{ta} Dra. Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira
Faculdade de Comunicação - UERJ

Prof. Dr. Mohammed ElHajji
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

À Wendy, que mesmo sem entender se manteve o tempo todo ao meu lado. Que mesmo sem perceber dá um toque especial no dia a dia. Ao Adelci que tem feito essa caminhada mais doce, me compreendendo, estando ao meu lado e me fazendo rir.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Maria Santíssima – por me permitirem chegar até aqui, com luta, com ajuda e com mérito.

Ao meu orientador Márcio – presença segura, conhecimento invejável, professor admirável e incentivador de novas construções teóricas em minha vida acadêmica.

À banca examinadora - Professora Doutora Fátima Regis e Professor Doutor Mohammed ElHajji pelo convite aceito e pela importante contribuição nesse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Uerj – aos professores pelo conhecimento dividido, ao Celestino pelo apoio constante.

Aos meus pais e irmãos – que mesmo sem entender, aceitaram minha ausência por longos períodos e por acreditarem que um dia chegarei lá (ainda não sei onde, mas anseio por chegar).

Ao Adelci – namorado, historiador e companheiro pelas horas de discussão teórica, apoio amoroso e paciência nos momentos mais desafiadores.

Aos amigos Ana Malfacini e Belmonte – pela minuciosa revisão desse trabalho, pela amizade, pela grande ajuda nas inúmeras caronas no ir e vir ao Rio de Janeiro.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Uerj – pelos anos de convivência, pelas cervejas tomadas, pelas conversas jogadas fora, pelos debates intelectuais (e aqueles nada intelectuais) e pelo acolhimento em suas casas.

Aos amigos - que diariamente ouviram sem cansar minhas falas sobre a dissertação, sobre defesa e sobre leitura. Obrigada por me ajudar a relaxar nas mesas de bar.

Aos amigos Hélio e Elisete – por me acolherem em sua casa durante um semestre, com o carinho de família.

Ao UGB - por permitir minha pesquisa *in loco*, bem como permitir minha mobilização de horários para a conclusão desse trabalho.

Aos professores do Curso de Comunicação Social do UGB – pela ajuda na condução desse curso, buscando me aliviar de toda a carga da coordenação para uma melhor dedicação ao mestrado.

Aos meus alunos – razão pela qual busco o crescimento intelectual.

RESUMO

SILVA, Vaniele Barreiros da. *Experiência de leitura: entre o digital e o tradicional*. 2012. 117f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Perceber a leitura como prática social, histórica e cultural a partir da evolução e das variações textuais construídas e exercidas junto à sociedade é o primeiro caminho para discutir os reflexos dos processos da leitura. Revisando a história da leitura, em autores como Fischer, Chartier e Manguel, busca-se uma imersão na construção da leitura ao longo de alguns séculos. Ao comparar os usos e as apropriações da leitura ao longo da história da escrita percebe-se que o indivíduo é fator determinante nas práticas da utilização da tecnologia. Tendo como objeto de estudo dois grupos de alunos de pós-graduação do Centro Universitário Geraldo Di Biase, onde pela primeira vez foi inserida a tecnologia digital como ferramenta didática, observa-se, com esse trabalho, uma nova experimentação da leitura. Dessa forma, o *tablet* como suporte de leitura é ferramenta pontual na observação *in loco*, de forma que a própria sala de aula é local de observação. Para as práticas metodológicas buscou-se na pesquisa empírica de observação não participante e participante meios de perceber o cotidiano dos alunos e professores inseridos em tal prática. Formado por diversas ações culturais e oriundo de uma educação tradicional, encontra-se um indivíduo proveniente da exclusão digital, que está sendo inserido constantemente num processo de inclusão digital, de forma frágil, mas reforçado pelas práticas do consumo e de marketing. Leitores cercados por leituras efêmeras e fragmentadas estão imersos numa era em que a concepção de quantidade é sobreposta à qualidade levando a um questionamento quanto às diversas leituras ou a procedência dos textos. De forma que até mesmo as relações sociais são estimuladas pela multisensorialidade midiática, encontra-se a tela como espaço de escrita e de leitura, mas essa não garante uma efetiva imersão tecnológica, mas um processo cognitivo que tenta inserir no cotidiano dos indivíduos o letramento digital.

Palavras-Chave: Leitura. *Tablet*. Tecnologia de Comunicação. Apropriações. Digital. História.

ABSTRACT

SILVA, Vaniele Barreiros da. *Experience of reading: Between digital and traditional*. 2012. 117f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Realize reading as a social practice, historical and cultural from the evolution of textual variations built and exercised in society is the first way to discuss the reflex of reading process. Reviewing the history of reading, based on authors as Fischer, Chartier e Manguel, we intend to immerse in the building of reading from the centuries. By comparing uses and appropriations of the reading from the history of writing we realize that the individual is the determinant factor on the practice of using technologies. The study object were two groups of post graduation students of Centro Universitário Geraldo Di Biase, where for the first time was inserted the digital technology as didacticism tool, noticing with this work, a new experimentation of reading . This way, the tablet as a reading support is the punctual tool to observed in loco, in a way that the classroom is the local of observation. The methodological practice was based on empirical research of observation non-participant and participant, in the way to realize that the students and teachers everyday that use this practice. Formed by several actions and coming from a cultural and traditional education, we find a individual that was digitally excluded, that is constantly inserted on a digital inclusion process, in a fragile way, but reinforced by consumption practices and marketing practices. Readers surrounded by ephemeral and fragmented readings, are immersed in an era where the quantity is superimposed to quality, leading to questioning the several readings or the origin of texts. In a way that social relations are stimulated by multisensory medias, we find the screen as the space of writing and reading, but this no guarantee effective technology inclusion, but a cognitive process that intend to insert individuals everyday on the digital literacy.

Keywords: Reading. Tablet. Communication Technology. Appropriation. Digital. History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3G	Terceira geração de padrões e tecnologias de telefonia móvel
A4	Tamanho de papel em acordo com a norma isso
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
GPS	Global position system
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JPG	ou JPEG: joining photographic experts group
MAC	Macintosh
MBA	Master of business administration
MP3	ou MPEG: audio layer - 3
MSN	Microsoft network
NEAD	Núcleo de educação a distância
PDF	Portable document format
PMBOOK	Project management body knowledge
PMI	Project management institute
SAP	Systeme, anwendungen und produkte
SMS	Short message service
TI	Tecnologia da informação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
USB	Universal serial bus

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DAS RELAÇÕES SOCIAIS	14
1.1	Teorizando a leitura ao longo da história	14
1.1.1	<u>Os primeiros leitores, as primeiras leituras: Mesopotâmia</u>	16
1.1.2	<u>Leituras e leitores do Egito</u>	17
1.1.3	<u>Leituras e leitores da Grécia</u>	18
1.1.4	<u>Leituras e leitores de Roma</u>	20
1.1.5	<u>A leitura na Idade Média</u>	22
1.1.6	<u>O aperfeiçoamento da leitura</u>	25
1.1.7	<u>A prensa</u>	28
1.1.8	<u>A leitura e a Revolução Industrial</u>	33
1.2	Os suportes de leitura	38
1.2.1	<u>Os suportes e as mudanças na escrita e leitura</u>	42
1.2.2	<u>Os suportes digitais</u>	46
2	METODOLOGIA E OBSERVAÇÕES EMPÍRICAS	47
2.1	Observações in loco e suas considerações	51
2.1.1	<u>Primeiro grupo: pedagogas e graduadas em alguma licenciatura</u>	52
2.1.2	<u>Segundo grupo: Bacharelados e tecnólogos</u>	59
2.1.2.1	A primeira semana de aula	60
2.1.2.2	A segunda semana de aula	65
2.1.2.3	A terceira semana de aula	67
2.1.2.4	A quarta semana de aula	72
2.1.2.5	A semana pós-aula	77
3	ANÁLISE E COMPARAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LEITURA	79
3.1	Os problemas da leitura digital – a leitura digital e as dificuldades	80

3.2	A quantidade e a qualidade da leitura	83
3.3	A concretização da leitura	86
3.4	A leitura digital	90
3.5	A leitura como apropriação e produção de significações	93
3.6	Ausências de territorialidade e a dificuldade de seguir normas	96
3.7	A difícil tarefa de manter-se conectado	98
3.8	Experiências sensíveis e os suportes: apropriação do conhecimento	101
3.9	As diferenças de manuseios dos dois meios: o tradicional e o digital	105
	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Pensar a *leitura* pode parecer algo comum, imaginando-se que esse ato é corriqueiro, cotidiano e simples. Se a constante prática é um dos caminhos para o conhecimento, acredita-se que a permanente análise das ações de *leitura*, bem como o acompanhamento das inovações no processo de construção do livro e do ato de ler, conduz às novas percepções do indivíduo. Dessa forma, este trabalho propõe uma nova experimentação da *leitura*. Desde os primórdios dos artefatos de *leitura* até a escrita mediada pela tecnologia, há de se fazer, a princípio, uma “releitura” da história da *leitura* buscando assim fundamentos para os avanços ou, quem sabe, retrocessos da *leitura* atual. Sendo assim, propõe-se pensar os instrumentos de *leitura*, as relações dos indivíduos com tais ferramentas, e com a mesma intensidade sua apropriação dos textos imersos nas constantes mudanças, sejam sociais, individuais e tecnológicos.

E como repensar os processos de *leitura*? Primeiramente, para construir este trabalho, é necessário entender o desenvolvimento e os percalços da *leitura* a partir do histórico registrado nas páginas de Fischer (2006), Manguel(2010), Cavallo e Chartier (1998), dedicados a construir a história da *leitura* de forma rica em detalhes. Busca-se neles fundamentações para pontuar o primeiro capítulo, a inserção da *leitura* nas sociedades exclusivamente orais, a instauração da complexidade nos diversos controles e registros, as relações interpessoais e de poder e o desenvolvimento dos textos e da *leitura* com a tecnologia, perpassando pelas construções sociais permitidas por tal ato. O primeiro capítulo tem como objetivo explorar também o contexto social da *leitura*, além da tentativa de dominação da produção de livros e textos, na intenção de manter uma coerção sobre o leitor, a partir do momento em que esses experimentam, com a *leitura*, a individualidade e a capacidade de desenvolver seus próprios pensamentos.

Para perceber a *leitura* como prática social, histórica e cultural, é preciso compreender sua evolução bem como as variações nas construções estruturais e simbólicas que exerceram junto à sociedade. Se a prática da *leitura*, ao tentar ser impedida pelo clero e outras elites de poder, foi reflexo do temor à desordem ou às consequências que a livre interpretação poderia gerar, é possível mensurar a importância do mapeamento dessas e de outras situações historicamente variáveis, que fazem parte do objeto de investigação dessa pesquisa. Portanto, é necessário acompanhar a evolução, pois “a ideia de *leituras* no plural e a intenção de buscar indicadores das maneiras de ler” (BOURDIEU, 1996, p. 236) são reconfiguradas a todo o momento. As situações de *leitura* sempre foram variadas, da mesma forma que acontece no

cotidiano. Dessa forma, faz-se importante a busca pela pesquisa empírica, que pode oferecer novas respostas às várias mudanças em tal processo.

Para o segundo capítulo, na busca da compreensão da *leitura* atual, serão utilizados, como foco de observação, dois grupos de alunos de pós-graduação de um centro universitário do interior do Estado do Rio, onde, como pioneiros nessa região, recebem *tablets* como parte do material didático a ser utilizado durante todo o curso matriculado. A partir desta escolha, pretende-se buscar, dentre os grupos disponíveis, ações que permitam interpretações diferentes, complementares ou quem sabe divergentes, para que o universo de pesquisa seja abordado de forma satisfatória. Reforçando-se que os alunos participantes são graduados em cursos regulares ou tecnológicos, todos advindos da própria instituição ou de faculdades vizinhas, todas particulares, buscar-se-ão ações e reações distintas dentre aqueles selecionados. O primeiro, composto em sua maioria, por pedagogos formados recentemente. O segundo grupo é formado por uma variedade de graduações e com um universo de idade e de práticas profissionais diversas. Dessa forma, pretende-se buscar práticas de *leitura*, dos mais diferentes indivíduos, além de alguns diversos estímulos e propósitos de *leitura*.

Procurando comparar a utilização, os usos e as apropriações das *leituras* no suporte tradicional e no *tablet*, serão propostas duas formas de trabalho: a observação não-participante e assimétrica e a observação participante. Vale ressaltar que não serão criados ambientes laboratoriais, mas o uso das próprias aulas em curso, percebendo-se assim a atuação dos indivíduos no cotidiano de sala de aula. A primeira questão que se propõe é buscar fundamentações de até que ponto as relações tradicionais envolvidas na graduação, e quem sabe as atividades profissionais extraclasse vivida por cada indivíduo, são influentes na intimidade do aluno com as novas ferramentas adotadas pela instituição.

Dos tradicionais cadernos para os *tablets*. Das carteiras individuais com apoio de cadernos para bancadas (que acomodam quatro alunos) com ponto de energia. Dos quadros negro de giz aos quadros brancos de caneta piloto. Há de se perceber também a mudança estrutural feita pela instituição para receber as novas ferramentas, e a prática publicitária para reforçar suas ações de marketing de diferenciação. Som ambiente, ar condicionado e *data show* em todas as salas, foram apenas algumas demandas de mudança para abarcar as novas propostas. Importante ressaltar que, além das alterações físicas, é necessário um esforço conjunto dos alunos e professores nos processos de adaptação das aulas, das formas de interação e de interatividade. Essa observação fará parte da pesquisa. Se todo o conjunto de atitudes e atividades pode interferir ou ser complementar aos artifícios de *leitura* ou, ao menos, de apoio às ações de ler, então será levada em conta toda a alteração que a instituição promoveu para

inserir as novas práticas cotidianas. Estará excluído dessa pesquisa o julgamento quanto à qualidade do equipamento fornecido pela instituição. Acredita-se que, nesse momento, tal avaliação seria complexa e ineficiente, devido à impossibilidade técnica e teórica de julgar e promover tal classificação.

Para findar o trabalho, pretende-se fazer uma comparação entre as questões teóricas que estarão abordadas no primeiro capítulo e as observações empíricas que serão explicitadas no segundo capítulo. Dessa forma, acredita-se ser possível traçar momentos de análise acerca de tais práticas de *leitura* em um ambiente ora conduzido pela professora, propondo ações em sala de aula para perceber as diversas reações e ora seguindo o curso normal do módulo observado, sem interferências ou tentativas de condução dos indivíduos. Dentre as preocupações com a *leitura*, busca-se captar a relação desses alunos com os suportes e com a dinâmica da *leitura* que se instaura em ambientes repletos de estímulos visuais e ações proporcionadas pela textualidade eletrônica. Tentar perceber de que forma, ou até que ponto as inovações tecnológicas exercem alguma influência sobre os indivíduos, buscar entender como acontecem as apropriações em relação ao texto escrito e ao texto digital, são propostas a serem desenvolvidas no terceiro capítulo.

As revoluções da *leitura*, desde suas inúmeras formas de existir, estão intrinsecamente ligadas às construções individuais e sociais aos quais os sujeitos estão imersos. Da revolução da imprensa à revolução tecnológica, o livro, em seus diversos suportes, bem como suas formas de *leitura*, são referências indispensáveis ao buscar entender as ações observadas e detalhadas em sala de aula. O século XVIII foi considerado a era de revolução de *leitura*, porque possibilitado por aprimoramentos técnicos, houve um aumento de edições circulantes na sociedade. Já a contemporaneidade está imersa nas oportunidades inúmeras de *leitura*, que foram totalmente aumentadas com a revolução tecnológica. Segundo Chartier (2009), com esse considerável aumento de publicações e impressões, há um possível excesso de itens a serem lidos, além disso, há novas possibilidades de gêneros de *leitura* disponíveis a preços relativamente baixos, tais ofertas resultaram, conseqüentemente, na possibilidade de escolha dos leitores, pois, por ora, havia diversas fontes e diversidades de *leitura*, mas havia também um aumento que demandou dúvidas quanto à qualidade e credibilidade de *leitura*.

Das *leituras* intensivas, detalhadas, preocupadas com a meditação, para as *leituras* extensivas, efêmeras, baseadas em *lead*, a ausência das conduções sacras e as informações entendidas por completo (com apenas cento e quarenta caracteres, como o caso do *twitter*), percebe-se haver uma mudança nas necessidades individuais. Dos suportes de pedra e argila, aos rolos de papiro, dos atuais códices de papel aos suportes digitais, demonstra a necessidade

de adaptação que a *leitura* foi submetida. Dessa forma, encontra-se uma grande diversidade nas revoluções das técnicas, dos suportes e principalmente das práticas de *leitura*. Há de se perceber que é possível encontrar mais leitores, mas há dúvidas quanto a habilidade de praticar tal ato. Os processos cognitivos desses indivíduos acabam por estar entrelaçados com as novidades que invadem as prateleiras, ou as páginas dos *sites* de vendas. Sendo assim, é necessário acompanhar de que forma tais sujeitos se apropriam desses equipamentos, além das possibilidades que são atreladas à tecnologia. A partir desses fatos, aspira-se a buscar novas relações de apropriações da *leitura*, pois, a princípio, a sala de aula será utilizada como local de experimentação das reações às mudanças tecnológicas.

As *leituras* descontinuadas, os *hiperlinks* e os novos suportes de *leitura* sem dúvida proporcionam acesso mais fácil e prático à distribuição da informação, mas seu uso acaba sendo pautado por individualidades do sujeito e interatividade entre os suportes de *leitura* e escrita. A tecnologia acaba por buscar novos direcionamentos aos usos cotidianos, o indivíduo, por sua vez, insere suas particularidades nas concepções de apropriação e, dessa forma faz-se necessário observar, pesquisar e acompanhar as mudanças, e as atitudes resultantes das modalidades de *leitura*. Acompanhando esse trabalho, será possível nortear novos estudos sobre os usos da *leitura*, bem como a apropriação dos suportes nas ações de produção do conhecimento.

1 O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Ao perceber as ações do indivíduo no cotidiano, é corriqueiro perceber muitas ações de leitura, sejam para se localizar em uma cidade, para escolher o prato do cardápio do restaurante, para se locomover utilizando ônibus ou metrô e até mesmo para uma distração dentro desses. Enfim, pode-se dizer que a leitura é essencial para a manutenção de diversas ações diárias do indivíduo e desde a infância essa prática é estimulada e vai sendo aprimorada ao longo dos anos. Para Fischer a leitura é mais do que a palavra falada materializada é a “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos” (2006, p. 11). A partir dessa assertiva e pelas diversas definições de leitura das quais se podem ter acesso, a partir de um considerável número de bibliografia acerca do tema, percebe-se que para o desenvolvimento dessa pesquisa é necessário caracterizar, entender e perceber o que será chamado de leitura. Esse capítulo será dedicado a tal teorização.

1.1 Teorizando a leitura ao longo da história

Segundo Fischer, a leitura nem sempre foi da maneira que se conhece hoje, é certo dizer que tal ação vem sendo praticada ao longo dos milênios pelas diversas civilizações das que se tem registro e sua prática existiu nas mais diversas formas, mas ainda na Antiguidade Clássica, que será entendida como o apogeu da civilização Grega e Romana, a leitura era uma forma de o “verbal tornar-se visível” (2006, p.13), pois tal prática ainda pouco explorada estava instaurada onde poucas pessoas sabiam ler ou tinham o porquê de aprender essa ação, já que suas aplicações eram voltadas para:

conferir uma conta, verificar um rótulo ou identificar uma chancela de propriedade. Os escribas declamadores entoavam extratos, cartas, documentos jurídicos, peãs e homenagens. Os grandes acervos de argila e papiro da Antiguidade acabaram aparecendo, embora com a principal finalidade de supervisionar e validar contas e contratos, bem como de estimular a memória daqueles que lembravam da extensa história oral (FISCHER, 2006, p.13).

Importante aqui ressaltar que muito antes de ser possível encontrar uma definição [da leitura] entre as sociedades já conhecidas, é possível acompanhar uma série de artefatos que

garantiam meios de permitir os primeiros registros e apontamento das inúmeras necessidades das sociedades, mesmo que primitivamente organizadas. Observa-se que o homem Neandertal e os primeiros homo sapiens sapiens já possuíam uma forma de registrar informações a partir de entalhes em ossos que sinalizavam algo, segundo Fischer (2006) tratava-se de informações pontuais como ciclo lunar e marcações de jogos, por exemplo. Em outro distante momento, os Incas utilizavam nós de quipo codificado por cores, enquanto os polinésios marcavam em cordas e entalhes. Já no oriente médio há registros a partir de fichas ou moedas de argila marcadas com símbolos que indicariam formas para a contabilidade enquanto os azilianos da França pintavam imagem em pedras.

Considera-se como “leitura”, mesmo que em um sentido primitivo, a decodificação da mnemônica, ou seja, os auxílios da memória, e as imagens, que ainda eram figuras pictóricas (MANGUEL, 2010). Essa arte rupestre era composta por “histórias visuais dotadas de informações com significados” (FISCHER, 2006, p.14) e podiam ser encontradas em cascas de árvores, essência, pedaços de madeira, onde, dessa forma, eram utilizadas como ‘ferramentas’ para diversas necessidades como: pequenas transições comerciais e acompanhamento de ciclos lunares. Tais símbolos gráficos utilizados para representar coisas, ainda não possuíam uma uniformização entre as diversas formas, somente com o passar dos tempos, ao suprir necessidades vieram a se tornar padronizados e abstratos, mas houve uma manutenção de seu valor fonético. Ao longo da transformação da “escrita e leitura” escribas sumérios começaram a usar outra forma de comunicação, como demonstra Fischer:

foneticismo sistêmico, isto é, passaram a coordenar de modo sistemático sons e símbolos (incluindo os pictogramas) a fim de criar ‘sinais’ de um sistema de escrita. Uma figura deixava de representar uma mercadoria real, como uma ovelha, mas, em vez disso, passava a indicar um valor sonoro específico (2006, p. 15).

Dessa forma já é possível falar em uma leitura de uma forma verdadeira ou mais próxima do que se conhece, pois há de alguma forma uma interpretação. De objeto para palavra à sequência lógica de sons:

um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. Textos completos, e não apenas palavras isoladas, podiam, nessas circunstâncias, ser transmitido, o que significava que a leitura deixava de ser uma transferência um a um para se tornar uma sequência lógica de sons que recriasse uma linguagem natural humana. Em vez de se lerem imagens, lia-se desse modo, linguagem (FISCHER, 2006, p. 15).

Uma leitura ainda voltada às ações práticas ou técnicas seja para a organização e logística das cidades, mas uma ferramenta já eficaz e facilitadora, mesmo que ainda apenas centrada em execuções de tarefas. “Ler era ita em sumério que também significava contar, calcular, ponderar memorizar, declamar, ler em voz alta” (FISCHER, 2006, p. 17), restrito aos escritores oficiais de tabuletas. Esse era o principal suporte de leitura.

1.1.1 Os primeiros leitores, as primeiras leituras: Mesopotâmia

Os primeiros leitores estão ligados aos registros da escrita suméria. Uma leitura que “envolvia a união lógica de fragmentos de informação, sem a reconstituição do discurso articulado.[...] Ao contrário da escrita, a leitura não pressupõe linguagem: a leitura é antes de mais nada visual (não oral) e conceitual (não linguística)” (FISCHER, 2006, p. 16).

Há relatos de que, em uma população de aproximadamente doze mil pessoas, apenas cerca de cento e vinte delas eram capazes de ler e escrever, isso por volta de 2000 a.C.. O cenário não apresentou grandes mudanças de 1850 a 1550 a.C., pois numa população de dez mil habitantes apenas cento e oitenta e cinco escribas eram contados, ou seja, o número de alfabetizados foi restrito em um grande período da história (FISCHER, 2006).

Acredita-se que a capacidade de escrita e leitura se torne uma atividade aristocrata apenas no terceiro milênio a.C. (MANGUEL, 2010), pois até então a leitura era uma atividade praticamente exclusiva dos escribas. Tais sumérios eram detentores de grandes responsabilidades, de forma que apenas com a leitura de um documento seria possível acabar com uma discussão sobre contas/finanças ou sobre determinada lei, mas mesmo com essa característica, o ato de escrever, ainda assim, era mais importante.

E como se formaria um escriba? Essa capacidade seria adquirida profissionalmente na Babilônia, e, volta de 1.700 a.C, já constituía-se numa atividade diferenciada destacando seu praticante da população comum. Uma atividade que exigia o aprendizado da leitura e da escrita do antigo sumério, o nativo acádio e outras atividades e ações usuais de um escriba. Vale ressaltar que, mesmo em uma escola de escribas, o conhecimento social da Babilônia era repassado e mantido oralmente. Com a difusão do uso das tabuletas de argila, por volta do terceiro milênio antes de Cristo, a escrita se transforma, pois tal suporte dava maior praticidade à produção textual. O método de ensino dos escribas agora permitia a disseminação do aprendizado da leitura, era pela reprodução que aprendiam, quando se copiava os símbolos

apresentados pelo professor escriba (FISCHER, 2006, p. 21) e pela visualização do escrito gravando sinais e reproduzindo-os. Esse aprendizado era desenvolvido dos seis aos dez anos nas escolas de formação que normalmente eram frequentadas em sua maioria por meninos. Dessa forma, pode-se considerar a leitura dos sumérios uma experiência humana onde escrita, voz e sinal eram uma coisa só.

A literatura pública e oral dos sumérios ainda era direcionada para o trabalho e não para o lazer, seja pelo reduzido número de pessoas capacitadas para tal atividade, ou pela dificuldade de acesso às poucas publicações de leitura que pudessem caber na palma da mão. Importante ressaltar que os livros disponíveis não eram possíveis para uma mobilidade, por serem grandes tabuletas pesadas e desconfortáveis. Sendo assim, a leitura servia apenas para recuperar algum texto anteriormente decorado, em um local pré-estabelecido para esse armazenamento.

1.1.2 Leituras e leitores do Egito

A leitura como um discurso visível, essa era uma das características egípcias. Declamar era a forma como que os escribas-testemunhas davam corpo à leitura oral e tal prática acontecia a partir das tabuletas cuneiformes chegadas ao Egito (foram enviadas pelos hurrianos) até por volta de 3.300 a.C., quando se começa a instaurar os hieróglifos escritos com tinta sobre os papiros. Mesmo que não se considere escrita e leitura como condição para o desenvolvimento das civilizações, há registros de que o Egito e Mesopotâmia “progrediram e prosperaram, transformando-se em grandes impérios, apenas depois do surgimento da leitura e da escrita” (FISCHER, 2006, p. 27). Pode-se atribuir tal feito principalmente à possibilidade de uma melhor organização econômica e contábil a partir da prática dessas duas ações.

Em 4.000 a.C. as atividades das cidades já estavam em grande expansão, antes mesmo de haver a escrita completa. Acredita-se que somente no quarto milênio a.C. era possível um registro para leitura em escrita cursiva (somente depois foi denominada hierática), permitindo de uma forma mais prática, apontamentos cotidianos. A literatura já era feita da direita para a esquerda sendo formalizada por volta do segundo milênio a.C..O Egito pôde experimentar um suporte que facilitaria a leitura, uma vez que o papiro permitia a junção de vários outros escritos e o transporte desses textos, a princípio uma característica facilitadora para uma possível leitura mais extensa. Não que no final do Antigo Império houvesse uma oferta de textos e de leitores que transformasse essa prática em corriqueira, mas já se registrava muitos tipos de registros

escritos como as biografias, cartas, textos sobre religião, não havendo ainda textos literários. “A tradição oral prevalecia em todos os gêneros, mantendo a escrita limitada à documentação, sem expandir-se à expressão criativa” (FISCHER, 2006, p. 28).

Outra diferença entre Egípcios e Sumérios está ligada aos letrados e sua posição social. No Egito, os letrados:

abrangiam a elite, mas não exclusivamente, pela capacidade de ler e escrever. Estes e a subelite de escribas ocupavam quase em maioria todos os cargos administrativos. Ao contrário da Mesopotâmia, não há evidências de que os escribas do Egito desfrutassem de carreiras importantes dissociadas do ofício público (FISCHER, 2006, p. 29).

Mesmo uma sociedade que adquiriu certa intimidade com os textos, apresentando muitos registros escritos, eram raros os casos de leituras ocorridas durante o período de vida tanto do autor quanto de outros leitores. Ao supor-se que tais inscrições eram direcionadas apenas para registros e não informação, entende-se o motivo por apenas os próprios escribas terem feitos tal leitura. Mesmo os egípcios sendo contemporâneos aos sumérios, a leitura e a escrita funcionaram como auxiliares no desenvolvimento social, não era uma sociedade pautada em grandes escritos (ou a dependência deles) e sim em histórias descritivas por meio de discursos e com ações voltadas para alguns tipos de registros diversos e pontuais, como transações financeiras. Não havia ainda uma prática de leitura próxima à do cotidiano, mas suas aplicações marcaram os registros arquitetônicos e diferenciou uma elite que desde muito cedo estava em contato com a leitura e a escrita.

A difusão da escrita alfabética, que possuía uma estrutura mais simples, possibilitou o ensinamento, da leitura e da escrita, a um maior número de indivíduos que de forma mais complexa, ou seja, o que apenas a memória não poderia proporcionar a leitura permitiu: uma ampliação dessa memória, que pode sobreviver ao tempo e conquistar espaços. Muito além da contabilidade “três mil anos após a elaboração da escrita na Mesopotâmia” a leitura é a “testemunha imortal” (FISCHER, 2006, p. 40) e a voz da própria humanidade.

1.1.3 Leituras e leitores da Grécia

O ato de leitura, desde a Antiguidade teve uma parte de seu valor despertado, que logo, foi percebida como uma atividade, de certa forma, temida, pois quando se perde o controle daqueles que leem e a leitura se torna algo definitivo, os livros, em suas diversas formas de

existência, são alvos de um poderio dos governantes tiranos. Esses objetos poderiam significar ameaça à soberania, devido às tantas possibilidades atribuídas à leitura. Sendo assim, os livros passaram a ser objeto de estima e desejo, principalmente de gregos e romanos, ou seja, eram preciosas posses de familiares.

Há registros da leitura grega desde 2.000 a.C. a partir da escrita silábica, mil anos depois haveria a presença do alfabeto já completo (FISCHER, 2006), com consoantes e vogais, da mesma forma que se conhece. Mas só por volta de V a.C. a leitura passa a se popularizar saindo do monopólio oligárquico e garantindo uma fonte de informações, agora, a leitura tem seu ‘poder’ acreditado. “Por meio da leitura, uma pessoa poderia visualmente ‘se tornar’ em texto e com mais leitura, até uma ‘biblioteca ambulante’ de diversas obras” (FISCHER, 2006, p. 47). A cultura da palavra escrita é registrada a partir do Século IV a. C, desde a livre importação de rolo de papiro, marcando aqui uma mudança da tradição oral para a tradição escrita. Importante ressaltar que tal marco não deve ser ainda percebido como uma mudança da sociedade oral para a sociedade escrita, pois tal ação só acontecerá bem posteriormente.

“Compreender, obter conhecimento e depois criar algo com base no texto escrito” (FISCHER, 2006, p.50), traduz de melhor forma, a principal concepção do sentido da leitura, difundida a partir de pensadores, como Hipócrates e Galeno. No século IV a.C, a leitura continua ganhando novos contornos no ocidente, onde a escrita é remetida à superioridade sobre registro orais. Mas a leitura só consegue ganhar novos horizontes com o papiro produzido em grande escala em Alexandria, onde cópias puderam ser feitas, dessa forma então, no Século III foi notável um aumento no comércio de livros, permitindo assim que a leitura não continuasse apenas como um “recurso de memória, mas um canal autônomo para transmissão de informação, interpretação e criação” (FISCHER, 2006, p.51). Aquilo que antes funcionava como um prolongamento da memória passa a ganhar uma atuação mais própria, de forma que seu destino não é ser recurso, mas o primeiro de longos passos que ocorrerão ao longo dos séculos.

O processo de ensino de leitura era demorado, passando pelo alfabeto grego, o vocabulário de termos técnicos e médicos, textos memorizados de passagens famosas de Homero e Eurípedes, por exemplo. A leitura tinha uma relação direta com a declamação, já que um significava o outro e continuavam ligados à escrita e mantidas pelo leitor declamador e a prática da oratória. A leitura, segundo Manguel (2010), não chegou a ser uma atividade que proporcionou uma relação democrática à sociedade, os livros e a prática da leitura que seria considerada como uma atividade que permitiu uma individualidade de pensamento acabou por

ser uma liberdade cerceada, mas que incentivou e permitiu uma abertura às novas escritas, agora baseadas no próprio pensamento.

1.1.4 Leituras e leitores de Roma

Em Roma, também se encontra uma construção social acerca do texto. Mesmo já utilizando a escrita alfabética, os romanos eram uma sociedade oral, o ato da leitura era compreendido ou interpretado como declamação, recital, ao mesmo tempo em que podia ser traduzido como desenrolar (desenrolar os rolos de papiro) ou estudar. Ainda eram poucos os romanos que sabiam ler ou escrever, mas uma forte característica era a de cidadãos ativos na política exigiu uma disseminação da leitura, pois todos os documentos e propostas circulantes faziam de Roma o primeiro “Império da Leitura” (FISCHER, 2006; MANGUEL, 2010), onde seus indivíduos liam e escreviam diariamente. Aos primeiros séculos d.C. os romanos liam em voz alta para si mesmo se isso demonstra haver um certo domínio de tal prática por esse povo. As leituras públicas estiveram na moda em Roma:

A leitura em público constituía um exercício benéfico. A celebridade era sem dúvida um fator muito importante, mas havia também o prazer de ouvir a própria voz. [...] Na sua concepção, ler em público era a melhor maneira de um autor obter público. Na verdade, a leitura pública era em si mesma uma forma rudimentar de divulgação[...] O autor que lê em público [...] recobre as palavras com certos sons e interpreta-os com certos gestos; essa performance dá ao texto um tom que (supostamente) é aquele que o autor tinha em mente no momento da criação e, portanto, concede ao ouvinte a sensação de estar perto das intenções do autor; ela dá também ao texto um selo de autenticidade. (MANGUEL, 2010, p. 282 e 283).

A prática da leitura era popular, mas era cercada de rituais, desde a escolha do texto, que exigia sensibilidade até a participação do público. Os textos eram selecionados por categoria e seu conteúdo deveria ser de agrado do público. Vale ressaltar que ainda que os espaços reservados para recitais e leituras fossem constantes, não caracterizava um domínio de interpretação individual ou da “literatura silenciosa” ou da “literatura não oral”. As leituras serviam como compartilhamento das ideias do autor, dessa forma, suas proposições ficavam restritas a serem submetidas às interpretações do público. As entonações se encarregavam de demarcar os argumentos, a “leitura punha mais ênfase no texto que no leitor” (MANGUEL, 2010, p139).

A leitura era feita preferencialmente durante o dia, já que a iluminação artificial nas casas era difícil e cara. Outra curiosidade ou fato eram os problemas de visão dos leitores, tal problema foi fator que contribuiu para que ainda houvesse a leitura por empregados e escravos, se os patrões não conseguiam ler, seus serviçais eram olhos oficiais. Os romanos tinham uma leitura regular, mesmo que isso desagradasse aos médicos devidos às mazelas que o excesso de leitura poderia causar. Como acontece hoje, as formas e as preferências de leitura eram questionadas, havia preferência por esse ou aquele estilo de interpretação dos textos entre a eloquência e a concisão de alguém, a brevidade e a objetividade do erudito, ou seja, entre os discursos dos palanques e os estudos detalhados e fundamentados dos eruditos. Nascia daí a divisão entre os grupos de leitores, os da elite que apreciavam as características da erudição e a maioria da população optante pela “retórica convencional e compravam os gêneros populares que a aplicavam e perpetuavam. Algumas casas de campo no século V d.C. possuíam clássicos em latim para os homens e as obras religiosas para mulheres” (FISCHER, 2006, p.73). Desde então os gêneros demarcavam a distinção dos indivíduos e classificar leitores e escritores

Além da Grécia, também em Roma os presságios foram conhecidos a partir dos textos: um leitor poderia perceber uma nova interpretação, não pretendida pelo outro ou pelo leitor. “O texto veio a ser um código privado, em outras palavras, o símbolo secreto de um duplo destino: corporificava o desgosto ou o bem, dependendo da interpretação, das necessidades ou do estado de espírito do leitor” (FISCHER, 2006, p.74). Tais leituras não estavam destinadas “à informação, à erudição, à explicação ou à diversão, mas sim à leitura da sorte das pessoas” (FISCHER, 2006, p.74). Esses presságios serviam às possíveis previsões e interpretações de futuro ou de vida, alguns indivíduos tinham o texto apenas com essa função. Os poemas de Virgílio, por exemplo, foram muito utilizados para a previsão do futuro, consultavam, aleatoriamente, os rolos de papiro que estavam disponíveis em templos dedicados à deusa Fortuna (FISCHER, 2006).

Em Roma, dois autores eram fonte de estudo, leitura e ditados ou muito utilizados em declamações, Homero e Virgílio, mas sempre na coletividade, normalmente não eram os escolhidos para uma leitura individual. No império Romano também foi possível ver a respeitabilidade atrelada aos professores eruditos, a mais alta autoridade foi conciliada e atribuída à cultura literária. No século VI, houve um declínio na prática da leitura pública que “decorreu de vários fatores: patrícios que abandonaram os grandes centros, declínio do ensino, ou enfraquecimento do comércio de livros, invasões germânicas e outras mudanças” (FISCHER, 2006, p.75). Outro fator que contribuiu para esse enfraquecimento, foi a entrada das letras vernáculas, que gerou uma fragmentação do tradicional latim.

1.1.5 A leitura na Idade Média

“Observou que as pessoas leem às vezes sozinhas, em silêncio, quando se concentram em algum assunto, uma vez que atribuir voz às palavras pode distraí-las do pensamento” (FISCHER, 2006, p.83). Não se tem uma precisão de quando se data o silenciar das leituras. Os registros de leitura pública estão por todos os lados, mas para a leitura íntima é possível encontrar fragmentos de diversos leitores em fases diferentes que a praticavam. Em 384 d.C., Santo Agostinho relatou a surpresa em ver seu professor cujos “olhos atentamente corriam as páginas e seu coração buscava o sentido, mas sua voz permanecia em silêncio” (Santo Agostinho *apud* FISCHER, 2006, p.82), em V a.C. “Demóstenes olha para uma tabuleta mandada por um oráculo e, sem dizer em voz alta o que contém, parece ficar surpreso com o que leu.” (MANGUEL, 2010, p. 59), só se data essa leitura silenciosa quando já se tornara mais usual, no século IX d.C. percebe-se que além da “nova” prática de leitura, o silêncio propicia novas relações do indivíduo com o livro.

Pratico o silêncio, para que os versos de minhas leituras e preces preencham-me com alegria. E quando o prazer de compreendê-los silencia minha voz, como um sonho, ingresso em um estado em que meus sentidos e pensamentos ficam concentrados. Então, quando no prolongamento desse silêncio a desordem das memórias é tranquilizada em meu coração, ondas ininterruptas de júbilo chegam a mim pelos mais íntimos pensamentos, além das expectativas surgindo do nada para regozijar meu coração (SIRIA *apud* FISCHER, 2006, p.146).

“Alguns versos possuem significado exato – são o alicerce do livro – mas outros são ambíguos. Aqueles cujo coração está infectado pela descrença seguem a ponte ambígua, criando assim a discórdia... Ninguém conhece seu significado a não ser Deus” (FISCHER, 2006, p.139). Seja para uma proteção da própria leitura, para não gerar dúvidas ou em respeito às doutrinas religiosas, por motivos pontuais ou causalidades, logo após a leitura silenciosa se tornar mais usual, as palavras passaram por uma remodelação em que foram submetidas a uma separação entre elas permitindo, assim, um melhor entender da leitura. Essas mudanças foram voltadas principalmente para a facilitação da leitura silenciosa, pois as composições textuais estavam voltadas para a oralidade, pois era possível a construção de pausas e enfatizar as ações a partir da entonação da voz.

É possível perceber que os primeiros escritos, como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero “épicas primários ou orais, seu objetivo original é a declamação” (FISCHER, 2006, p.85). A *Eneida* de Virgílio “é um épico secundário ou literário, seus principais atributos residem na

individualidade e na grandeza do estilo e da expressão literária” (FISCHER, 2006, p.89). As formas de escrita e conseqüentemente suas leituras estão ligadas e são características às épocas da qual pertencem. Assim sendo, percebe-se que a introdução da leitura na rotina trouxe alteração na forma de produção literária. De textos repetitivos, prolixos e truncados que estavam voltados para a expressão gestual e direcionada a grupos de ouvintes, aos textos organizados e mais concisos com uma nova organização visual.

Com o novo formato na disposição do texto escrito, ou seja, com a demarcação de pontuação, a melhoria na composição de frase e orações, acabaram por facilitar a leitura, principalmente ao permitir que se pudessem entender melhor os textos antes truncados e repetitivos, que exigiam maior concentração e geravam grandes problemas de interpretação. A ausência dessas demarcações dificultava a leitura e a compreensão, mas não eram os únicos fatores determinantes, pois a forma prolixa de expor as ideias e o rebuscamento das palavras também contribuía para esse feito. Com o latim assumindo uma forma fixa, por volta do século IX, isso o deixou muito próximo à estrutura falada, seja pela clareza, pela forma mais simplificada e uniforme que acabou por proporcionar a reforma educacional. Passar a reconhecer dos conjuntos de letras e a separação pela pontuação permitiu, de forma mais fácil, uma relação menos complexa entre o ato de ler e compreender.

Essas reformas foram essenciais para desagregar a escrita da fala, permitindo uma organização visual e, principalmente, a prática da leitura silenciosa, ação essa que modificou a atuação de boa parte da sociedade. Sem a necessidade de oralizar para entender e perceber o texto considera-se esse um importante passo para o silêncio.

O leitor não mais compartilhava o texto com outras pessoas ou conferia sons às letras. Já era possível ler em segredo, em silêncio, aproximar-se de conceitos de modo direto, permitindo que os pensamentos fluíssem em um nível superior de consciência, fazendo referências cruzadas e comparações, ponderando e avaliando (FISCHER, 2006, p.149).

A leitura silenciosa é introspectiva, a reorganização das letras e da pontuação e a não necessidade de interpretar palavra por palavra permitiu o estudo dos textos, e a meditação sobre as ideias desenvolvidas pelo autor. “A leitura transcendeu sua função social de ferramenta caracterizando-se agora como aptidão humana” (FISCHER, 2006, p.149), percebe-se que agora a leitura chega a um patamar mais próximo ao que se conhece, porquanto estar diante do texto é poder mergulhar em novas possibilidades atreladas à individualidade do pensamento, onde não há censuras e sim oportunidade para criação ou divagações.

Na fertilidade de suas próprias construções sociais o indivíduo pode, a partir de sua memória, crença ou ideal, construir novos caminhos e encontrar novas interpretações para leituras antes conduzidas por ideologias, por exemplo, era uma forma livre. Ao pensar que a comunicação individual e sem censura pode, causar aos novos leitores relacionamentos diversos sem interferências, quem sabe tal característica proporcionou diminuição em sentimento de medo, por exemplo, o que causa maior confiança ao desvendar as novas ações, possibilidades e até mesmo na autoconfiança daquele que possui tal sensação. A “psique social” (FISCHER, 2006, 149), como fator importante na concepção de individualidade e resultado dessa introspecção da leitura. Sendo assim, na Idade Média a leitura silenciosa possibilitou o indivíduo não estar submetido à censura da igreja ou às caracterizações de heresia, somente a reclusão da própria leitura.

A leitura parece ter alterado as formas de pensar, mas foi além, ela possibilitou o questionar e discutir com o próprio texto. Fácil entender o motivo de o poderio da elite ter se incomodado com essa nova ação social, pois agora as ferramentas são individuais, o que acaba por amedrontar aqueles que podem vir a ter soberania posta em cheque, pois incoerências podem ser percebidas no reduto e silêncio do próprio lar. Pode-se também repensar o discurso do clero, instaurando aí uma era desafiadora para a verdade única e absoluta. Isso não significou que esse poderio sempre foi contra tal ação social, já que, durante muito tempo, tais construções foram aliadas das elites.

De um ponto a outro, essa é a sensação que tal ação produziu: do extremo barulho, entonação e ação em pares, para o isolamento e o silêncio das mímicas. Vale ressaltar que não houve a extinção da leitura oralizada, mas, nos locais sossegados, principalmente nos *scriptoria*, “o escriba tinha que usar uma linguagem especial de sinais quando precisava de um novo missal para copiar, por exemplo, ele fazia o sinal da cruz; quando desejava copiar um texto profano, espreguiçava-se como um cão” (FISCHER, 2006, p.150). Entre os séculos XII e XVI algumas novas leituras foram introduzidas ao cotidiano ocidental, como o livro das horas, o livro das preces, que por ora poderia substituir a bíblia, que ainda não era de fácil acesso particular e individual, devido ao alto preço na produção ou cópia. Dessa forma, com esse livro os fiéis recebiam as palavras sagradas individualmente em idiomas vernáculos, o que até então era inconcebível, mas que foi mais uma ferramenta que permitiu a livre interpretação dos fiéis. Se a igreja precisava se reaproximar dos fiéis, a saída foi aproximar esses indivíduos da sua própria crença, assim “trazia as palavras sacras para um cenário contemporâneo do leitor” (MANGUEL, 2010, p.155).

“Cenas bíblicas agora apareciam em cores claras, iluminadas pelo sol incidindo do alto; púlpitos com complexos entalhes em pedra eram erguidos na direção do céu” (FISCHER, 2006, p.155). Um encantamento visual e quem sabe uma forma de direcionar as leituras silenciosas, que até então, como apresentado, estavam permitindo possíveis novas formas de interpretação, pois depois (por volta de XIV) essa aparência atrativa foi transposta para livros, onde apenas as imagens continuavam a falar por si próprias. “As escrituras não eram apenas sagradas pelo conteúdo, mas o próprio ato de lê-las era considerado um caminho amplo, conduzindo ao conhecimento divino e ao fortalecimento moral” (FISCHER, 2006, p. 159). O ambiente acolhedor e divino dos templos era prolongado nos livros, permitindo assim um reforço aos discursos do clero e da supremacia da igreja.

1.1.6 O aperfeiçoamento da leitura

Na Alta Idade Média, para haver um aperfeiçoamento da prática da leitura, após o aprendizado básico, os alunos eram incentivados a ler “de modo apropriado” que eram seguir algumas etapas pré-determinadas. O que se poderia pensar na prática de leitura? Ou o modo apropriado de ler? O que se pode relacionar a princípio são os modos de como essa prática é aprendida para depois analisar suas formas de apropriação. No século XV, por exemplo, os ensinamentos e as primeiras práticas de leitura eram a partir das preces diárias, pois acreditava-se que essas cópias seriam de fácil aprendizado pela assimilação do discurso completo.

Antes da metade do século XV, o ensino na escola de latim [...] fora rudimentar e indistinto, seguindo os preceitos convencionais da tradição escolástica. Desenvolvido principalmente nos séculos XII e XIII por filósofos para quem ‘pensar é uma arte com leis meticulosamente fixadas’, a escolástica mostrou-se um método útil para reconciliar os preceitos da fé religiosa com os argumentos da razão humana, resultando numa *concordia discordantium* ou ‘harmonia entre opiniões divergentes’, que podia então ser usada para aprofundar um ponto do argumento. Logo, porém, a escolástica tornou-se um método de preservar ideias e não de trazê-las a tona [...] Em essência, o método escolástico consistia em pouco mais que treinar estudante a considerar um texto de acordo com certos critérios preestabelecidos e oficialmente aprovados, os quais eram inculcados neles às custas de muito trabalho e muito sofrimento. No que se refere ao ensino da leitura, o sucesso do método dependia mais da perseverança do aluno que da sua inteligência. (MANGUEL, 2010, p.92)

O método escolástico da Alta Idade Média consistiu em uma unificação de disciplinas, entre elas teologia, filosofia e educação no intuito da construção de uma formação básica e

lógica, pré-estabelecendo evidências e discussões. Era a tentativa da união da razão humana com os preceitos religiosos, desejando assim uma forma argumentativa coerente com os desejos dos poderes dominantes:

é o nome mais genérico para aquilo que, na verdade, foi um conjunto de disciplinas. Os eruditos que estavam convencidos de que os preceitos da fé religiosa podiam ser conciliados com os argumentos da razão humana combinaram os ensinamentos dos Padres da Igreja com os de Aristóteles (FISCHER, 2006, p.164).

Transformou-se em dogmático, ou seja, a “recepção do conteúdo deveria ser peneirada pelo filtro dos critérios escolásticos. O leitor deveria receber a sabedoria, mas não obtê-la” (FISCHER, 2006, p.165). As leituras eram cerceadas por análises e busca por esclarecimentos da obra, com anotações feitas nas margens e entrelinhas do texto a partir de observações e comentários do leitor. Outro acontecimento no escolaticismo foi a excessiva prática de abreviação, adotadas por copistas que pretendiam facilitar a compreensão dos leitores fazendo ligações das palavras, mas tal característica levou a uma dificuldade maior de entender o texto, pois gerou uma densidade, por vez indecifrável. Tal proeza ficou a cargo de um pequeno grupo da sociedade composto por estudiosos que o tinham por prática diária. O latim também foi uniformizado, agregando aos seus conhecedores estudiosos intelectuais Europeus, o que proporcionou um aumento de obras eruditas e então a leitura chega a ser conhecida como aquela propulsora de toda a forma de conhecimento.

Com o crescente número de livros, novos recursos tiveram que ser explorados como: os títulos de capítulos, índices iniciais coloridas, citações diretas e outras características poderiam facilitar e tornar a leitura mais útil, bem como as formas de catalogação que um dia já foram utilizadas na Biblioteca de Alexandria. No século XIV, já se percebe mais uma alteração nas formas e experiência da leitura.

Muito comum na Antiguidade era a especialização em uma só área, para que um leitor conseguisse alcançar certa excelência de leitura, ou melhor, “ler com rapidez a maioria dos textos de sua aula, após ter investido muitos anos em incansáveis esforços para alcançar tal destreza. Entretanto, se esse mestre mudasse de setor [...] seus olhos ficavam, de repente, paralisados” (FISCHER, 2006, p.163). Cada área possuía seu vocabulário de formas de apresentação, o que levava à dificuldade de um leitor se aproximar de outra área.

“A leitura o ajuda, sim, a suportar a inquietação da vida” (FISCHER, 2006, p.171). A leitura ganha cada vez mais alguma nova característica ou aplicação: seja para organizar os pensamentos, seja para buscar novos artifícios de memórias como meio de organização

individual, essa prática passa a fazer parte da construção individual. “Um livro passaria para sempre a representar um repositório de numerosos fatos e frases que podiam ser saboreados ou assimilados, retidos ou descartados conforme conviesse a cada leitor de acordo com a habilidade e a inclinação” (FISCHER, 2006, p.172). Definitivamente havia se alterado as relações dos indivíduos com a leitura, bem como havia uma expansão da ação de tal prática, por volta de 1316, haveria duas ou quatro formas de ler: a forma literal e o figurado ou onde o figurado ganha três expectativas a alegoria, o analógico e o anagógico. Fischer (2006) relata, então, que, com tal possibilidade, os estudiosos buscavam as possíveis vertentes de interpretações ou significados dos textos.

Considerando essa evolução da caracterização da leitura, desde aí (século XIV) se percebe então a proliferação de uma leitura diferente da eclesiástica, aquelas disseminadas a partir das cópias em massa voltadas para vendas e lucros. Com novas e diversas publicações, no mercado viu-se a necessidade das “versões autorizadas” pois, com as possibilidades interpretativas e as costumeiras anotações no entorno do texto era necessário ordenar e legitimar as cópias, para que não sofressem alterações e quem sabe deturpações a partir dos arquivos originais.

De ouvinte público para leitor público. Do latim para a prosa vernácula. Os livros em sua maioria passaram a ser lidos e não ouvidos, isso a partir do século XIV quando ler e escrever passou a ser uma constante. Isso não significou o fim da leitura pública, ainda se encontrariam relatos de poemas que, ao serem lidos, eram claramente associados à atuação para outras pessoas, cheios de detalhes característicos de encenações de leituras quase teatrais. Pode-se citar como autores que registravam o texto para leitura Jean de Joinville (1309) e Ludivico Ariosto (1507). Fischer e Manguel (2006 e 2010) relatam que na verdade essas leituras teriam se tornado um passatempo entre os familiares.

O indivíduo rendido à leitura passa a ter um maior repertório, dessa forma acredita-se que ele esteja, de melhor forma, munido de argumentos que proporcionem o desenvolvimento de outras ideias e propostas. Tal capacidade permitia principalmente uma abertura ao questionamento, que indiretamente desenvolveu novos pensamentos que antes eram dominados pela igreja. Isso não significou o fim da supremacia clerical, mas a necessidade de um constante desenvolvimento, seja administrativamente nas formas de convencimento, nas relações pessoais ou de pares. É possível encontrar outra forma de diversão, a disseminação de uma comunicação efetiva e porque não dizer multiplicadora, de forma que o indivíduo interpreta suas possibilidades através de uma composição única e interpretativa que pode ser somada à construção coletiva e social de várias outras leituras. Dessa forma, pode-se considerar que a

leitura acaba sendo uma ferramenta que possibilita a individualização do pensamento e da reação. E esse repertório é submetido a diversas outras intervenções individuais, gerando novos repertórios que possibilitam a constante mudança social. Sendo assim, a leitura torna-se ferramenta e:

Por meio dela, o leitor se tornava um agente, à medida que o autor passava a ser apenas um guia que indicava uma variedade de caminhos ao público selecionado e invisível. S os leitores-ouvintes do início da idade média quase sempre ouviam um coro de vozes entoando a ladainha Cristã em um harmonioso uníssono, os eruditos ‘humanistas’ do final da idade média liam em silêncio todo um mundo de vozes. Cada um entoando uma canção diferente, em diversos idiomas. E com o aumento da alfabetização, os laicos não precisavam mais da indicação da igreja, já que por meio da leitura individual e silenciosa o diálogo divino se concretizava, tornando-se privado e solitário (FISCHER, 2006, p. 184 e 185)

1.1.7 A prensa

Em 1450, na Alemanha, viu-se aquela que seria a primeira impressão com tipo móvel de metal: a página impressa. A partir daí, percebe-se mais uma nova mudança nas concepções da leitura, bem como da sociedade, levando-se em consideração que uma está ligada a outra. Do pergaminho para o papel, a página impressa foi uma ferramenta que proporcionou a primeira de grandes rupturas nas concepções intelectuais e históricas.

A leitura silenciosa e o aumento de livros e páginas impressas permitiram aos leitores outra relação com a leitura: aos poucos os indivíduos tornavam-se mais ativos nas relações literárias. Não houve apenas uma mudança permeada em estruturas, mas na possibilidade de variedade de tipos e quantidade de leitura, o público pôde vivenciar novos temas que poderiam ser escolhidos por gostos pessoais, além dos praticamente impostos e mais acessíveis clássicos religiosos. Segundo Henri Jean Martin (*apud* FISCHER, 2006) a prensa permitiu uma mudança da oralidade para o escrito que:

resultou, em última análise, em algo inédito - a expansão de mecanismos que possibilitaram ao homem uma nova visão de si próprio e um espírito de abstração. Incentivou uma lógica do ato, assim como uma lógica da palavra, além de uma possibilidade de se chegar a decisões fundamentadas e a uma medida mais elevada do autocontrole (FISCHER, 2006, p. 190).

Estar além das convenções dos padres, ter a possibilidade de interpretação de outros textos (que não os religiosos) são apenas algumas ações propiciadas pela multiplicação de livros

permitidos pela impressão. Com cerca de vinte e sete mil títulos distribuídos a partir de mais de noventa milhões de cópias entre os anos de 1450 e 1500 (FISCHER, 2006), é importante ressaltar que a principal alteração é pela oferta de livros. O que antes era restrito ao Livro das Horas e às concepções clericais; o que se era restrito à aristocracia pelos altos valores das cópias dos pergaminhos; as leituras convencionadas dos vitrais e da bíblia dos pobres são sobrepostas pela acessibilidade permitida pela quantidade de obra e pelas reproduções facilitadas. Tendo como suporte o papel e a tinta, a prática e eficiência na distribuição e multiplicação dos textos escritos foram permitidas pela tecnologia que permitiu a sobreposição do alfabeto completo a partir de tipos móveis. Dessa forma:

A imprensa, uma parte integrante da história geral da civilização, modificou a sociedade de forma fundamental. Oferecendo ao público cópias quase infinitas de textos idênticos, por meios mecânicos, ela transformou uma sociedade cujo acesso era quase limitado em outra cujo conhecimento era quase ilimitado. A prensa, na verdade, tornou viável a sociedade moderna. Não seria exagero afirmar que o advento da imprensa foi tão importante para a humanidade quanto o domínio do fogo e da roda (FISCHER, 2006, p. 196).

Além dos lucros, há o reforço da prática da leitura sem interferências e traduções de apenas uma interpretação, há também a possibilidade da leitura em língua clássica e ferramentas de suporte como o de dicionários que facilitam ou permitem uma “conversa” com as ideias originais do autor. Estar longe dos comentários e cerceamentos de mediadores é mais um reforço que os livros impressos contribuem. Do “árduo processo de decifração” ao “ato de puro prazer” (FISCHER, 2006, p.195), todas as alterações ocorridas no suporte, bem como todos os desenvolvimentos em torno da prática da leitura nesse novo suporte podem configurar um maior uso de tal ação.

Com o lançamento do primeiro livro de bolso, na Europa, em 1501, pode-se experimentar mais uma nova forma de relação com a leitura como diversão ou entretenimento em ambientes fora dos preparados para a leitura estudiosa. Multiplicaram-se os impressores, da mesma forma os livros circulantes nas cidades europeias, sobretudo Veneza. Aconteceram também mudanças de atitude e de relação com a análise e a percepção do livro. A partir de uma leitura totalmente individualizada, podem-se vivenciar as novas maneiras e possibilidades de socialização. Os métodos e modos de ensino passaram por mudanças de forma a produzir mais alfabetizados e conseqüentemente mais livros lidos, por diferentes pessoas, logo mais possibilidades de interpretação, mas isso não significaria o fim da hegemonia da moral cristã, apenas a possibilidade, ou quem sabe, a habilidade para o questionamento e principalmente as novas construções propiciadas pela criatividade.

Um leitor capaz de ponderar decisões a partir do repertório que se pode adquirir devido à diversidade de literatura é submetido às mudanças de atitudes que podem ser percebidas a partir das manifestações sociais como “as teses e o protestantismo de Lutero, a cosmologia de Copérnico, a expansão pelo Novo Mundo e pelo Pacífico, e muito mais” (FISCHER, 2006, p. 197). Isso não quer dizer que os não letrados foram extintos, mas reduzidos, o que chegou a gerar tensão entre um grande grupo e outro de proporções cada vez menores devido ao fato de o letramento ser algo incontestável, ou seja, a escrita era garantia de veracidade. “A escrita, como sabemos, privilegiava os letrados e, por ser algo incontestável, predominou” (FISCHER, 2006, p. 198). A leitura e os leitores eram detentores de tais certezas e créditos, vale lembrar que devido ao crescimento dos letrados, a prática de leitura não está mais, necessariamente, presa a categorias sociais, que privilegiavam os membros da elite ou da igreja, mas torna-se acessível àqueles que outrora não se poderiam inserir no universo de domínio do letramento.

As relações com as leituras passaram por uma nova mudança no momento em que são submetidas à outra modificação material: da reprodução do manuscrito às identidades do texto, “os leitores não decifravam mais cada palavra de um texto, não mais adaptavam, aprimoravam, corrigiam e/ou censuravam o autor com cópias à mão para colegas, amigos e familiares. O texto impresso ficava petrificado, imutável, definitivo.” (FISCHER, 2006, p.200), de forma que (o texto) perdeu a personalidade da escrita à mão, ganhando uma nova forma de percepção e apresentação, esse principal aprimoramento fez com que o próprio leitor mudasse sua relação com o livro e a sua “condução” da leitura. “A leitura moderna nascia inserida nessa percepção modificada da palavra escrita na segunda metade do século XV” (FISCHER, 2006, p.200). Percebe-se aqui o desenvolvimento de uma leitura mais desprendida, de forma o leitor poder “discutir diretamente com o autor”, sem que essas ideias fossem interferir nas concepções dos livros. Um hábito medieval que se perdeu quando as inúmeras contribuições e discussões em formato de anotações, nas margens dos manuscritos, quando o livro foi impresso e se tornou pessoal e individual. Se houve o aumento dos números de livros circulando, cresceram também os desejos de lucro. A consequência de tal novidade mercadológica foi inflamada pelos livreiros que incentivaram a leitura e um novo nicho financeiro motivado pelos livros que agora estão impressos em letras vernáculas. Essa facilitação ao acesso individual inseriu ao público de leitores pessoas que até então estavam à margem da prática de leitura, com mulheres, por exemplo.

Percebe-se claramente que a leitura tomou grandes proporções, pois chegava a gerar um temor em autoridades, seja política ou religiosa, por aquilo que uma relação íntima com a leitura, por longo período, poderia causar. Muitos livros queimados, muitas proibições

instituídas e a retomada da igreja na condução da alfabetização ou das leituras e do que poderia ser impresso, foi a princípio a estratégia de retomada da aceitação do poder perdido na liberdade da interpretação livre. Havia muitos livros, livreiros, mas a alfabetização não era totalmente ampla e irrestrita entre séculos XV e XVI e a posse dos próprios livros, mesmo abundantes em comparação à pré-prensa, ainda era pequena, o que havia em grande quantidade de produtos impressos eram cartas e pequenos textos. Os leitores de livros ainda eram em sua maioria elite ou pessoas do clero. Pessoas “comuns” ainda liam com dificuldade e:

preferiam livretos de baladas e contos, livros de horas baratos e os livros elementares que seus filhos talvez usassem nas escolas locais, se houvesse alguma [...] Possuir e ler um livro de verdade, um volume encadernado em couro refinado e impresso em papel de excelente qualidade, até esse momento, era privilégio dos ricos e daqueles de elevado status social. A cultura da leitura de livros solidificou a divisão entre as classes sociais, destacando e apoiando os poucos que ainda controlavam os muitos (FISCHER, 2006, p.206).

Agora, trata-se de um relacionamento que ao mesmo tempo é amplo, por não estar preso às relações religiosas ou dominantes e estreito por assumir um papel mais próximo e individual, pois a prensa permitiu aos textos estarem em casa, para interpretação particular. “Não foi por acaso que, logo após a invenção da imprensa, a Alemanha tornou-se a mola propulsora da Reforma, movimento político e religioso inspirada na tentativa de renovar a Igreja Católica Romana, o qual resultou na formação das igrejas protestantes da Europa” (FISCHER, 2006, p.207). Com essa “nova” intermediação ou com a nova ameaça à igreja católica a principal força de poder e dominação ideológica mais uma vez era ameaçada pela leitura. Com a Reforma, Lutero defendia a ideia de que todos tinham direito de se aproximar da Palavra de Deus sem a interferência ou o direcionamento da igreja e para isso deveria estar no idioma determinado e utilizado pela igreja. Ler desde criança, aprender a partir da leitura e das próprias interpretações essa era a nova fase da leitura, permitindo e incentivando a produção de contabilizados milhões de volumes que agora pertenciam, eram lidos e produzidos para as famílias no âmbito recluso do lar. Fácil de imaginar o quão desagradável era essa constatação pelo clero, pois essa leitura indiscriminada, bem como suas traduções para diversos idiomas estariam produzindo novas bíblias e conseqüentemente novas interpretações que poderiam ser diferentes, alteradas e não fidedignas aos registros originais.

Dos desafios da leitura para igreja, aos desafios dos livros para a aristocracia. Em resumo, durante os séculos XIV e XVIII essas foram as grandes rupturas pelas quais a escrita e a leitura foi submetida. O mercado editorial foi sendo aquecido a partir das respostas dos leitores, da classe média, que agora não estavam apenas presas ao clero e aos nobres. As leituras

em grupos não foram extintas, aconteciam em ambiente informal, mas não eram apenas leituras religiosas, eram romances, novos gêneros e resgate de diversos por ora esquecidos e outros que viessem a atrair mais leitores. Entre os séculos XVI e XVII houve um aumento da população nobre e tal desenvolvimento auxiliou na prosperidade local, o que fez surgir as escolas e conseqüentemente a difusão da alfabetização e aconteceu também o crescimento do número de alunos matriculados na escola de ensino superior. Acredita-se que essa nova fase que estava sendo desenvolvida com projeções de sucesso parecia gerar qualidade em uma elite culta.

Desde o final do século XV pequenos impressos passaram a circular diariamente, eram cartas e textos mais curtos visto que livros individuais ainda existiam em pouca quantidade. Essa leitura cotidiana foi gerando publicações constantes, principalmente como ferramenta funcional e útil entre banqueiros e comerciantes, pois relatavam alguns fatos de interesse comum como eventos e acontecimentos. Pela dimensão e demanda desse tipo de leitura, percebem-se aqui os primeiros rascunhos das leituras de jornal. É importante ressaltar que essas publicações já despertavam interesse de cunho político a serem propagados por esses impressos que serviam como plataformas favoráveis para o desenvolvimento de manifestações, logo, esses “produtos” seriam de fácil adesão entre os diversos indivíduos leitores. Durante os séculos XVI e XVII a leitura foi a principal forma de se adquirir conhecimento e informações. Seja de forma ouvida ou lida, eram os meios informativos para grandes números de pessoas. As leituras populares encontravam o ponto ideal para existir, bem como os assuntos eruditos e intelectuais passaram a ser impressos em editorias específicas pela Europa, ou seja, encontrava-se certa segmentação para gosto ou tipo de leitura.

Com a Reforma Protestante, a popularização dos livros principalmente aqueles que lembravam os impressos da biblioteca azul, que eram livros de bolso produzidos em papel barato, encadernados com papel azul e vendido a baixos preços, agora chegaram diretamente às diversas casas, pelos vendedores ambulantes, que foram grandes responsáveis para a literatura circular durante a Reforma. Novos gêneros de livro chegavam às mãos de diversas pessoas, esse foi o principal meio para se dissipar por completo a ideia de que a leitura devia estar além do poder e do entendimento do clero e a elite. “Os livros tornaram-se muito mais acessíveis e produzidos em tamanhos que possibilitaram a facilidade de transporte e manuseio. Transformaram-se em antigos comuns, e, em muitos círculos sociais, a capacidade de ler era comum” (FISCHER, 2006, p.227). Percebe-se, ainda, que a leitura começava a fazer parte da composição do indivíduo daqueles que tinham contato ou conferiam como usual e cotidiana a faziam de forma prazerosa e os que ainda não descobriram desejavam conhecê-la.

Essa concepção da leitura, como poderosa ferramenta, pode ser notada (ou foi reforçada) quando houve a tentativa de se bloquear o acesso à leitura dos escravos de colônias do Sul da América do Norte, em por volta de 1660, por exemplo. Tentavam coibir duramente, sob castigos, quando os considerados proibidos fossem “flagrados” lendo ou ensinando aos escravizados. Acredita-se que tal “meio” estaria centrado em evitar o conhecimento a essas pessoas, pois, como dito, o conhecimento pode gerar questionamentos e, quem sabe, rebeliões em busca de direitos. “Do mesmo modo como pensava Sócrates, a leitura novamente era considerada uma ferramenta perigosa. Não porque as palavras escritas, por serem ambíguas naqueles escritos primitivos, pudessem confundir a compreensão correta” (FISCHER, 2006, p. 229). Do papiro ao pergaminho. Do pergaminho à página impressa. Da elite culta ou clero para uma leitura como forma de maior acesso e mais importante para o acesso ao conhecimento, agora não mais restrito apenas a uma elite ou aos cultos, mas para toda a sociedade. Logo, a leitura ganhou importantes contornos para e na sociedade, saindo da condição de artifício da escrita para uma construção social, individual, intelectual.

1.1.8 A leitura e a Revolução Industrial

“A leitura é para a mente o que o exercício é para o corpo” (FISCHER, 2006, p.229). É fato que as várias formas, usos e apropriações da leitura são pautados em algumas diferenças. “A Revolução Industrial, que ao mesmo tempo deu poderes e enriqueceu a Inglaterra, a Escócia, o norte da Irlanda, os Estados Unidos, a Holanda, a Escandinávia, o norte da França[...] foi também o resultado direto da instrução: ou seja, da leitura” (FISCHER, 2006, p. 233). Tal comparação, entre a prática da leitura e a transformação que ela pode proporcionar, permite observar que leitores podem possuir capacidade de desenvolvimento superior sobre aqueles que não fizeram uso dessa prática, independentemente do local de tal apropriação as ações que incluem leitura proporcionam uma forma de diferenciação entre países de leitores e não leitores. “Daí em diante [século XVIII] a leitura passa a ser vista não como um local fixo, mas como um caminho a ser trilhado” (FISCHER, 2006, p.234). A leitura extensiva permitia conhecer mais assuntos, ou seja, buscar mais quantidade de informações que acabavam por ser superficiais, principalmente ao serem comparadas às leituras intensivas. Ao final da Idade Moderna (por volta de 1786 e 1790), na França, por exemplo, mais de 70% dos homens e 44% das mulheres assinavam os próprios nomes, não se supõe aqui que tal acontecimento seja um marco no

letramento, mas apenas o apontamento de que de alguma forma os indivíduos buscavam algum tipo de adaptação a partir das mudanças sociais. No final do século XVIII grande parte dos indivíduos já tinha por seu cotidiano a leitura e a palavra impressa diária e principalmente diversa, o que substituiria a leitura concentrada em poucos livros e praticamente sem a possibilidade de escolha de gênero ou a forma de leitura.

Os camponeses, por exemplo, ainda tiveram dificuldade na leitura, para se entender era preciso refletir cada palavra, como se saboreasse cada frase o que fazia com que ficassem horas meditando e refletindo os significados. Esses mesmos leitores tinham costume de recitar poemas de cor, o que ainda ligava a leitura à oralidade, ainda no século XVIII era possível encontrar locais destinados para a leitura, principalmente quando a leitura ainda não era feita de forma extensa e facilitada, como cafés que faziam locações de livros ao pagamento de uma taxa. Nas bibliotecas encontravam-se salas para que os leitores pudessem consultar valiosas obras que não podiam ser retiradas do local ou obras mais recentes, ainda não de ampla distribuição. O aumento dos letrados, em meio ao Iluminismo e à redução da leitura religiosa, proporcionou o aumento da literatura romanceada, longe das técnicas e proibições, permitindo, assim, uma leitura mais próxima do entretenimento. Esses eram assíduos na leitura e por isso já recebiam queixa quanto o excesso e horas a fio de prática, havia relatos de danos salutar ou psicossomáticos. Outro gênero apreciado eram os diários com os acompanhamentos e relatórios de viagens.

Outro momento da leitura foi percebido com o aumento da migração da vida do campo para as cidades, devido às diversas reformas e mecanização das fábricas e esse movimento acarretou um temor na instabilidade social que pudesse ser gerada, pois “a vida social era cada vez mais determinada por uma classe média em expansão formada, sobretudo pelos habitantes letrados das cidades, com massas de iletrados que abandonavam as terras colocando em risco a estabilidade social” (FISCHER, 2006, p. 249).

Mesmo com o aumento da prática da leitura, é importante ressaltar que no início do século XIX ainda era incomum a leitura entre as mulheres de classes mais baixas, ou aquelas distantes das cidades maiores. Essas ainda ouviam os maridos ler em voz alta enquanto faziam suas práticas consideradas adequadas à mulher, como a costura, o bordado e a culinária. O livro escolhido também era fator importante, pois ele era, de certa forma, um reflexo de como seriam vistos pela sociedade. Ainda que com mais acesso, mais números editoriais, os livros ainda estavam caros para alguns indivíduos, dessa forma se buscava o contato a partir do aluguel e pelos empréstimos nas bibliotecas. Em 1787 “quando a constituição dos Estados Unidos foi redigida” (FISCHER, 2006, p. 259) e tal documento deveria ser lido pelos Norte Americanos,

o considerou-se que a leitura constituía “o pilar da nova sociedade ‘igualitária’” (FISCHER, 2006, p. 259). Tem-se a partir de então uma consideração legítima de sua importância para a sociedade.

“Críticas literárias e artigos especializados, críticas de teatro e música, bem como obras literárias divididas em série” (FISCHER, 2006, p. 262) eram algumas das “editorias”. Os que viveram pelo século XIX já consideravam a leitura não como acessória, mas parte integrante do cotidiano, era essencial na liturgia das igrejas, estava nos letreiros e sinais pelas ruas, nos rótulos e propagandas. Os impressos se espalharam tanto que em todo lugar havia algo para ser lido. Dessa forma, é fácil entender o porquê de a leitura não ser mais considerada como um artifício elitista.

Surgiram novos subgêneros literários. O romance, por exemplo, logo teve ramificações para o romance policial, a ficção científica, o terror, entre outros, todos suprimindo uma sociedade em mudança. Autores e leitores também se especializavam em alguns desses gêneros. Além disso o século XIX anunciou o surgimento da literatura infantil como um mercado comercial independente (FISCHER, 2006, p. 263).

Nesse século há uma mudança importante na apropriação dos livros. Até então os livros eram introduzidos por uma “dedicatória exagerada” onde havia agradecimentos a autoridades diversas na busca de certa proteção ou “autorização”, depois a nova prática foi a de prefaciar o livro, ação que permitiu uma maior aproximação do leitor com o autor “essa mudança trouxe não só alterações nas dinâmicas de mercado, mas também modificações nas posições psicológicas” (FISCHER, 2006, p. 263). O século XIX foi importante para o crescimento da leitura, inclusive de novos leitores se aproximarem dessa prática: “a emancipação social das mulheres no século XX, um resultado que se deve muito aquisição de hábitos de leitura mais liberais e expansão da leitura no século XIX” (FISCHER, 2006, p. 264).

O século XX é construído acerca de grandes mudanças para a leitura, principalmente para as práticas que a envolvem. Pode-se enfatizar que a principal mudança ocorre no âmbito tecnológico. Até a chegada do rádio e posteriormente da televisão, a leitura era o principal passatempo das famílias ou dos indivíduos. Os periódicos até então eram os tipos de texto mais lidos e a principal forma de contato com a leitura. Ainda que a escola ou a alfabetização não fossem tão primorosas, já que era comum a evasão dos aprendizes, as leituras cotidianas permitiam uma linguagem mais próxima ao cotidiano. Os jornais diários ou semanais, bem como as revistas eram, para os leitores, a principal fonte completa de informações e o maior elo entre eles e os ocorridos em todo o mundo. Com essa nova competição e disputa nas formas de

encantamento e atrativo da atenção e preferência dos usuários a soberania da leitura vai sofrendo mudanças para garantir assim a existência, a permanência e a pertença na sociedade. A começar pela estruturação dos jornais que buscavam continuar atrair o público leitor. Tais mudanças eram pontuais e direcionadas:

A argumentação textual privilegiava a exposição sucinta, atendo-se aos fatos. As ilustrações, agora fotografias, substituíam minuciosas descrições: ‘uma imagem vale por mil palavras’. Procurando tópicos breves de interesse específico, o público passou a folhear as páginas em vez de fazer aquela **velha leitura aprofundada**. (grifo nosso) O público exigia relatos rápidos ou a mera síntese dos fatos e argumentos, na pressa de mudar de página. O prazer diário da leitura do jornal havia sido perdido. Para obter uma cobertura mais introspectiva, o leitor optava pelos jornais semanais (muitos assalariados mantinham as tardes de domingo livres para ler) ou revistas e periódicos mensais. O diário, ao contrário destes, tornava-se um resumo apressado dos fatos. E com o tempo se tornou uma característica desse tipo de veículo. Claro que os editores de jornais tinham duas opções: atender às expectativas ou falir. Em consequência dessa mudança, quase todos os jornais diários no início do século XXI publicam textos menores, assim como manchetes e fotografias coloridas maiores. (FISCHER, 2006, p. 270)

Com as muitas mudanças da leitura, principalmente no ritmo de vida dos leitores, que antes viviam na velocidade dos bondes a vapor, a leitura já seria considerada a “velha leitura aprofundada”, pois o isolamento para longas leituras permitia a degustação dos textos na imersão e viagem proporcionada pelo autor (e aceita pelo leitor) começam a perder espaço para as leituras rápidas e imediatas, acompanhando o novo ritmo cotidiano. No início do século com a chegada do cinema, a leitura continuava a ser usada. Agora com legendas (que ainda eram poucas), mas tinham como objetivo primeiro o entretenimento e o segundo o conhecimento. As legendas orientavam as histórias do cinema mudo para que se compreendesse o contexto. Além dos cinemas, mesmo que com seu pouco exercício de leitura, os jornais eram desde então as maiores atividades de leitura que aconteciam nas cidades. Começa-se a ver as primeiras reais alterações nos papéis da leitura, que estava prestes a sobrepor a oralidade, além da tecnologia e a consequente inovação nos meios de comunicação que proporcionaram aos indivíduos adentrar a uma “atividade baseada por completo na leitura, ainda com implicações inimagináveis para o futuro, [que] requer um envolvimento ativo, direto e integral com a palavra escrita – pelo menos até o momento” (FISCHER, 2006, p. 270), percebe-se então o crescimento e a notoriedade que o ato de ler e, talvez, sua relação nas construções das novas relações sociais, seja entre pares ou com os meios. Agora, a leitura pública não pode ser considerada um monólogo, pois um indivíduo apenas lia e a plateia era mero ouvinte, devido à pouca possibilidade de contribuição crítica e sim uma possibilidade de aperfeiçoamento da obra.

O crescimento populacional dissipa a possibilidade de se gostar de uma mesma coisa, ou seja, há um mercado editorial, que desde os primórdios da prensa, vê-se preocupado em buscar lucros na indústria e atender as novas necessidades pessoais. Pode-se pensar em uma “nova” leitura oral que agora estava presente nos rádios e televisores, emitidas para um público anônimo, e de forma que não há mais o retorno com intuito da modificação da obra, mas o retorno é necessário para a medição, seja de aceitação da trama ou do ibope. A leitura era a principal ligação dos indivíduos com o mundo e principalmente no resgate do passado e construções de futuro. O romance continua fazendo sucesso, seja pela prosa encantadora ou pelas conquistas da ficção tais produções em *Best sellers* movimentam a produção em massa e conseqüentemente acabam por financiar outras publicações, que circulam em números menores de listas de títulos, numa divulgação massificada sendo mais vantajoso, dessa forma, para as configurações de venda do marketing.

Mas como lidar com essa questão em que ao analisar o desenvolvimento tecnológico vê-se que tal método (a leitura e a tecnologia) permite cada vez mais a globalização das informações de uma forma mais breve e simples? O conhecimento que antes era restrito a alguns, consegue permear entre a sociedade, independente de classe ou religião motivado, principalmente, pela acessibilidade de forma mais ampla da leitura. Fischer (2006) partilha da ideia que a leitura é a principal fonte do desenvolvimento dos outros meios, ou seja, “a própria modernidade – tornaram-se subprodutos da leitura do alfabeto latino” (FISCHER, 2006, p. 310). Partindo da ideia que:

A leitura, uma aptidão natural cumulativa, desenvolve-se e progride de modo exponencial. Cada prática resulta em aperfeiçoamento, abrindo caminho para uma experiência cada vez mais vasta. Os que têm lido com aptidão e sabedoria, os que têm dominado a palavra escrita e, assim sua linguagem e cultura desfrutam em geral de mais respeito da sociedade. Isso jamais mudará (FISCHER, 2006, p. 312)

Essas questões surgem porque desde a “explosão” dos computadores pessoais, as apropriações de leitura ganham um novo suporte, a tela do computador como ambiente de interação, de escrita e nova forma de disseminação dos diversos tipos de leitura, dessa forma, se percebe um novo momento de incentivo à leitura e seus subprodutos, de forma similar ao “surgimento” da prensa por volta de 1450. Há de se pensar as relações do suporte com a leitura, bem como suas relações nas apropriações do saber:

a leitura que nos conecta à ‘mensagem’ das incisões em ossos regularmente espaçadas produzidas pelo homem Neandertal há 24 mil anos. Os organismos mais primitivos da Terra desenvolveram mecanismos primitivos de intercâmbio capazes de transmitir

informações sobre espécies, gêneros e propósitos. Hoje a humanidade está além da própria linguagem articulada, transcendendo o tempo e o espaço em virtude desse extraordinário hipersentido: a leitura. (FISCHER, 2006, p. 315).

1.2 Os suportes de leitura

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, é importante promover uma breve discussão sobre alguns suportes de leitura que marcaram a história social do texto. Levando em consideração as construções das leituras baseadas nas evoluções e transformações dos suportes, é importante pensar tais relações, bem como suas interferências, influências e individualidades, caso haja em seu histórico. Os livros não eram apenas suporte de manutenção de memória, mas eram a ferramenta mais importante para o acesso da sociedade a formas de cultura e da composição do sujeito culto. Dos colecionadores de livros e títulos àqueles que adquiriram conhecimento a partir dos livros. No final do século XV, não se tratava mais de serem reconhecidos como nobres aqueles que mantinham em posse grandes números de livros, mas, o conhecimento, ou seja, a “demonstração da essência do conhecimento” (FISCHER, 2006, p. 199). Para isso, deveria haver uma leitura de alcance a todos, não a um restrito grupo, seja ele religioso ou elite, como o monopólio existido na Idade Média, ao pensar na prática como um transformador social. “A leitura passa a ser uma responsabilidade de todos, mas a leitura ‘correta’, que, por fim, significa a leitura individual, analítica” (FISCHER, 2006, p. 199). Essa prática desenvolvida pode ser classificada como a leitura moderna.

O volumen ou rolo possuía em média vinte e cinco centímetros de largura por seis ou dez metros de comprimento, os textos que ali cabiam são referentes aos que cabem nas finas brochuras de hoje. Os textos extensos eram divididos em diversos papiros ou vários “livros” mais curtos, pois dessa forma haveria uma possibilidade mais fácil de manuseio. O rolo romano era escrito perpendicular ao comprimento e os seguravam com as mãos contrárias entre si enquanto os gregos costumavam segurar o papiro com uma mão em cima da outra. Cada página do volumen, ou seja, cada parte do rolo aberto “tinha duas colunas paralelas de quinze a trinta letras cada em vinte e cinco a quarenta e cinco linhas, totalizando entre setecentos e cinquenta e duas mil e setecentas letras por página” (FISCHER, 2006, p. 62). Os livros em rolo não possuíam sumário, por essa e outras características não eram objetos de fácil manuseio, basta pensar na ação trabalhosa de enrolar e desenrolar, constantemente, por várias vezes, quando se queria voltar no texto e também na impossibilidade de anotar enquanto se lia, procurar

determinada passagem. Esses livros também deviam ser guardados com cuidado, pois eram objetos caros e preciosos, por isso e pelo fato de necessitarem de muito espaço, pois cada livro, dependendo do tamanho, chegava a vinte e quatro rolos.

Para a oratória, os espaços em branco marcavam a pausa do leitor, bem como a pontuação até então existente que era usada apenas para demarcar a retórica, já que a leitura era em voz alta, e não para demarcações sintáticas como hoje. A letra manuscrita, devido às constantes utilizações cotidianas, como a administração e correspondências diárias, tornou-se de fácil reconhecimento, ou seja, com um formato comum e fácil de ser desenhada, assim sendo, a escrita ultrapassava os limites da oligarquia.

Como a escrita e leituras cotidianas poderiam ser consideradas novidades, os objetos residenciais não eram adaptados para haver essa interação, como por exemplo, a cama grega *Kline*, que era desconfortante para a leitura no rolo de papiro, mas a cama de Roma, o *Lectus*, possuía diversas versões, dentre as quais uma adaptada para a leitura e a escrita na cama. Os vendedores romanos fizeram livros especiais para viagem, pois com a leitura popularizada, era possível encontrar aqueles que gostavam de ler enquanto em trânsito, como hoje e, além disso, era mais uma oportunidade de reinterpretação individual da leitura ou da “apresentação pública em substituição à de outra pessoa” (FISCHER, 2006, p. 72).

Tais mudanças surgem a partir de necessidades a serem saciadas, como toda ação e atitude inerente ao ser humano na busca por novas conquistas ou possibilidades, dessa forma, tendo sido aprimorada durante séculos, a prática da leitura, bem como todas as mudanças comportamentais a partir da interpretação individual, da meditação e da cultura literária permitiu, ou quem sabe, apenas pelo status que uma biblioteca poderia conceder ao seu detentor, surge a necessidade de um novo suporte para a escrita. Já que o Rei Ptolomeu proibiu um carregamento de papiros temendo a perda da condição de maior biblioteca, a de Alexandria, para Eumenes II, que encomendou a especialistas um novo material. Nascia aí, segundo a lenda, o pergaminho, feito de pele de ovelhas e cabritos, que após secos e estirados ficava uma superfície fina que permitia a escrita, podendo levar assim à disseminação da fé pelo mundo em um novo suporte.

Não se sabe ao certo a quem se deve dar a autoria do códice, mas se sabe que definitivamente esse formato se estabeleceu em I d. C. em Roma. Suas principais qualidades exaltadas estão na questão dos espaços na biblioteca, na concisão do seu formato e pela praticidade de manuseio: agora se utiliza apenas uma das mãos para a leitura. Com a popularização do códice, pela facilidade de consulta, ou, até mesmo pela novidade de suporte,

mesmo obras tradicionais que estavam em rolo, foram transcritas, o códice grego mais antigo.

Segundo Manguel:

A própria organização dos textos, antes divididos conforme a capacidade de um rolo (no caso da *Ilíada* de Homero, por exemplo, é provável que a divisão do poema em 24 livros tenha resultado do fato de que ele normalmente ocupava 24 rolos), mudou (grifo do autor). O texto agora podia ser organizado segundo seu conteúdo, em livros ou capítulos, ou tornar-se ele mesmo um componente, quando várias obras menores eram convenientemente reunidas em um único volume de fácil manejo (2010, p. 151).

Mesmo com o pergaminho sendo mais barato, ainda assim, para anotações diárias era caro. Por isso ainda era possível encontrar impressos nas tabuletas de cera que poderiam ser apagadas e reescritas diversas vezes. Entre o códice de pergaminho e o rolo de papiro, os primeiros ganharam mais adesão “por oferecer custo relativamente baixo, facilidade de produção, maior retorno sobre o investimento, conciso e facilitação da leitura” (FISCHER, 2006, p.77). Fácil de pensar que um substituiria o outro e tal feito ocorreu por volta do século IV. A substituição total só aconteceu no início da Idade Média, o que resultou na expansão da capacidade autoral, pois agora as obras podiam ser agregadas em apenas uma capa, garantindo assim uma percepção maior do todo. Destacava-se aí uma nova época para a expansão cultural no Ocidente.

Os desajeitados rolos possuíam uma superfície limitada – desvantagem da qual temos hoje aguda consciência, ao voltar a esse antigo formato de livro em nossas telas de computador, que revelam apenas uma parte do texto de cada vez à medida que ‘rolamos’ para cima ou para baixo. O códice, por outro lado, permitia que o leitor pulasse rapidamente para outras páginas e assim retivesse um sentimento da totalidade – sentimento composto pelo fato que em geral o texto inteiro permanecia nas mãos dele durante toda a leitura. O códice tinha outros méritos extraordinários: destinando-se originalmente a ser transportado com facilidade e, portando sendo necessariamente pequeno, cresceu em tamanho e número de páginas, tornando-se senão ilimitado, pelo menos muito maior do que qualquer livro anterior. (MANGUEL, 2010, p. 151).

Não apenas alteração no suporte, mas na forma de apresentação desse material foi permitido pelo códice. Além do fácil acesso, começou-se a buscar novas formas de organização, para mais fácil encontrar qualquer trecho do texto, caso precisasse ser consultado. Nota-se que a partir daí, a existência de quatro margens, ou seja, um espaço nos quatro cantos do texto que servia de aproximação do leitor com o texto apresentado, onde esse poderia fazer anotações, comentários ou glossários que facilitassem sua leitura.

Os capítulos passaram a conter subdivisões de uma obra, e coleções de textos denominadas antologias eram compostas por diversas obras dentro de uma só capa. A

obra completa era um corpo compacto de informações, deixando pra trás o desfazer sequencial de rolos de papiro conectados entre si (FISCHER, 2006, p. 79).

Do papiro ao pergaminho ao códice. Da oralidade à escrita, à leitura. Mudanças, que ao longo da história social da escrita e da leitura submeteram o indivíduo a constantes adaptações e aprendizados. Na era medieval, ainda se está em certo conflito entre a oralidade e a escrita, tanto há confiança em ambas como a utilização e interpretação ora permeada em uma, ora em outra. Na leitura medieval ainda era comum a coletividade, apesar de manter algumas exceções, mas a leitura individual só passou a ser uma prática comum a partir do século XIV. Dessa forma “escutar fazia parte do ato de ler” (FISCHER, 2006, p.131). Ainda se tinha a escassez de livro, havia o costume do compartilhamento entre a comunidade e a tradição de escutar os contos e histórias. A transição da sociedade oral para a sociedade letrada começou aos poucos iniciando pelas classes mais altas. Tal transição, na Europa, foi possibilitada pelo Renascimento Carolíngio, que incentivou uma reforma cultural entre a população geral e o clero. Foi contemplada também a segurança nas cópias corretas e sem adulteração dos livros, garantindo uma cópia legítima. Por esse ato, os copistas carolíngios com treinamento e ensinamentos foram considerados “os salvadores anônimos da cultura ocidental” (FISCHER, 2006, p. 136).

Com a leitura ganhando novas perspectivas, os copistas também inovaram nas produções dos livros em que tais ‘novidades’ eram direcionadas para facilitar a leitura, como, por exemplo, os sinais que indicariam mudanças de personagens ou papeis, ou demarcações de entonação diferenciada, o aparecimento dos títulos que anunciavam, resumiam e dividiam os capítulos bem como os assuntos que os seguiam. Tais artifícios eram utilizados até mesmo para as pausas necessárias pelas necessidades físicas e do corpo. Data-se daí também a separação das unidades, para uma divisão interna ou organizacional. Outras mudanças que Fischer cita são as físicas, que facilitavam a leitura como o *lectrium medieval*, os autores individuais também criaram mesas articuladas para diferentes ângulos e alturas que seriam propícias para a prática de leitura individual. Os dormitórios e a nudez também faziam parte desse rito de leitura, e os livros faziam parte da fortuna aristocrata e dos testamentos. Eram propriedades, com regras e tradições e tratadas como valiosas relíquias.

Por volta de 1450, no surgimento da página pela prensa, datou-se mais uma, entre as várias mudanças atreladas ao suporte de leitura, que com a facilitação pela impressão por tipos mecânicos móveis e do alfabeto completo, foi possível a diversificação de fontes tipográficas, como por exemplo, aquelas parecidas à letra dos escribas, além da padronização e clareza visual proporcionada pelos novos tipos inventados posteriormente. O resultante de tal acontecimento foi a diminuição dos tamanhos dos livros e depois a padronização nas impressões. O papel

também facilitou o processo, com a invenção chinesa e a chegada ao ocidente por volta de 1300, substituiu-se por completo o caro pergaminho (ao menos em quase todos os lugares), possibilitando economicamente as produções editoriais. Os livros, a partir de então, transformaram-se em um “empreendimento capitalista”, e o que antes seguia o gosto dos ricos passou a ser trabalho autônomo de comerciantes, que reproduziam obras baratas em grandes quantidades e que principalmente pudessem ser de acesso a um grande número de pessoas diversificadas.

O livro impresso não era apenas a mecanização do manuscrito, mas uma nova existência do texto que agora era relativamente mais imutável e definitiva. O que antes poderia sofrer, de certa forma, a interferência do leitor por conta dos copistas agora a prensa multiplicava as edições sem retorno, numa forma impessoal. No texto impresso não há mais aquelas abreviações que por vezes tornava a leitura impossível. Houve uma homogeneização no número de caracteres quanto à sua apresentação como: maiúsculas, minúsculas e itálicas com uso definitivo.

Mesmo com a melhoria na distribuição e produção de livros, outros problemas poderiam ser contabilizados. Além da iluminação precária, alguns fatores dificultavam a leitura: a deficiência visual era o outro fator que impediam a melhora da relação do leitor com o livro. Ao imaginar os manuscritos com pequenas letras, sendo reveladas à luz de tochas ou velas demonstrava que acabava por gerar uma leitura difícil e desestimulante, devido a suas ações de entorno. Copos com água servindo de lente de aumento para o texto, leitura debruçada para enxergar mais perto ou na janela para aproveitar a iluminação externa ou ainda outros membros da família que faziam a leitura em voz alta, até pelo menos, o século XII quando as lentes projetadas passaram a fazer parte da vida, mas só se popularizaram a partir do Século XV, com a invenção do prelo e a disseminação dos livros. Até então, além da raridade dos livros, os óculos eram objetos extremamente caros. Além de objetos e ferramentas que foram inseridas no cotidiano do processo da leitura, algumas mudanças foram necessárias nos textos, da mesma forma que há alterações nas preferências dos leitores, como por exemplo, novos títulos e editoriais no mercado dos livros.

1.2.1 Os suportes e as mudanças na escrita e leitura

“Versos octossílabos rimados e ‘entoados’ em vernáculo dominavam o gosto popular” (FISCHER, 2006, p.170) isso, até o século XIII quando a leitura individual começou a se desenvolver e por consequência os autores passam por uma mudança e:

[...]começaram a escrever as mesmas histórias e até novas histórias, na prosa em francês arcaico, germânico médio-alto, inglês médio, espanhol arcaico, escandinavo arcaico e muitos outros idiomas, agora privilegiando conteúdo, brevidade e representação factual em relação a estilo, atuação e, acima de tudo, tradição (FISCHER, 2006, p.170).

A Bíblia, principalmente após a Reforma, foi o suporte utilizado para a incitação contra as ideias dogmáticas da igreja católica que dominavam até então. O monopólio e a tentativa manter a tradução e leitura da bíblia no âmbito clerical eram os principais empecilhos à leitura individual e mesmo assim não serviam como negativas aos argumentos de defesa de que cada indivíduo poderia ter seu momento íntimo com Deus no silêncio da própria casa. Na defesa de que as publicações deveriam ser acessíveis a qualquer sujeito apto a ler, acredita-se que surge a partir daí brecha dentre a própria sociedade e posteriores questionamentos quanto à veracidade das traduções das bíblias pelos vários idiomas e principalmente a aplicação e leitura individual dos incultos. Os livros também passaram por uma série de formatos diferentes quanto ao tamanho das publicações “dobrado uma vez, o pergaminho tornava-se um fólio; dobrado duas vezes, um in-quarto; dobrado mais uma vez, um in-octavo. No século XVI, os formatos das folhas dobradas já haviam se tornado oficiais...” (MANGUEL, 2010, p.152). A escolha para impressão ou aquisição dos tamanhos das brochuras variava, os grandes atraíam uma grande clientela pela beleza, prazer da leitura e imagens, mas em contrapartida o custo do papel ficava alto, bem como a encadernação, que era luxuosa e incidia no preço. Mas os impressos em tamanho menor vieram a competir com os impressos não autorizados, que se diferenciavam das cópias originais que eram vendidas em grandes tamanhos e preços maiores. Os menores preços, menor qualidade resultou em maior acessibilidade. Pode-se citar como motivo para a preferência dos exemplares menores, a discrição tão necessária em uma época de autoritarismo, mas o fator decisório ficava a cargo do financeiro. Livros mais compactos, custos menores, maiores vendas.

Pode-se supor então que o mercado editorial começou a produzir cada vez mais livros, o que demandava por mais leitores resultando numa desvalorização de algo antes considerado caro, raro e venerado. Isso pode ser notado nos pequenos “descasos” que o livro começava a sofrer como as “orelhas”, as dobras que marcariam as páginas em que se parou a leitura. Com esse simples ato no século XVI, o livro “objeto até então magnífico e precioso transformou-se enfim..., em um simples livro” (FISCHER, 2006, p.213), importante ressaltar que por mais que os preços tivessem diminuído, ainda eram caros para o século em questão. Começou-se a ter grandes quantidades de livros, mas as qualidades dos textos foram diminuindo consideravelmente, a quantidade sobrepôs a qualidade. Assim, “o século que havia começado

com editores de grande potencial intelectual, os quais aproveitavam a contribuição de célebres eruditos e contavam com seu apoio em projetos, terminou com livreiros editores priorizando objetivos comerciais” (FISCHER, 2006, p.213). Ainda segundo Fischer:

Ao longo dos séculos XVI e XVIII, a leitura rápida, oficial e educacional ainda representava enorme parcela das produções dos impressores: cartazes, panfletos, jornais locais, documentos administrativos e judiciais, cartilhas, catecismos, textos para aulas e livros cerimoniais para uso paroquial. Não obstante, dada vez mais os impressores observavam com que tipo de material a população local estava disposta a gastar seu suado dinheiro e optavam por imprimi-lo também. Assim criou-se o comércio de livros ‘populares, em oposição ao comércio de livros clericais, acadêmicos e administrativos (2006, p.224).

Com esse novo mercado sendo alimentado pelos leitores, foi-se investindo nos livros populares. Os primeiros livros de bolso impressos em papel barato são os da conhecida biblioteca azul, que levavam esse nome, pois os livros foram vendidos a preços baixos e eram recheados por “fábulas, romances de cavalaria, lendas editadas em estilo erudito, mas também havia canções de Natal, catecismo, livros cerimoniais e cartilhas escolares” (FISCHER, 2006, p.224). Dessa forma, no século XVIII a Biblioteca Azul proporcionou à França um desenvolvimento intelectual a partir da popularização da leitura, outro meio foram os antigos panfletos de apenas uma folha, que já foram suporte de grande circulação de notícias populares. “Essas gazetas constituíam-se no material de leitura lido com mais frequência, equiparando-se às Escrituras” (FISCHER, 2006, p.226).

As leituras adentraram de forma a educar e a alfabetizar através dos livros que passaram a existir diariamente na vida das pessoas, além de também estarem inseridos na sociedade como artefatos de entretenimento ou passatempo. As vendas de gramática foram significativas, a leitura da Bíblia em voz alta era atividade em casa para os familiares, todas as classes exigiam seu acesso direto aos diversos livros de diversos gêneros. O suporte impresso passou a trazer métodos práticos de aprender algo como um manual ou modo de fazer, publicações periódicas também ficaram comuns. Pode-se citar “almanaques, gazetas literárias, cadernos intelectuais, mas acima de tudo, notícias, anúncios públicos e propagandas encontraram públicos fiéis em toda parte” (FISCHER, 2006, p. 236). Em 1702 (MANGUEL, 2010) começava a circular o primeiro jornal diário na Europa, que cresceu chegando a aumentar em oito vezes em pouco mais de cinquenta anos. Outra publicação que ganhou público foram os chamados “livros de mascates”, pequenos livros que poderiam ser considerados populares para leituras informais, que faziam em si “capítulos breves que condensavam as narrativas na linguagem mais simples e atualizada possível para que fossem compreendidas de modo imediato” (FISCHER, 2006, p.

237). Assuntos como etiqueta eram informações comuns nesse tipo de impressão, leituras relativamente rápidas, com aplicações diretas e imediatas no cotidiano.

No século XIX, as bibliotecas ainda eram muito importantes, sendo frequentadas principalmente por aqueles que não tinham um acesso ilimitado, por questões financeiras, aos livros. Outra impressão que fez sucesso foram as primeiras revistas que concentravam imagem e texto em uma mesma página, que, segundo Fischer (2006), era raro “uma família de classe média que não tivesse ao menos uma cópia” (p.261) de alguma das páginas ilustradas desejadas. Mas durante os séculos XVIII e XX o suporte mais lido foi o jornal, que, além desse alcance em toda nação, era um bom empregador profissional. Por volta de 1832, já existia a figura das agências de notícia que internacionalizavam qualquer informação noticiosa, mas esses meios ainda não eram direcionados para as leituras rápidas, mas para se atentar à preocupação de detalhamento das argumentações.

Com o aumento da leitura, novos nichos de mercado precisavam ser ampliados, como, por exemplo, os livros de trem, pois já havia pessoas que “descobriram” que determinadas viagens eram locais para uma “exploração” de um novo ponto de leitura, e a partir do momento em que mais pessoas liam, despertava-se o interesse de formas e meios de despertar o desejo e conseqüentemente a aquisição de livros. O “consumo imediato, que com o passar do tempo também contribuiu para a modificação do gosto do público” (FISCHER, 2006, p. 266) desperta a necessidade de fragmentação das ideias e possibilidades de novos gêneros, pois há novos públicos com novas preferências e necessidades. Assim, o século XX trouxe mudanças significativas nos suportes da cultura e da leitura, “aprimoramentos na fabricação de papel, na impressão e na encadernação resultaram em produções maiores e preços mais baixos por exemplar” (FISCHER, 2006, p.269), com isso foi possível uma produção em massa e uma redução nos preços de produção que possibilitaram o despertar de gostos mais refinados ou mais populares, mas de toda forma, houve uma aproximação do leitor e obra, já que houve uma forma de satisfação de seu gosto e uma satisfação de seus desejos e anseios.

Com a constante e cada vez mais intensiva inserção da tecnologia no cotidiano, novas mudanças nas plataformas de leitura surgiram e também se alteravam, agora com espaço de tempo mais curtos que a evolução da escrita e da leitura, por exemplo. Surgiram e puderam ser chamadas de inovação, mas logo perderam esse adjetivo, pois percebeu-se que a partir desse século tais mudanças começam a ser mais efêmeras em sua existência perante as relações sociais, bem como seus usos e apropriações pelos indivíduos e pelo mercado que as absorveram e que de certa forma são releituras de acontecimentos antecedentes. Das descobertas pelas letras estáticas, antes numa interpretação única numa dissipação para muitos, para os movimentos dos

irmãos Lumiere nas grandes telas do cinema. “Na primeira parte do século, o cinema mudo contava histórias com legendas intervaladas que precisavam ser lidas para que se entendesse a trama. Com exceção das tortas na cara que provocavam gargalhadas, os analfabetos pouco usufruíam dessa forma de entretenimento” (FISCHER, 2006, p. 270). As constantes inovações proporcionaram a busca por tais mudanças, sejam de suportes, textuais ou até mesmo das necessidades individuais.

1.2.2 Os suportes digitais

Ao pensar o século XX é possível perceber que as mudanças dos suportes da leitura delineiam, mais uma vez, as práticas de leitura, considerando a constante remodelação tecnológica, bem como a aplicação imediata ao cotidiano dos indivíduos. Dos impressos – periódicos, propagandas e documentos – que circulavam no início do século ao livro como mercadoria de massa e os meios de comunicação se estabelecendo como fontes de entretenimento e de especialização mercadológica de forma rentável, percebe-se então que as modificações pelos quais os suportes e meios passam, podem ser considerados como uma necessidade de permanecerem úteis dentre as novas necessidades intrínsecas.

A comunicação manuscrita e a circulação de impressos foram ampliadas pelo suporte digital, de forma que há uma modificação nos processos de leitura, bem como na concepção de leitor e autor, ou seja, a percepção de universalidade desses textos ganha novas proporções, sendo acessíveis independentes do idioma (já que se tem disponibilizado de forma facilitada tradutores *on line*), e do local em que foram produzidos. Outra mudança que pode ser citada nos textos digitais é a possibilidade de ser apresentado a partir de diversas plataformas como vídeo e áudio além de ser composto de possibilidades de *hiperlink*. Esses “multimeios” agregam e comportam novos “dispositivos editoriais” (CHARTIER, 2009, p.144) o que acaba por proporcionar maior liberdade editorial, para o leitor e para o autor.

Ao longo da história do texto pode-se perceber “uma pluralidade de existências. A eletrônica é apenas uma dentre delas” (CHARTIER, 2009, p.152), dessa forma, percebe-se que os suportes digitais como os computadores, *notebooks*, e os mais recentes *tablets*, são apenas novos suportes que agregam características dos diversos suportes textuais que se conheceu e que suas apropriações estão associadas ao indivíduo, ou seja:

a relação da leitura com um texto depende, é claro do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido. Existe aí uma trilogia absolutamente indissociável se nos interessamos pelo processo de produção do sentido. O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada (CHARTIER, 2009, p.152).

É necessário perceber a revolução eletrônica como uma revolução na leitura, pois como aconteceu no surgimento da prensa, há, na contemporaneidade, novamente, a promoção da leitura de forma que a nova plataforma, bem como seus diversos suportes possíveis, constitui ferramenta propícia para os diversos ambientes nos quais a leitura está inserida. Refletindo sobre essas constantes mudanças e revoluções, o próximo capítulo será dedicado à análise e observações acerca dos processos de leitura. A partir do acompanhamento de diversos incentivos, reações, relações com a leitura e com suporte digital, pretende-se acompanhar as apropriações e a conseqüentemente a interação do indivíduo com a leitura, e com os pares de forma a perceber as mudanças que cercam o suporte e as formas de ler.

2 METODOLOGIA E OBSERVAÇÕES EMPÍRICAS

A necessidade de fazer uma análise *in loco*, tendo como foco alunos de um curso de pós-graduação para análise e acompanhamento das ações e reações quanto à leitura e os suportes utilizados em aula, surge a partir das diversas observações cotidianas acerca das práticas de leitura. Essas formas de ler podem ser multiplicadas a partir do barateamento, dos *tablets* e equipamentos de leitura, bem como a preparação das mais diversas empresas para se inserir nesses ambientes digitais. Após um breve contexto histórico da evolução da leitura, e de uma conseqüente remodelação social que aconteceu a partir da apropriação da leitura durante os vários processos de descobertas ou de desenvolvimento de novos suportes, que incentivaram, de certa forma, a individualidade e o pensamento sem direcionamento, permitido, principalmente, pela exploração da leitura. Pode-se acompanhar que o aprendizado das diversas formas e possibilidades de escrita e o uso da leitura passou por mudanças e construções constantemente movimentadas, modificadas e reconstruídas, sejam por novas necessidades individuais ou quem sabe por motivações tecnológicas. As discussões anteriores tiveram como objetivo analisar as apropriações de leitura a partir do processo das configurações da prática e das relações do saber intermediadas pela tecnologia.

Ao imaginar as práticas metodológicas desse trabalho, muito foi pensado nas formas e meios de buscar as possíveis apropriações de leitura, as práticas pelos diversos indivíduos que estariam envolvidos nesse processo. É necessário tentar excluir questões de modismo e exceções que poderiam ser atribuídas a um ou outro sujeito, pois tais ações podem ser meramente pontuais devido à sazonalidade. Já que se busca uma pesquisa aplicada, as discussões aqui propostas envolvem entender algumas ações ou questões particulares que em diversos momentos já foram discutidas, sob vários focos de maneira ampla, como por exemplo, pode ser citado o determinismo tecnológico. Dessa forma, buscando novas apropriações do suporte e mapeando estratégias de inserção junto aos indivíduos, a condução das observações, que serão apresentadas adiante, foram percebidas como ideal para a reflexão do ato proposto nesse trabalho.

Embora enfatizando o valor da criatividade, convém lembrar que a pesquisa científica não pode ser fruto apenas da espontaneidade e intuição do indivíduo, mas exige submissão tanto aos procedimentos do método quanto aos recursos da técnica. O método é o caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas. E como a pesquisa tem por objetivo um problema a ser resolvido, o método serve de guia para o estudo sistemático do enunciado, compreensão e busca de solução do referido problema. Examinando mais atentamente, o método da pesquisa científica não é outra coisa do que elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que nos orientam para realizar o ato reflexivo, isto é, a operação discursiva de nossa mente (SANTAELLA, 2001, p. 132).

Ao pensar a prática dessa pesquisa, optou-se por desenvolvê-la sob uma abordagem dialética, a partir de confronto de ideias que permitam gerar novas questões, de natureza qualitativa. Amparada pela reflexão teórica, buscou-se a pesquisa de campo, pois se acredita que será de grande valia nas comparações reflexivas das apropriações individuais da leitura, ou até mesmo coletiva, paralelas às concepções teóricas, já que se está na busca de “um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 1994, p. 21), por se permeada de significações que poderão ser percebidas nas amostras coletadas e analisadas no desenvolvimento da pesquisa empírica. Na necessidade de aliar a percepção da prática com a sensibilidade da tradução e leitura das ações (acompanhadas *in loco*) tão necessárias para as ciências sociais, a sala de aula será usada como laboratório para ações cotidianas e assim será possível codificá-las como informações científicas.

Não se buscam aqui definições ou soluções para problemáticas, mas ampla discussão sobre as práticas e relações do indivíduo com a leitura digital, em um ambiente em que, a

princípio, estaria todo voltado para interações diárias e cotidianas com a “nova”¹ forma de intervenção educacional, ou a inserção de “nova” tecnologia na tentativa de gerar inovações e atrativos para as referidas aulas, permitindo e incentivando a interatividade que poderia agregar mais informações e conhecimento acerca dos assuntos.

A princípio, a pesquisa empírica esteve delimitada a partir da leitura em sala de aula. Foi aplicada, em primeiro momento, de forma para que a coleta de dados fosse feita a partir da observação não participante e assistemática e aconteceu de forma individual, utilizando-se como base um campo observacional e não um laboratório previamente desenvolvido, pois para tal fim seria necessário o desenvolver natural do cotidiano de sala de aula. Já para a segunda parte da observação, houve a possibilidade de sair da condição de meramente observador das aulas para a aplicação da técnica de observação participante, havendo uma relação direta entre atores sociais e pesquisador, ou seja, entre alunos e professores exercendo intervenções, ora questionando, ora apresentando novas ações buscando as reações dos pesquisados. Dessa forma, é possível perceber no cotidiano do indivíduo as situações às quais são submetidos, bem como a relação entre os pares. As ações descritas objetivamente e as reações subjetivas compõem o contexto “prático” dessa pesquisa.

Com essa dinâmica proposta, muitas discussões foram despertadas, ao se buscar a melhor forma de perceber as ações dos indivíduos, a partir das premissas traçadas para essa pesquisa. O tipo de pessoas a serem pesquisadas, as formas de abordagens, o tipo de estímulo que poderia ou não ser aplicado, meios em que se podem buscar traduções para as já apresentadas abordagens teóricas a partir da constante evolução e, principalmente, pelas apropriações diversas notáveis, foram essas apenas algumas das questões a serem resolvidas. A primeira resolução estava envolta no tipo de indivíduo a ser abordado, já que havia alguns vários grupos que poderiam ser envolvidos nesse processo de conhecimento como alunos que têm contato com a sala Revoluti, os alunos do programa Pirai Digital, ou até mesmo grupos distintos que em sua maioria precisam de um meio digital na relação cotidiana de sala de aula.

Mas a decisão foi a partir de dois grupos distintos de alunos matriculados em um curso de pós-graduação de uma instituição particular do interior do Estado do Rio de Janeiro. Dentre esse grupo, com média de vinte a vinte e cinco alunos em sala de aula, com idades bem variadas entre vinte e cinco e cinquenta anos, todos graduados. Um grupo pertencente à licenciatura e o outro composto por bacharéis. A decisão foi feita por alguns motivos: facilidade de acesso da pesquisadora ao local, ampla e irrestrita possibilidade de interação e uso de todas as

¹ Optou-se pela utilização da palavra nova entre aspas (“”) por não considerar tais ações como novas, mas apenas reapropriações de diversas outras tecnologias já aplicadas em algum momento da história.

informações ali coletadas, bem como a participação de desde o início do projeto de inserir tecnologia em salas de aula. Poderia também ser atribuída a escolha da “novidade” de tal ação na região, ou seja, incentivo e condição “sine qua non” para que acontecesse nova logística em sala de aula. Sendo essa ação novidade, e indo ao encontro das necessidades básicas dessa pesquisa: leitor e leitura os quais acredita poderem-se vivenciar as dificuldades nas relações aluno - leitura; professor - tecnologias; tecnologia – leitura (também considerada uma tecnologia), e ansiando que tal pesquisa de campo permita perceber as relações da leitura, e que tal ação, inserida nessa atividade (a educacional e de aprendizado) deva ser intensiva ou próxima do que se entenda como assim. A primeira delimitação foi seguindo essa primeira lógica e dessa poderá perceber a leitura como apropriação, bem como a construção de suas significações junto ao indivíduo.

Essa dissertação surge a partir da necessidade de ilustrar, para perceber e mapear as várias mudanças nos processos de leitura, aqueles cerceados pela tecnologia digital. O objeto de observação foi escolhido, a princípio, pela necessidade de acompanhar as formas de leitura a partir de outro suporte que não apenas o livro em código. Definido isso, entre duas opções preliminares possíveis a sala Revoluti², a primeira das pensadas para esse empirismo, onde se trabalharia como laboratório, ou seja, proposta de exercícios e práticas de leitura, com alunos de graduação da própria UERJ, que seriam selecionados a partir de idade e formação em curso. Outra ideia partiu de uma nova estratégia de marketing de uma instituição privada interiorana, que fornece, pela primeira vez, todo o material didático em formato digital. Optou-se a partir da “novidade” que se utiliza um meio tecnológico como ferramenta complementar de educação em um centro universitário, ou seja, o uso do *tablet* como apoio nas atividades dos cursos de pós-graduação iniciados a partir do segundo semestre do ano de 2011. Esse foi o ambiente escolhido para as análises e acompanhamento das atividades, que agora não serão laboratoriais, e sim desenvolvidos a partir da dinâmica própria e natural da sala de aula.

Tais equipamentos fazem parte do material didático individual disponibilizado aos alunos matriculados nas especializações do Centro Universitário Geraldo Di Biase, sediada em Barra do Piraí e com unidades em Volta Redonda e Nova Iguaçu. Empresa familiar que está prestes a completar quarenta e cinco anos de existência, oferecendo ensino fundamental, médio, graduação e pós-graduação, e se preparando para nos próximos anos adentrar ao mercado de pós-graduação *stricto sensu*, com mestrado profissional em educação e administração. Desde a morte do segundo reitor, em março de 2011, passando a assumir a ordem máxima o irmão mais

² Modelo de Sala de Aula do Futuro desenvolvida pela Habto Design e pela FEBF, que serve de plataforma de estudos de novos modelos de Educação e de Comunicação.

novo, que tem como meta o reestabelecimento no número de alunos que a cada ano sofre uma queda, dessa forma, acredita que inovação nos processos metodológicos pode ser uma fonte de novas perspectivas. Surge daí mais uma possibilidade para o campo de pesquisa, no lugar de construir ações e possibilidades de interação com alunos, as relações poderão ser naturais e correntes.

Definido o local de operação das análises e acompanhamentos do objeto de estudo em questão, parte-se para o objetivo primordial dessa pesquisa mapear as ações, práticas e desenvolvimento das aulas, cerceadas pelo *tablet* e todas as formas de ação e interação onde a leitura seja a base da construção de pensamento, conhecimento e discussões, ou seja, estudar a organização tecnológica (ou não) no processo de leitura desses alunos, procurando perceber as formas de como os indivíduos inseridos nesse grupo interagem e se apropriam da nova forma que os professores utilizam na configuração da prática do saber, tendo como base novos objetos inseridos no cotidiano, “propiciando” aprendizado a partir dessa intermediação entre tecnologia e leitura.

Não se pretende e acredita-se não ser possível pontuar, neste estudo, fatores externos que poderiam influenciar ou não nas relações indivíduo/tecnologia, ou seja, se o fato de tratar-se de uma universidade particular do interior do Estado, com mensalidades de certa forma mais baixas que as dos grandes centros, e, portanto, relativamente distante do centro de irradiação das inovações e vivência tecnológicas, bem como de uma cultura mais enraizada por universidades federais, produtos tecnológicos de mais fácil acesso poderiam exercer influência em maior ou menor escala no desempenho e na desenvoltura dos alunos com o “novo” suporte de leitura. Ou se, por outro lado, a dinâmica de distribuição das novidades mercadológicas na contemporaneidade, numa região mais bairrista, estaria de tal forma potencializando seu uso, já que tal proximidade poderia oferecer a menor possibilidade de defasagem de apropriação por parte daqueles que estão fora dos grandes centros urbanos. De qualquer forma, este comparativo é um aspecto que demanda maior fôlego e, portanto, ficará reservado a uma segunda etapa desta caminhada acadêmica.

2.1 Observações *in loco* e suas considerações

Para essa “nova” didática, a instituição tem intenção de utilizar o *tablet* como ferramenta de ensino e conseqüentemente a busca numa diferenciação no mercado de pós-graduação junto

aos concorrentes. Além do suporte digital, os alunos contam com uma plataforma virtual denominada Paulo Freire, um ambiente no site do centro universitário, que concentra as disciplinas com arquivos digitais para *download*, que normalmente são textos em PDF, apresentações em *Power point* ou links de vídeos. Outra disponibilidade aos alunos é a tecnologia *wi-fi*, oferecendo internet gratuita para navegação enquanto estiverem dentro do campus. É importante ressaltar que não se pretende, nesse momento, buscar a eficácia (ou não) dos anseios da instituição, mas de que forma essas práticas de leitura estão sendo desenvolvidas e podem ser configuradas as relações desse indivíduo com a possibilidade de novas formas de ler. Apesar disso, reconhece-se que pode haver uma ineficiência institucional quanto à qualidade do suporte ofertado, ou adequado às novidades tecnológicas, daqueles por ela mesma distribuída entre os alunos, o que talvez gere uma frustração destes usuários e a consequente desistência em sua utilização, retomando-se assim o tradicional lápis e papel, por saberem que estes, ao menos, nunca estarão *off line*.

2.1.1 Primeiro grupo: pedagogas e graduadas em alguma licenciatura

Neste primeiro momento da pesquisa empírica, optou-se por uma observação não participante por alguns motivos: perceber como se dará a logística da aula, qual será a dinâmica da professora, bem como o uso do equipamento recém-recebido pelos alunos do curso. Algumas poucas filmagens foram feitas no início da observação, mas tal ação impedia a ação natural dos alunos, pois quando se passava com a câmera, tentavam não olhar para a câmera, começavam a rir e muitas vezes se perdiam nas atividades proposta em sala de aula. Sendo assim, optou-se pela observação, e a relação funcional foi apenas pesquisador observador.

O curso de psicopedagogia, o primeiro escolhido para as observações preliminares, é composto por um grupo de aproximadamente vinte alunos graduados em Pedagogia (em sua maioria) e alguns licenciados em Letras. Esse grupo foi escolhido por ser precursor, dentro dessa instituição, tendo recebido seu equipamento desde o segundo semestre de 2011, e por se esperar uma uniformidade seja de formação acadêmica no grupo de personagens, seja de atuação, perspectivas profissionais e idade.

À primeira vista, não há nenhuma mudança no molde de como a aula seria conduzida. Excluindo algumas alterações físicas que foram realizadas nas salas de aulas, como longas bancadas para até cinco alunos, com pontos de tomada de energia individuais e suporte para os diversos tipos de aparelhos tecnológicos como notebook, *netbooks* e os *tablets*. As salas foram

reformadas, diferentemente daquelas ocupadas por alunos de graduação, que são carteiras individuais e quadro negro. Já a pós-graduação agora conta com o ambiente climatizado, com persianas que permitem escurecer a sala quando necessário, sem contar com uma bancada com café e biscoitos servidos. Os professores dispõem de computador e data-show, mas mantém sobre a mesa diversos livros que serão indicados e utilizados durante o curso. Os alunos continuam munidos de cadernos, canetas e agora o *tablet*.

Tal observação começaria no primeiro dia de aula se não fosse o primeiro empecilho para o desenvolvimento: os *tablets* não ficaram prontos em tempo hábil para o início dos trabalhos, ou seja, a proposta inicial que é de os equipamentos eletrônicos estarem munidos do material preparado pelos professores, além de terem inseridos algum material institucional, como papel de parede e normas gerais de utilização das dependências de uso comum. Como o trabalho é individual e mecânico, depende da intervenção do indivíduo, ou seja, o técnico precisa inserir o material em cada *tablet*, não foi possível o término para a primeira aula. Na instituição em questão, tradicionalmente, já havia a distribuição do material didático, ou seja, no ato da matrícula o aluno recebia um CD contendo as apresentações a ser utilizadas durante todo o curso, ou por um conjunto de módulos. Gravar cada CD já era considerado algo trabalhoso, mas de certa forma era uma ação fácil, pelo próprio computador ejetar a mídia gravada, “solicitando” por uma nova matriz, com os *tablets* o trabalho continua acentuado, há apenas uma mudança, os equipamentos não possuem entrada para USB, então é necessário o uso de adaptador e por vezes é preciso converter alguns arquivos devido à versão do *tablet* em que se está trabalhando.

A segunda semana de observação dos alunos foi importante, pois se pôde perceber a inabilidade dos alunos com os equipamentos. Vale ressaltar e descrever a dificuldade dos alunos em manusear o *tablet*, pois sem a “intimidade” com o equipamento, o *touch screen* e a língua inglesa (linguagem padrão do *tablet*) tornaram a ferramenta um tanto quanto inacessível. É possível supor que tal dificuldade seja oriunda de uma tradicionalidade na maneira como cada indivíduo se relaciona cotidianamente com os suportes tecnológicos aos quais tem acesso. A maioria destes alunos acostumou-se a se debruçar somente sobre mouses e teclados diante de uma mesa, ou, no máximo a lançar mão de notebooks e *netbooks*. Tocar uma tela e dela extrair informações ou com ela interagir, era uma vivência que para muitos se resumia a uma consulta de extrato bancário em caixas eletrônico de algumas agências. Não que esta “nova” realidade transferida para sala de aula os tenha intimidado, mas exigiu de muitos destes alunos uma habilidade e uma intimidade que não estavam aptos a devolverem.

É possível supor ainda que a formação acadêmica deste primeiro grupo, bem como sua atuação profissional, nunca exigiu destes uma busca mais ávida por instrumentos mais eficientes. A vivência de um professor ou pedagogo no ambiente educacional de um país onde o embarque de tecnologia é esmagadoramente direcionado, em sua maioria, às áreas das ciências, por tal não lhes exige o domínio e a conjugação de novos aportes. O quadro negro e o giz – hoje o de acrílico e a caneta piloto – o mimeógrafo e o retroprojetor são, na maioria das escolas, principalmente as públicas³, o máximo de suporte tecnológico ao qual tem acesso e que, dentro de suas perspectivas, atendem (até então eficientemente) às suas necessidades, embotando não apenas o conhecimento por ferramentas inovadoras, bem como seu desejo de absorvê-las.

Dessa forma, foi necessária uma primeira intervenção da instituição antes da efetiva utilização dos equipamentos em sala de aula. Os *tablets* vêm munidos de programas originais, normalmente de uso livre, ou seja, sem a necessidade de compra ou registro para uso, mas são *softwares* similares aos do *Windows*, ou os mais conhecidos comercialmente. Normalmente são compatíveis com todos os usuais, caso não, sempre há aplicativos que permitem algum tipo de compatibilidade fazendo com que os arquivos sejam migrados para outros computadores e formatos, mas em geral são facilmente acessados pelo equipamento ofertado pela instituição. Além de tais arquivos compatíveis, os *tablets* são carregados com arquivos básicos disponibilizados pela instituição, alguns deles visuais, como a logo da instituição a ser usada como “papel de parede”, instruções básicas da pós-graduação e da instituição com utilização da biblioteca, solicitações às secretarias, entre outros.

Necessidade apontada, os técnicos fizeram um breve tutorial de como tirar melhor proveito de tal ferramenta. Como acessar o site, sua navegabilidade, programas, como utilizar aplicativos e até mesmo de que forma utilizar compostos eletrônicos que pudessem ser de auxílio à utilização desses no dia a dia, como: mini-teclados, cabos e adaptadores para porta USB, softwares de conversão de formato de arquivos, resolução para imagens e vídeos e sobre os aplicativos de navegação na internet disponível no equipamento. Mostrou-se também a melhor forma de limpeza, utilização e proteção do equipamento que a princípio parece ser tão sensível, já que utiliza o toque como mecanismo de entrada de dados. Depois dessa introdução ao uso do mecanismo para as necessidades cotidianas, a aula foi conduzida de forma tradicional, ou seja, cópias de texto, leituras a partir do papel e anotações no caderno. Entende-se por tradicionalidade nas aulas os moldes em que o professor se utiliza de quadro negro para fazer

³ Não se está levando em consideração uma pequena parcela de escolas públicas que são usadas como modelo de educação, como de grandes capitais, e que já contém uma expressiva inserção digital

apontamentos de tópicos dos textos que foram previamente indicados, subseqüentemente, à medida que surge necessidade, mais anotações são feitas no quadro, enquanto alunos os realizam nos cadernos ou nos próprios textos. Algumas perguntas surgem, o professor responde e, em um dado momento, os alunos são separados em grupos para discussão de algum título ou tema proposto.

A terceira semana de observação, foi, mais uma vez pautada por problemáticas acerca da tecnologia, dessa vez por motivos que não competem à faculdade, ou seja, o acesso à internet estava oscilando e não permitia conexão à rede. Pela instabilidade e problemas de velocidade, acaba-se por considerar normal a fragilidade quanto à qualidade e a velocidade do acesso à internet, principalmente no interior. Quando se sai dos grandes centros, a qualidade de conexão oscila constantemente, impedindo assim, às vezes, a possibilidade do uso dessa ferramenta. Esse foi o próximo problema enfrentado, pois a internet não permitia a conectividade das salas de aula, o problema poderia estar com o provedor da instituição, juntamente ao alcance dos roteadores sem fio, ou quem sabe no alcance do *wireless* desses. Como no sábado não é costumeiro o plantão da equipe de tecnologia, essa resposta não foi obtida. Importante ressaltar aqui que os alunos precisavam desse acesso para fazer o *download* do site da faculdade, das aulas do dia corrente disponibilizadas pela professora na semana anterior. Foi necessário que, algum tempo depois de começada a aula, a professora fosse até a copiadora reproduzir o material que seria trabalhado naquele dia. Dessa forma, mais uma vez a observação *in loco* seguiu um novo rumo, por motivos técnicos que fogem do alcance da sala de aula e professores e se concentra em técnicos e tecnologia.

Finalmente, na quarta semana de tentativa, foi possível iniciar a observação de uma aula mediada pela tecnologia. Vale ressaltar que essa já seria o último dia do módulo da professora em questão, já que as disciplinas duram em média um mês. A dinâmica da aula ocorreu da seguinte maneira: a professora disponibilizou aos alunos alguns textos digitais na plataforma virtual da instituição, a plataforma *moodle*⁴, nos quais eles poderiam fazer o download anterior ao início da aula. Havia um texto base e alguns outros a serem lidos em grupos, que ela dividiu logo no início da atividade. Após a discussão do texto principal, a professora dividiu os alunos em grupo de três ou quatro indivíduos para análise e *anamnese* de *cases* envolvendo crianças com algum tipo de problema resultando direta ou indiretamente em algum tipo de reação na

⁴ Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment", um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. A expressão designa ainda o *Learning Management System* (Sistema de gestão da aprendizagem) em trabalho colaborativo baseado nesse programa, acessível através da Internet ou de rede local.

escola. Com as informações fornecidas, o texto explicado anteriormente e o debate entre os pares, haveria a posterior explanação aos outros grupos.

Quanto às práticas de leitura, foco desse trabalho, a análise foi feita *in loco* pela pesquisadora e registrada por fotografia e filmagens. É importante ressaltar que os *tablets* não substituíram os cadernos, lápis ou as canetas, afinal todos os alunos apenas incorporaram o eletrônico ao material escolar, alguns, inclusive, estavam munidos de um notebook. Com o arquivo em PDF aberto na tela, os alunos faziam a leitura normalmente, e com uma caneta ou com os próprios dedos seguiam a linha do texto para não se perderem e realizavam apontamentos no caderno como: registro de algo importante informado sobre o aluno, fatores que poderiam ser diferenciais na discussão posterior. Alguns também apresentavam o texto impresso, onde faziam as leituras, sublinhavam o texto, mas permaneciam com o *tablet* sobre a mesa, é claro que sem utilização o mesmo ficava por algum tempo apagado, por ora tocavam na tela pra poder reacender o aparelho.

Tais ações incitam a questionar o que explicaria o compartilhamento simultâneo de tantos suportes em uma mesma atividade. *Tablets, notebooks*, livros, textos impressos, cadernos e lápis, todos dividindo o mesmo espaço e, de certa forma, todos com o mesmo objetivo. Por qual motivo há a prevalência de um sobre os outros? O que causa tamanha resistência do usuário em decidir-se definitivamente por este ou aquele suporte? Ou seria esta uma tarefa que ao menos a curto e médio prazo é impossível de vislumbrar – pensando no grupo aqui abordado? Talvez seja possível pensar que a insegurança possa ser um motivo justificador deste comportamento. É possível dizer isso a partir das observações, em que os alunos atribuem ao papel a confiabilidade e a certeza de informação que pode ser encontrada a qualquer momento, sem que haja qualquer interferência exterior, seja conexão, energia ou até mesmo o tempo para buscar onde as informações foram armazenadas. Percebe-se que o sujeito é naturalmente tendencioso a rejeitar aquilo que não se domina completamente; afeito a resistir às mudanças que estimulam um processo de readaptação, seja por causar insegurança, seja por retirar-lhe de certa comodidade. Por esse motivo se agarram às práticas tradicionais que transmitem sensações confortáveis e de acolhimento, ou sobre as quais se tem o total controle, segundo os próprios alunos, a garantia do papel é sólida, e o digital, os deixam insipiente e conseqüentemente inseguros.

Abandonar o vínculo praticamente eterno e prático da caneta sobre o papel pode ser, para muitos, principalmente aqueles que trabalham diariamente com essas ferramentas, algo difícil quando se fala em avançar sobre esse um terreno efêmero e para alguns cheios de incertezas e dificuldades, que o virtual oferece. Ainda que a estrutura do livro seja fisicamente

frágil, por suas páginas poderem ser perdidas, ficar amareladas pelo tempo ou pelo calor ainda, assim seu conteúdo estará disponível à avidez de qualquer leitor. Até mesmo a sua existência física acaba por gerar uma confiabilidade àqueles que têm essa prática por costume. Indo contra as fragilidades que a tecnologia pode oferecer, seja por falta de bateria, de energia, hackers, vírus, ou a incompatibilidade de programas, podem impossibilitar esse simples acesso à leitura, bem como as anotações que podem ser feitas a toda hora, de forma fácil e em qualquer ambiente.

Por outro lado, programas de nomenclaturas complicadas, estrangeirismos, comandos que por vezes não fazem sentido, baterias que se acabam, telas que se apagam, mensagens em idiomas que não se dominam, sensibilidade ao calor, ao choque e ao líquido, dependência de provedores e da não limitação das conexões – sem falar de sua qualidade e velocidade e a impossibilidade de imprimir ali a sua caligrafia pessoal fazem coro com uma série de outros fatores que intimidam e fazem os usuários muito mais reféns do que dominadores destes novos suportes. Faltou citar, por fim os preços que, para muitos, ainda é um limitador para se conviver com essa tecnologia e suas acessibilidades. Todas essas afirmativas são resultantes de uma série de observações feitas pelos alunos, em diversos momentos, normalmente naqueles em que justificavam a não utilização do equipamento e principalmente, a principal reclamação junto à equipe de atendimento à informática da instituição.

Voltando à “tradicional” sala de aula, foi de notória observação que, na hora da apresentação, o texto digital servia apenas para consulta, ou leitura de algum trecho específico que os fizeram chegar à conclusão da *anamnese*, mas toda a discussão estava no caderno do porta-voz do grupo. Bem como os alunos, a professora também trabalha com o projetor ligado, apresentando o texto e fragmentos que ajudem o aluno nessa tarefa, mas a mesma também possui o texto impresso nas mãos, bem como livros, caderno e uma série de impressos sobre a mesa, o que faz crer, portanto, que não se trata nem da falta de uma oferta – ao menos pontual – de suporte tecnológico e nem de uma hierarquia profissional que confira a cada um uma maior ou menor oportunidade de utilizá-los; trata-se mesmo de uma falta de autoridade pessoal ao apropriarem-se definitivamente de tais instrumentos e os incorporarem como ferramentas fundamentais e indissociáveis de suas atividades cotidianas tal qual o livro o fez ao longo dos séculos.

Ainda há uma busca pela concepção do material, palpável e físico, ou seja, num grupo que tem por esse costume buscar ações concretas, e não ações no virtual ou digital. Entende-se por “concepção material” a escrita em cadernos e quadros negros que são práticas diárias (ressaltando que se está observando um grupo de professores do ensino fundamental), nos quais as professoras ainda fazem questão de corrigir e colocar recadinhos, avaliar os alunos pelo

capricho da letra e do cuidado com a limpeza do material de estudo. É interessante perceber que, em seus próprios cadernos, em seus próprios estudos, tais alunos fazem questão de tal capricho, anotações bem descritas, apontamento nos textos lidos, utilizando marca textos, cliques coloridos e outras ações que enfeitam e indicam várias ações nos próprios cadernos. Nos debates, por exemplo, citaram que alguns cadernos perdiam o capricho, as letras aumentaram, ou perderam determinado formato, após um trauma ou frustração. Esses mesmos professores, e orientadores, agora no papel de alunos durante todo o processo de ler, entender e debater utilizavam o *tablet* apenas como suporte, mas o papel fundamental durante todo o processo de leitura foi o caderno, sobre o qual o leitor também pode fazer suas anotações e considerações que não poderiam ser esquecidas.

Essa observação que durou quatro semanas terminou juntamente com essa disciplina, e pôde abordar boas necessidades da leitura, escrita e relações entre os pares, bem como a relação da professora na condução dessas ações. Foi de fácil percepção o quanto as aulas estão cerceadas pelo costume do dia a dia dos alunos. Enfatizando que esse grupo é composto por alunos formados em licenciatura (as mais diversas) e que trabalham com ensino básico refletem o que se pode chamar de tradicionalidade em salas de aula, quando se usa como referência a inserção do digital nas práticas cotidianas ou a dificuldade de interação com os equipamentos usados em aula. Em alguns momentos, percebe-se uma clara reação contrária à inserção da tecnologia em atividades cotidianas por esta ainda estar atrelada às ideias de entretenimento, por essa tecnologia afastar das raízes da tradicional “alfabetização” e principalmente por ainda temerem a instabilidade que a virtualidade causa. É possível afirmar tal ação (ou reação) pelos comentários dos alunos, por exemplo, ao citar o uso cotidiano do computador que é atribuído à digitação de trabalhos, redes sociais e correio eletrônico, ou seja, uso conforme a prática mais “básica” da tecnologia. Ao solicitar uma anotação, os cadernos são imediatamente abertos ou colocados sobre as bancadas e as observações que envolvem atividades desenvolvidas com alunos do ensino fundamental estão sempre ligados a ações que não envolvem o digital, já que as crianças estão envolvidas diariamente em diversões a partir de jogos de *vídeo game* e de computador. As considerações acerca das questões teóricas e discursivas comporão o próximo capítulo dessa pesquisa.

2.1.2 Segundo grupo: Bacharelados e tecnólogos

O segundo grupo analisado é composto por outro perfil de alunado. Os trinta e dois alunos de MBA Executivo em Gestão Estratégica de Negócios foram o segundo grupo escolhido para observação. Mais especificamente o módulo de Gestão de Projetos, iniciado em nove de maio de 2012 e foi selecionado pela busca de uma diversidade de público que possibilitasse a comparação entre públicos distintos e a necessidade de promover uma discussão sobre as relações de leitura. Apesar de buscar outro público, há sempre preocupação em manter-se um padrão de escolha: idades, graduação concluída e busca de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho. É possível encontrar nesse grupo as graduações regulares, de formação de bacharéis, e as de formação dos tecnólogos. Entre eles estão administradores de empresas, profissionais de recursos humanos, jornalistas, sistemas de informação. Entre eles as práticas de trabalho também são as mais diversas: turismo, representantes comerciais, profissionais de tecnologia da informação, funcionários de multinacionais e de empresas familiares.

Por este perfil, acredita-se que se possa ter dentro desse grupo um número maior de pessoas que dominem os instrumentos digitais que ofereçam suporte para leitura, uma vez que suas áreas de atuação têm, diferentemente dos licenciados, uma intimidade maior com a tecnologia, já que em praticamente toda vertente mercadológica, alguma interferência maior da informatização está agregada. Em alguns casos, como os representantes comerciais, o *tablet* já é uma ferramenta essencial onde os pedidos são registrados e enviados imediatamente, tentando reduzir tempo e distância do pedido e conseqüentemente do produto.

A programação, como do grupo anterior, é de oito aulas divididas em quatro semanas. A única diferença se faz nos dias, o grupo anterior acontecia aos sábados, matutino e esse é realizado as quartas e quintas no turno da noite, das 18h30 às 22h com intervalo de quinze minutos reservado ao café com biscoitos que é disponibilizado dentro da própria sala de aula. Para a professora que irá lecionar a disciplina (que se trata da pesquisadora responsável por esse trabalho) é o primeiro contato com a turma e conseqüentemente o primeiro contato com essa metodologia adotada pela instituição. Até então a professora era apenas como observadora *in loco* em busca por informações empíricas para essa pesquisa.

De observadora a condutora de ações da leitura, pôde-se levantar a problemática se a condução dessa pesquisa e observação na condição de professora e pesquisadora pudesse gerar uma forma tendenciosa na análise e conseqüente discussão do assunto, mas tal cuidado foi tomado ao escolher tal grupo como segundo. Se o primeiro grupo foi de mero expectador,

algumas intervenções eram necessárias, já que nem mesmo os professores estavam acostumados a essa logística de aula. Notando ser necessário buscar novos incentivos, com algumas interferências do condutor quanto aos usos dos equipamentos e incentivos de leitura, os alunos foram analisados pela própria professora, assim sendo todas as atividades propostas foram encaradas como dentro do contexto da aula. Buscando uma isonomia entre os alunos, em que eles não estariam apenas sendo observados por terceiros, o que poderia alterar as formas de reação deles, acredita-se que tal condução seja importante para explorar as potencialidades de uma aula mediada pelo *tablet*.

2.1.2.1 A primeira semana de aula

Ao chegar à sala de aula, alguns poucos alunos já estavam dispostos e havia um “carrinho” com data show, som e computador. Mas a professora também estava com um *notebook*, com as aulas preparadas. Na verdade, já era sabido que haveria um computador disponível, mas há sempre um receio por incompatibilidades de programas, já que na programação havia vídeos e as aulas dispostas em PowerPoint. Aliás, há de se convir, a multiplicidade de programas operacionais, ou seja, a diversidade de *software* é outra variante que devemos levar em consideração no rol daquelas que antes mais dificultam do que facilitam a apropriação dos suportes digitais de escrita e leitura. A infinidade de aparelhos com uma infinidade de programas que não se conjugam, que não são compatíveis criam verdadeiras barreiras quando, por exemplo, a instituição escolhe um dado programa e o aparelho de uso pessoal deste ou daquele aluno não processa tão programa.

Nesse sentido, novamente o uso dos livros e cadernos somam pontos, porquanto por mais que se varie o tipo de papel, a cor da tinta, a forma das letras ou o tamanho dos livros, estes continuarão legíveis por quem quer que seja; assim como o caderno com linhas mais largas ou estreitas, com margens ou sem margens, grampeados, colados ou em espiral, de bolso ou de proporções enormes para o registros de atas também estes eternamente estarão prontos a receber qualquer caligrafia em qualquer idioma ou dialeto. Não existe dificuldade operacional por incompatibilidade de programas que atravanquem o uso do livro e do caderno. Após as devidas apresentações, um dos alunos perguntou se as aulas já estariam no portal, mas já na primeira tentativa não foi possível, pois, como a disciplina seria ministrada por outra professora, a

disciplina não estava cadastrada no perfil atual para que houvesse a inserção do material no sistema *on line*.

Alguns alunos pediram que o material fosse copiado diretamente em *pen drives*, já que alguns poucos ainda não haviam conseguido cadastrar a senha para acesso às chamadas salas de aula virtual, mas o grande questionamento foi mesmo sobre a qualidade da internet. Este é outro aspecto que ainda não atende satisfatoriamente ao desejo e à necessidade dos usuários, se outrora o acesso ao material dependia apenas da habilidade para se abrir a mochila e à velocidade de cada um em copiar manualmente as informações, ou, mais ainda, de lembrar-se ou não de passar na copiadora e pegar sua apostila, esse atributo pessoal fora subtraído do indivíduo e o tornou refém de um novo instrumento, na verdade quase uma entidade, sobre a qual ele não possui o menor controle.

O decorrer da aula aconteceu de forma natural, os alunos apenas observavam e anotavam nos cadernos observações acerca do que estava sendo falado, havendo poucas intervenções dos alunos, talvez por ser o primeiro contato com a professora, quem sabe por ser ainda uma fase muito introdutória com conceitos básicos que seriam trabalhados no decorrer das aulas, ou até mesmo poderia ser o perfil da turma, mas notório é ver que ainda há uma dificuldade de os alunos aderirem ao uso do *tablet* como uma ferramenta única de anotações. É possível fazer tal observação ao observar as mesas contendo uma variedade de materiais, como cadernos, canetas e lápis, *tablet*, celulares e agendas, e todas essas, servem de suporte de leitura e anotação.

Como há um intervalo para o café, tal momento é utilizado para uma aproximação com os alunos e saber das profissões e dos afazeres do dia a dia, abordagem necessária também para saber a opinião desses alunos sobre a nova logística adotada pela instituição. Esse momento da pesquisa foi baseado em uma entrevista informal. Fácil perceber que a escolha desses alunos é a partir de uma necessidade de qualificação, mas não há ao certo um direcionamento para essa certeza, dessa forma, os alunos atendem a um chamado de marketing da instituição, bem como a compatibilidade de horário e dia do curso. Houve relatos de que foi determinante para a escolha desse curso, a possibilidade de estudar no período noturno e durante a semana, já que a maioria dos cursos da região acontecem aos sábados. Nenhum deles relatou a escolha pela propagação de ganhar um *tablet* ao se inscrever, ao contrário, há uma série de reclamações quanto ao equipamento e a tecnologia utilizada. Mais relatos a respeito do assunto estarão no próximo capítulo.

Também é fácil perceber a diversidade de ambiente de trabalho dos alunos. Alguns estão sempre viajando, então aproveitam o primeiro dia de aula para avisar ao professor sobre as

constantes faltas, por trabalharem fora da cidade de Volta Redonda, por demanda de viagem profissional, inclusive internacional. É uma condição ter maleabilidade com esses alunos, já que há normas de aprovação que preveem haver setenta e cinco por cento de presença para aprovação na disciplina. Alguns alunos já avisam a ausência da próxima semana, outros emitem recado de companheiros de trabalho que estão impossibilitados de comparecer na presente semana.

Voltando do intervalo, foi proposta aos alunos uma divisão de grupos, bem como uma discussão para o desenvolvimento de um trabalho final, o que seria contabilizado como nota e aprovação do módulo em questão. Com a turma dividida em quatro grupos e tais subdivididos em dois, aproveitou-se pra informá-los que além de professora, estaria os analisando como pesquisadora, de forma que todas as ações e intervenções junto ao *tablet* estariam sendo anotadas, observadas, filmadas e fotografadas, para fins de pesquisa e o principal objetivo é analisar os usos e as apropriações dos textos digitais, bem como a utilização da ferramenta recebida no início do curso e que todas as informações e comentários seriam bem vindos às comparações e análises futuras. Foi desenvolvido também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para consentimento e autorização de utilização das filmagens, fotos e depoimentos na pesquisa aqui relatada, tanto para o primeiro como para esse segundo grupo. Vale ressaltar que não houve reações contrárias a essa pesquisa.

A partir dessa proposta com os alunos, foi percebido que os *tablets* ainda não são ferramentas primordiais na aula. É possível afirmar isso, pois a primeira reação dos alunos, ao pedido de anotações ou de leitura, é fazê-las nos cadernos ou nas folhas distribuídas ou impressas pelos próprios alunos. Tanto para alunos quanto para professores; assim como é difícil fazer com que os discentes abandonem por completo as formas tradicionais e materiais de anotações, assim também o é para que os docentes cortem o vínculo com os quadros-negros ou os mais recentes de acrílico, onde as informações que merecem especial atenção, como datas de avaliações, entregas de trabalho e temas para os mesmos são manualmente registrados. O equipamento de informática disponibilizado para o professor serve principalmente para projeção de slides, não são utilizadas as possibilidades tecnológicas, apenas as indicações do decorrer das aulas. Pode-se dizer que, na programação das aulas, busca-se algumas formas de promover a interatividade, mas é difícil prever o funcionamento da internet e até mesmo é difícil desenvolver algum tipo de exercício *on line*, ou com *hiperlinks*, por exemplo.

Todas as anotações acerca do trabalho pedido foram feitas em cadernos, folhas, mas em sua maioria foram discutidos e permaneceram sem anotações. Ao questioná-los sobre a não utilização da ferramenta, a palavra utilizada foi: materialidade. Segundo eles, apesar de todo o

costume e a relação diária com computador, celular e tecnologia, a materialidade não está apenas na ferramenta, e sim na possibilidade de interação com a produção, ou seja, o escrever, anotar e apontar no próprio caderno, isso foi a tradução da palavra interagir. Segundo eles constitui-se interação o contato com uma textura física e tal conforto o suporte digital ainda não consegue oferecer, sem contar com a noção de segurança da guarda desta escrita como já discorremos anteriormente.

Interessante apontar que, ao pedir a divisão da turma, foi solicitado também que informasse como havia ficado tal separação bem como os nomes dos componentes. Ao pensar nas ferramentas disponibilizadas e de fácil acesso: os *tablets* e a tecnologia wireless, imaginou-se que eles encaminhariam essas informações via e-mail ou pela plataforma *moodle*, mas os alunos fizeram relações em pedaços de papel e entregaram à professora. Se voluntária ou involuntariamente, se consciente ou inconscientemente, pouco importa, o fato é que este pequeno detalhe está impregnado de significado. Por mais que mergulhem nos suportes digitais para a execução dos trabalhos e atividades solicitadas, a atitude mecânica, a reação automática a um estímulo de última hora e fora do planejamento revelou a dependência tradicional que estes alunos contemporâneos ainda mantêm com a tradicionalidade do papel e caneta.

Para o segundo dia de aula, ainda na primeira semana, era preciso disponibilizar a aula anterior (do primeiro dia de aula) e ainda inserir a presente, mas não foi possível novamente porque, depois do primeiro problema relatado, mais um desmembramento dele aconteceu. Já que há cerca de um ano essa disciplina fora ministrada por outro docente, ao realizar o cadastro da disciplina, o sistema retornou com o material do antigo professor. Então, os espaços que estariam disponíveis para inserir os novos arquivos, já estavam carregados de arquivos de Excel, Word e Power Point. Eram exercícios, bibliografia, apresentações e alguns textos. Como não havia informações em como proceder, já que para inserir as aulas os professores normalmente trabalham de casa, foi necessário passar um e-mail para o plantão do NEAD, aguardando solução desse impasse. Resultado: mais uma aula sem o material disponibilizado aos alunos até que o setor responsável pelas salas de aulas virtuais interviesse nessa solução. Ao chegar à faculdade, e relatar o fato (além do e-mail enviado), o funcionário disse que solucionaria tal questão.

Analisando este episódio: ao se estudar a adaptação de grupos diferenciados de alunos a um determinado suporte digital de leitura e de produção de texto, percebe-se que tal processo se dá de forma diferenciada, com maior ou menor propriedade de um para outro indivíduo. Deve-se reconhecer que tal suporte não está, diferentemente dos livros e cadernos, totalmente sob o controle do usuário, o que, por si só, constitui uma significativa barreira nas relações com

o ato de ler. Para complicar tal cenário, a própria instituição criadora da proposta de utilização do *tablets* não consegue dominar o processo de geração, distribuição e organização das informações necessárias para que o projeto iniciado por ela alcance um mínimo de resultados positivos.

O material ao qual aqui se refere são os slides projetados, com referência bibliográfica e os pontos mais importantes a serem abordados e discutidos. Para essa disciplina também foram disponibilizados os links de vídeos do *youtube* e exercícios preparados para melhor absorção do conhecimento. Devido a não possibilidade de “postar” a aula, e havendo necessidade de que os alunos fizessem exercícios de análise e acompanhamento de gráficos e de esquemas, antes de ir para a sala de aula, foram deixadas na copiadora três páginas, que seriam reproduzidas e distribuídas depois do intervalo. Como é definido por contrato assinado no início das aulas que todo o material didático é disponibilizado de forma *on line* para utilização, optou-se por realizar o material por conta e custo próprio, a fim de evitar quaisquer problemas futuros no fim do período.

A aula seguiu tradicionalmente os moldes conhecidos, havendo uma substituição do quadro negro, ou do quadro branco, pelos slides do *data show*, sendo os exercícios apresentados na tela depois distribuídos em material impresso. Curiosamente, na semana seguinte, quando esse material já estava disponível no site da instituição, os alunos que faltaram às aulas chegaram até a professora para solicitar o material impresso, entregue na semana anterior. Pode-se dizer que a materialidade do material impresso, mesmo sendo o mesmo do postado na sala de aula virtual, ganhou a credibilidade de algo “de direito”, manifestada pelo interesse pela aula perdida daqueles que faltaram no dia anterior. Pelo menos, foi dessa forma que se percebeu a manifestação e o interesse dos faltosos.

2.1.2.2 A segunda semana de aula

Ao chegar à instituição para o prosseguimento do módulo da disciplina de Gestão de Projetos, havia uma alteração física, ou melhor, os alunos foram deslocados para outra sala do mesmo andar. Uma sala menor, mas, segundo relatos, com melhor acesso à *internet*. Percebeu-se que logo à frente da sala havia um roteador para *internet*, sem fio, e que, a princípio, facilitou o *download* do material do *site*, aparentando finalmente, que as coisas começavam a caminhar de forma mais corrente.

Para a segunda semana, já foi possível inserir as aulas no portal. Vale ressaltar que a ação é muito trabalhosa, ou burocrática, o que definiria melhor o processo. Para cada arquivo desejado, são necessários cerca de seis ambientes diferentes, ou telas de acesso: a do *login*, a de escolha do curso disponível, a de ativação de edição da página, para só em seguida ser apresentada uma página disponível para a programação das aulas, onde se pode acrescentar o recurso e as atividades, subdividida em mais seis partes. Assim, seleciona-se o tipo de *link*, arquivo, ou até mesmo a criação de uma página simples de texto, além da seleção do tipo de atividade que se deseja naquela aula como um *chat*, diário, pesquisa, entre outros. Após esses passos, é necessário ir para a próxima página, que serve para buscar o arquivo ou página escolhida, na qual após ser selecionada vai para outra tela que arquiva todas as escolhas, para assim poder-se selecionar qual arquivo ficará em qual aula e, por último, o desabilitar da edição das aulas. Não se pode deixar de perceber que indicar quais capítulos de quais livros ou quais apostilas serão utilizadas nesta ou naquela aula, até mesmo já separá-los e deixar na copiadora, é uma tarefa bem menos complexa, que consome bem menos dos professores, dos alunos e da coordenação da logística de acontecimentos.

Dependendo do arquivo, gasta-se cerca de três minutos em cada ação já citada, excluindo-se aí os problemas de conexão. Arquivos muito pesados com imagens ou os vídeos que acabam por prorrogar ainda mais esse tempo de inserção de materiais. Nesta semana, para a primeira aula, ainda seriam utilizados cinco slides provenientes da semana anterior, embora já houvesse sido inserido o arquivo da próxima aula.

No início da aula, como praxe, perguntou-se se todos já estavam com as aulas nos *tablets*, mas dois responderam que estavam com problemas de senhas de acesso. Alguns relataram que acessaram o portal, mas as aulas não estavam acessíveis, só visualizaram os ícones. Sendo assim, pediu-se que o estagiário do NEAD viesse até a sala para um atendimento personalizado aos alunos. Feito isso, algumas soluções foram encontradas para alunos que ainda tinham problemas de acesso ao portal, de navegações no *tablet* e de senhas. Interessante ressaltar que os problemas operacionais no suporte digital demandam a interferência de alguém que seja um especialista no seu funcionamento ou na sua alimentação, impedindo-se assim a interação direta do leitor com seu suporte de textos. Essas ferramentas normalmente são autoexplicativas quanto às funções e ações, as resoluções acabam por impedir seu funcionamento ou curso comum, gerando, assim, a interferência de terceiros. Pode-se pensar que os problemas de dentro de sala de aula, como dificuldade em determinados textos, resoluções entre problemas de trabalhos ou compreensão de textos podem ser solucionados

individualmente, seja a partir de um dicionário ou discussão entre pares, mas não necessita de intervenções externas.

Dando prosseguimento à aula, a proposta era um exercício de construção de um termo de abertura, para isso haveria um *brainstorm* entre os grupos já divididos na semana anterior. Observando-se as ações dos alunos, era perceptível que a maioria não utilizava o *tablet* como ferramenta de anotação e isso lhes foi questionado. Sobre essa “nova” metodologia digital, a primeira crítica surge a partir das dificuldades da *internet*, já que a instabilidade e a baixa velocidade da conexão não permitem que a utilização dos equipamentos seja simultânea conforme a necessidade da aula. Por exemplo, alguns vídeos do *youtube* foram apresentados, mas os alunos não tiveram acesso ao site pela instituição. Dessa forma, a leitura dos vídeos, ou até mesmo sua utilização em sala de aula foi somente a apresentada pela professora. Ora, se pela natureza tradicionalista a maioria dos alunos já encontram grande dificuldade em migrar do velho e histórico papel para a nova tecnologia digital, tal dificuldade se vê imensamente potencializada se os aparatos de suporte a esta migração não funcionam a contento.

Na aula do dia 17 de maio, foi proposto um exercício, a partir de uma série de questionamentos, o que os levaria ao desenvolvimento de determinado projeto. A intenção desse exercício era forçar alguma ação no digital, estimulando anotações sobre as orientações dos tópicos apresentados. Em sua maioria, excetuando dois alunos portando *Ipads*, ferramenta já de uso cotidiano para o trabalho e no dia a dia, os demais não utilizavam as ferramentas digitais. Apenas as duas exceções - um dos alunos é representante comercial e o outro funcionário da CSN do setor de Tecnologia de Informação -, mesmo antes de a professora solicitar que as anotações fossem a partir dos próprios *tablets*, já adotavam essa prática, usando o editor de texto MAC, enquanto os outros usavam cadernos ou as próprias folhas entregues na semana anterior. Segundo os outros alunos, não há editor de texto no *tablet* recebido, informação equivocada, já que há um programa similar e compatível com o *Office* da *Microsoft*. Se não é desconhecimento da utilidade de tal programa ou falta de curiosidade em conhecer seu equipamento, tal resposta pode demonstrar ao menos duas coisas: má vontade em efetuar tal transição ou desânimo pelos parciais fracassos anteriores.

Essa ação, (ou não ação) dos alunos foi equivocada, já que o equipamento oferece programas similares aos mais conhecidos no mercado. A diferença de atitude dos dois alunos com *IPad*, em relação aos demais pode ser associada às respectivas práticas cotidianas de cada um. É interessante perguntar se essa diferença em sala de aula nas ações de dois alunos portadores de um equipamento anterior ao uso em massa estaria atribuída a alguma forma de facilidade a partir do momento em que se tem familiaridade com o uso do equipamento de

forma cotidiana. Por conta dessa observação, os alunos foram questionados pelo motivo de não estarem utilizando a ferramenta para as anotações e preparação do trabalho, obtendo-se, a partir disso, a seguinte resposta: “esse *tablet* não funciona”. Houve tréplica, já que não se precisaria da internet, à medida que todos já haviam baixado o material, e os que não conseguiram, fizeram cópia do material utilizado pela professora, através de *pen drive*. Sugeriu-se que utilizassem o editor de texto disponível, ao que relataram não conhecer o programa ali instalado. Tentativa frustrada, os velhos cadernos foram mantidos, mesmo que já se houvesse assinado anteriormente um contrato que condicionava a entrada na pós-graduação ao recebimento de um *tablet* como ferramenta de apoio. Ainda que com a tecnologia disponível, em momento algum o abandono dos meios tradicionais de registro foi sequer cogitado ou, ao menos, nenhuma atitude significativa neste sentido foi levada a efeito. Percebe-se mais uma vez que a palavra escrita permanece incólume, e a tradição continua cerceando os dias e a história da *leitura* consolidada.

Outra curiosidade percebida foi na não integração no *tablet* como ferramenta de aula. Alguns alunos disseram nem mais carregar consigo os equipamentos eletrônicos, em virtude da não funcionalidade. Desistência de algo realmente não funcional por uma conjugação, ou melhor, uma má conjugação de inúmeros fatores já arrolados aqui, ou resistência a uma mudança que signifique soltar as amarras com um modelo tão duradouro e de resultados tão concretos por outro sobre o qual a caminhada acadêmica mal deu seus primeiros passos e, por isso mesmo, ainda não removeu ou se adaptou aos inúmeros obstáculos do trajeto? Seja qual for a resposta, o certo é que, mais uma vez, a materialidade foi reforçada, da mesma forma que a tradicionalidade da construção textual no papel.

2.1.2.3 A terceira semana de aula

Para a terceira semana, foi preparada uma outra forma de trabalho que envolvia leitura no suporte digital. Reproduzidos digitalmente, foram preparados alguns textos de um livro que não constava na bibliografia básica do curso, por se desejar que os alunos não conhecessem o *case* que estava sendo proposto, e, conseqüentemente, para haver uma leitura mais detalhada do assunto. Para isso, pediu-se que, independente dos grupos já divididos na primeira aula, os alunos se separassem, agora, aproveitando a disposição das bancadas, onde os da frente apenas mudariam as cadeiras para a bancada da parte de trás. Foram distribuídos os textos entre grupos,

havia cinco “cases” a serem lidos, debatidos e apresentados aos outros grupos. Vale ressaltar que o verbo distribuir foi utilizado de forma digital, ou, como dizem os alunos, de forma *virtual*, já que a distribuição foi na verdade uma delegação de qual grupo ficaria responsável por qual texto. Ao perguntar se todos estavam de posse do material, inserido previamente no portal, apenas dois alunos haviam feito o download, alguns porque não conseguiram e outros porque simplesmente não tentaram. Alguns acessaram o *site* da instituição naquele momento, outros pediram cópia pelo *pen drive*, e o grupo cujos componentes não conseguiram o acesso à internet, (ou não estavam com o *tablet* em mãos) fez a leitura a partir do próprio livro, emprestado pela professora, pois esse (o livro) compunha material de aula. Outro grupo utilizou um *netbook* para a análise.

Além dos usos relatados das ferramentas digitais, normalmente um ou dois componentes do grupo lia e comentava com os demais, que faziam anotações nos cadernos. Dois grupos eram os mais concentrados nos *tablets*, onde, inclusive um dos componentes - daqueles que possuem *Ipad* e que cotidianamente, segundo eles, os utiliza- fazia anotações nos próprios editores de texto do equipamento. No primeiro grupo, inclusive, o *Ipad* foi cedido para os outros alunos realizarem a leitura. É importante ressaltar que um desses alunos compunha o grupo de faltantes da primeira semana de aula devido a uma viagem internacional de trabalho da qual trouxe de Miami o *Ipad*. Ao se perguntar sobre o uso do equipamento, ele relatou que é um muito eficiente e de fácil manuseio e que o *touch screen* é bem interativo. Isso fez pensar se a qualidade ou a novidade do equipamento faria alguma diferença considerável quanto ao seu uso e apropriação.

No segundo dia da cita semana, já com o equipamento de aula montado, ou seja, o *notebook* da professora, e os equipamentos da instituição - mesa contendo *data show*, caixa de som e outro computador – aguardava-se a chegada de um quórum de alunos. Antecedendo a aula, o coordenador (e diretor) da pós-graduação foi até à sala para conversar com os alunos sobre as notas de trabalhos, a plataforma virtual em que informações estão disponibilizadas, bem como algumas normas do curso, além de entregar um formulário de avaliação do módulo anteriormente aplicado. Alguns alunos aproveitaram para fazer algumas perguntas acerca da dificuldade de acesso, e, a partir disso, o professor informou que, devido a uma nova tecnologia instalada na instituição, o responsável pelo NEAD iria à sala prestar outras explicações. Como anunciado, o responsável pela tecnologia compareceu à sala para novas informações. A primeira delas foi sobre o navegador utilizado que, segundo ele, seria substituído por um navegador, mais “leve” e funcional, que lhes proporcionaria uma melhor visualização das páginas e *download* de materiais, tanto das salas virtuais, como de vídeos e outros *sites*. Para que isso ocorresse, foi acertado com os alunos que eles deixassem os *tablets*, devidamente

identificados, no quiosque de atendimento do NEAD. Enfatizou-se que não seriam retirados os dois outros navegadores: *Opera* e *Fennec*, apenas instalado mais um que não atrapalharia a utilização do equipamento, o *Dolphin*.

Alguns alunos aproveitaram e fizeram algumas perguntas referentes a acesso, outros referente a *download*, e alguns sobre a conexão, já que, especialmente nesse dia, não estava sendo possível o acesso *wireless*, o que privilegiava apenas aqueles que tenham acesso à tecnologia 3G. São justamente esses contratempos, se pode classificá-los desta forma, que causam nos alunos, e quem sabe nas demais pessoas, uma aversão crônica ao uso dos novos suportes tecnológicos e em abraçar uma proposta inicialmente tão interessante de experimento social. O não funcionamento, ou o funcionamento insatisfatório de qualquer equipamento, causa sempre um somatório de sentimentos que em nada contribuem para a realização daquilo a que se propõe: raiva, indignação, resistência, derrota, incompetência, desestímulo. Enfim, cada qual reage de uma forma, mas todas as formas são contrárias à proposta do experimento e ao sucesso da empreitada.

Da mesma forma que os alunos assinaram um contrato que os atrelava a um instrumento, um suporte tecnológico que, teoricamente, deveria potencializar o desempenho das aulas e lhes servir como nova base de leitura e produção de texto, deveria haver um planejamento de adaptação da rede telemática. Falhando nisso, a própria instituição se perde no domínio da nova tecnologia, permitindo que a experiência não alcance os resultados esperados e que muitos dos alunos a abandonem em meio ao processo, por não se sentirem seguros e devidamente acolhidos pelos novos suportes e serviços oferecidos, preferindo então, se refugiar na tradição e na solidez do papel e da tinta. Outra falha é um não acompanhamento das relações (utilização de tecnologia nas necessidades das aulas), que poderiam estar mensurando a validade ou não das ações de inovação instituída pelos cursos.

A partir desse dia, a instituição entrou em fase de teste de um novo equipamento para uso de informática. Em negociação com outra empresa provedora de *internet*, foi fornecido um novo roteador, que, além de fornecer a conexão, permitia o acesso *wireless*. Segundo as informações dos funcionários da TI, esse novo roteador além de na aparência ser maior, também era mais potente. Se o teste fosse favorável, essa empresa passaria a fornecer a conexão de *internet*, pretendendo-se, assim, ser referência em qualidade e velocidade de conexão com *internet*. Nessa semana, pouca alteração foi notória com esse novo equipamento de teste. Apenas o sinal de conexão que estava mais acessível na sala, pois antes, os *tablets* perdiam sinal, já que o ambiente utilizado era relativamente distante do roteador que captava sinais para distribuí-los de forma sem fio. Isso causava uma oscilação que prejudicava a estabilidade na

conexão, além de limitar o acesso, dependendo da distância entre o ambiente e o roteador. Mesmo com esses indícios de mudanças, nessa semana o acesso dos alunos à rede ficou impossibilitado. Ressalta-se que aumentou a distância de emissão de sinais, mas não a qualidade da internet, e que a qualidade do provedor fosse o próximo passo de melhora, mas, até então, todos estavam à mercê dos dois mega para toda a instituição.

Os que não baixaram as aulas antes do início, a receberam por *pen drives* ou pelo 3G - que alguns possuíam em seus *Ipads*. Vale ressaltar que o *tablet* em uso não era compatível com a rede 3G e não tinha entradas para os tão usados *pen drives*. Já que o mesmo não possui entrada para os tradicionais USB's, é comum ver os alunos com adaptadores que acabam deixando a ferramenta maior, e um pouco fora da usabilidade e portabilidade a qual ela é destinada. *Pen Drives, tablet, ipads, 3g, Usb*. Perceba que, para dominar um único instrumento de produção textual ou de leitura numa era digital, requer-se o conhecimento de um universo de siglas e nomenclaturas, bem como uma série enorme de procedimentos sistemáticos que, em sua maioria independem da interferência do usuário e que, principalmente para aqueles que não possuem desde a infância essa vivência, torna-se uma tarefa extremamente complexa. Assim, alunos de idade mais avançada ou aqueles cuja vivência profissional com treinamento específico não tenha encurtado tal distância, são, não coincidentemente, aqueles que apresentam maior dificuldade e conseqüente abandono dos instrumentos eletrônicos de suporte textual.

Nem todas as atividades profissionais, mesmo no terceiro milênio, exigem que seus membros dominem a tecnologia digital. Mesmo no campo da educação, onde a produção textual e a leitura encontram seu berço por excelência, o uso da tecnologia, sobretudo nas escolas públicas de ensino fundamental e médio, a exigência de tal domínio e o uso de novas tecnologias estão longe de encontrar um ambiente acolhedor. Assim, parece que o pleno domínio e o uso destes suportes digitais não podem vislumbrar uma plenitude na mesma velocidade com os quais chega ao mercado e é ofertado à população. Mesmo aqueles que são adquiridos em maior quantidade, ao que parece, são subutilizados, seja pelo desconhecimento de suas potencialidades por parte do usuário, seja pelas dificuldades oferecidas pelos serviços periféricos, como o acesso, qualidade, estabilidade e velocidade de conexão à rede mundial de computadores (internet). A partir das dificuldades encontradas no entorno dessa leitura, nota-se que há uma série de intempéries que acarretam uma complexidade, ao tentar se usar cada uma dessa ferramenta como cotidiana.

Atendendo aos pedidos e necessidades dos alunos, a aula foi dedicada à produção das ideias do projeto final do curso, sendo assim, a aula preparada foi baseada em construções

participativas, em que professora e alunos precisavam construir textos juntamente. Não deixando de enfatizar que o trabalho seria em grupo e dessa forma haveria discussão na construção das ideias, novamente pediu-se que ficassem próximos em grupos e a dinâmica da aula foi: cada apresentação de *slide* era um desenvolvimento específico do trabalho a ser apresentado ao final do curso. Por conseguinte, os alunos dispostos mais próximos desenvolviam-se da seguinte forma:

Um grupo utilizava um *Ipad* e o inseparável caderno, onde simultaneamente havia duas formas de anotação, aquele que anotava o que eu estava falando (caderno) e o que, auxiliado por outro aluno, tentava converter as informações na prática dos produtos escolhidos na construção do trabalho, diretamente no *Ipad*. Esse aluno que trabalha com o equipamento digital é profissional da área de hotelaria, com treinamentos, compra de materiais e constante deslocamento, tendo no *tablet* não só uma forma de organização de pedidos, mas também GPS e lugar para guardar o material de aula. Mais uma vez, notou-se o quão fundamental é o treinamento recebido no ramo empresarial para o melhor uso dos suportes digitais, fazendo seus usuários sobressaírem sobre os demais.

Outro grupo trabalhava única e exclusivamente com o caderno. Essa era a mesma equipe que trabalhou com o “*case*” da aula anterior a partir do livro, pois os alunos não conseguiram fazer *download* de nenhum dos componentes e, apesar de terem adquirido, não incorporaram o *tablet* ao dia-a-dia das aulas de pós-graduação. Todas as anotações e o escopo do projeto, bem como as ações de divulgação do projeto foram planejados a mão e com leituras no códice ou cópias de livros. Isso aconteceu, pois os componentes desse grupo não trazem consigo o *tablet* fornecido pela instituição. Resistência? Frustração? Insegurança? Falta de costume? Acredita-se, com base nas observações e acompanhamento das aulas, que a conjugação de todos estes fatores.

O terceiro grupo trabalhava com dois *netbooks*, coincidentemente da mesma marca, da mesma cor e adquiridos antes da pós-graduação. Acredita-se que, com o aporte das salas da pós-graduação, tornou-se mais fácil a utilização desses, já que as bancadas oferecem boas alturas para esses pequenos equipamentos tecnológicos. Duas alunas desenvolvem a liderança do grupo, as mesmas portadoras dos equipamentos descritos anteriormente. Uma delas diz que inclusive não sabe onde está o *tablet* adquirido e ironiza dizendo que deve estar com o filho de brinquedo. De qualquer forma, era um grupo que, a princípio, desenvolvia suas ideias e seus textos a partir do digital.

O último grupo era composto por um misto de tecnologia. Um dos alunos em todas as aulas sempre esteve com o *tablet* fornecido pela faculdade. Outra aluna estava equipada com

um equipamento um pouco menor que um *netbook*, que, segundo ela, já fora utilizado como brinquedo pelo filho, que agora possui um *notebook* “de verdade”. O aluno que na primeira aula viajou para o exterior e comprou um *Ipad*, também é pertencente a esse grupo e é profissional da Tecnologia da Informação da CSN. Cada um deles com maior ou menor intimidade com o equipamento, mas de toda forma, ao menos já se fazia algum uso relativamente eficiente dos meios digitais.

2.1.2.4 A quarta semana de aula

A última semana de aula foi marcada pela finalização do trabalho. Como a disciplina tem como principal intuito o planejamento e desenvolvimento de um projeto, aplicável, para o lançamento de um novo produto ou a construção de uma nova necessidade mercadológica, assim como sua inserção na mídia, o desenvolvimento de recursos pessoais e gerenciais para somente depois desenvolver a parte contábil que deveria ser executada pelo módulo de outra professora. Dessa forma, os alunos foram instruídos na semana anterior que fizessem um rascunho das ideias do projeto que segue o modelo PMI. Ao começar a aula, houve uma apresentação, não em *Power Point*, mas no próprio *Word*, de como fazer um planejamento de comunicação, usando como base as construções da comunicação empresarial e seu desenvolvimento perante a administração de empresas.

Essa aula foi mais uma tentativa de buscar formas e meios de incentivar a leitura no digital. Como de praxe, houve a tentativa de colocar a aula do dia corrente no portal, foi possível *logar*, buscar o grupo respectivo da aula Gestão de Projetos, mas não havia sucesso ao carregar o arquivo que formaria uma base para o sistema fornecer os dados aos alunos com perfil de acesso. Havia conexão com a *internet*, e acesso ao portal da faculdade, mas a causa poderia estar na base de dados da instituição, que não estava ágil para carregar mais arquivos. Novamente um motivo da própria instituição, mas não proveniente dela a sabotar sua própria ideia, de forma inesperada e de solução não imediata, impedindo o curso normal das aulas no digital.

Sendo assim, foi projetado na tela o próprio texto em *word*, em cujo passo a passo estava sendo desenvolvido um plano de comunicação. Alguns alunos copiaram à mão, enquanto outros digitavam nos equipamentos disponíveis em suas bancadas. Os tópicos foram discutidos como a última parte da aula a ser projetada e constante no plano de ensino desse módulo. Com um

total de nove tópicos e “subtópicos” ao decorrer desse assunto, discutiam-se formas e meios de melhor desenvolver um plano aplicável tanto internamente quanto ao público externo que teriam acesso a esse novo serviço. Logo após a apresentação, procedeu-se à solução de dúvidas dos alunos ali presentes, visto que a maioria já estava ciente das necessidades do projeto de seu grupo. Após esse desenvolvimento, foi o momento de atendimento grupo a grupo, para verificar a quanto andava os trabalhos a serem apresentados no dia seguinte.

A logística da aula para atendimento individual dos grupos aconteceu da seguinte forma: primeiramente foi atendido o grupo que desenvolvia o projeto de instalação de uma empresa de construção de novos projetos na área de tecnologia de aviação. Era um grupo composto por alguns engenheiros, que defendiam a ideia de uma nova liga metálica que permite construir aviões mais leves, seguros e de acordo com as necessidades dos executivos, já que dessa forma, poderiam ser feitos aviões mais espaçosos e com novas possibilidades de aplicação para o design de interiores, ou seja, possibilidade de maior investimento no que se refere à decoração e maior investimento nos aspectos internos, mais móveis, mais conforto não se preocupando com o peso. Vale ressaltar que é esse o grupo que não utilizava a tecnologia nas aulas, alguns deles afirmavam que desistiram de usar, já que as máquinas não funcionaram da forma que esperavam, reafirmado, assim, toda a argumentação dos pontos negativos e falhas institucionais apontados até aqui. Não é possível atribuir as dificuldades do experimento apenas aos alunos, já que a instituição proponente tem a sua parcela de culpa neste fenômeno, (afinal, a dificuldade de conexão no interior reforça e inviabiliza qualquer plano de melhoria a curto prazo). Mas, em contrapartida, é o grupo que trabalha com o máximo de tecnologia dentre os grupos.

Toda a prévia do trabalho que os alunos trouxeram estava ou no caderno ou já em folhas impressas, com as principais partes já desenvolvidas. É difícil desgarrá-los destes suportes tradicionais, mesmo com todas as possibilidades digitais bem como o incentivo de usar as ferramentas disponíveis na resolução dos problemas e questões, mas em sua maioria esses se sentem com maior liberdade e alegam maior flexibilidade com o uso dos suportes tradicionais do que com a nova possibilidade digital. Eles, na verdade, não ficavam presos às informações projetadas na tela. O discurso desse grupo era baseado nas informações do PMBook, o livro com as informações básicas, modo de fazer e construções sobre projetos, baseados na instituição internacional que regula projetos, que possui alguns livros com normas e técnicas internacionais para o planejamento de projetos nos mais diversos campos e áreas de atuação.

Ao sentar com eles, a professora perguntou se haviam feito *download* do material de base para a produção do projeto final, as normas e componentes básicos que devem ser entregues uma semana após o término da disciplina, ao que responderam com o questionamento

de poder fazer o trabalho final com as normas internacionais, que utilizavam nomenclaturas e disposições diferentes daquelas apresentadas em sala de aula, ou seja, haviam seguido uma das versões da normatização internacional que é disponibilizada àqueles que se submetem à certificação deles. Além de alguns engenheiros, havia no grupo dois profissionais de marketing, uma musicista, uma tecnóloga de recursos humanos, nenhum deles inseridos em atividades acadêmicas, todos em empresas, da própria IES, instituições financeiras e a CSN, empresa que emprega muitos dos moradores de Volta Redonda, inseridos nos mais diversos segmentos profissionais.

Depois, o atendimento aconteceu com um grupo mais indeciso. Diz-se indeciso, pois, durante as quatro semanas, eles apresentaram várias versões do trabalho, ora para projetos mais simples, ora para aqueles impossíveis de serem realizados. Em várias conversas, foi notório que esse grupo era bem diferente dos demais, apresentavam os alunos mais novos, apesar de dois deles serem mais velhos, ou regulando idade com os demais. Era essa equipe que durante as aulas estavam com dois *netbooks*. Uma das alunas disse nunca ter usado o *tablet* para ações institucionais ou acadêmicas. Nessa noite, depois de algumas discussões, o grupo disse que tinha decidido trabalhar com lanches tipo *fast food*, com o foco voltado para grandes eventos. A base para o desenvolvimento do projeto foi grandes eventos, como por exemplo, o Rock in Rio. Os alunos estavam com pequenos rascunhos de dois outros projetos, que continham o objeto e objetivo, mas sem grandes descrições ou construções textuais. Foram instruídos a fazer uma pequena pesquisa de campo, para perceber quais as maiores falhas nos *fast foods* existentes na cidade. Foi necessário lembrar-lhes que tinham menos de vinte e quatro horas para a preparação da apresentação das ideias do projeto.

No próximo grupo, a dificuldade declarada era a de traduzir ideias em descrições contidas no projeto. Era o único trabalho previamente decidido desde o primeiro dia de aula. Fariam biscoitos mais saudáveis e com o conceito de “amiga da natureza”. O desenvolvimento de um projeto que facilitasse a vida dos indivíduos contemporâneos, que muitas vezes não têm tempo para alimentação mais preparada e conciliada a ser saudável, foi o intuito desse grupo. Era a equipe composta por um misto de idades, formações e práticas profissionais, como hotelaria, funcionário do marketing de uma empresa de plano de saúde - a Unimed - representantes comerciais e comerciários. Os mais novos do grupo estavam sempre ligados no celular, acessavam a rede *wifi* para acesso ao portal, redes sociais, passavam mensagens enfim, uma série de itens permitidos pelos *smartphones* de fácil acesso nos dias de hoje. Esta constatação reforça a argumentação anterior de que as gerações mais recentes têm uma maior facilidade para a apropriação dos meios digitais, uma vez que tais instrumentos e tecnologias já fazem

parte do ambiente de vivência no qual vão crescendo. Ainda que este meio não atinja o máximo da potencialidade de utilização dos meios digitais, está infinitamente à frente daquelas gerações mais antigas, que naturalmente se mostram mais resistentes à adoção destes novos instrumentos.

Como já dito, o desenvolvimento teórico do projeto era a grande dificuldade desse grupo, devido a isso, pediram ajuda à professora para essa “tradução”. Aconteceu da seguinte forma: O aluno que trabalha no ramo de hotelaria, promoção de cursos e eventos na área possuía um *Ipad*, que era utilizado frequentemente, mas a intimidade com textos longos não era um fato. Para o desenvolvimento desse escopo, a professora, sentada junto, ao grupo ia desenvolvendo os tópicos do modelo desse projeto. É importante ressaltar que os alunos já tinham bem definido toda a estratégia prática do produto, além das formas e artifícios de divulgação, mas a conversão dessas ideias em texto já vinha sendo preocupação desde a semana anterior. Os alunos já haviam feito *download* do material e editando-o para que fosse possível desenvolver o texto nele próprio. Interessante frisar as dificuldades que eles tinham em construir frases formais, requeridas pelo texto mais acadêmico. Então, percebeu-se que, se por um lado havia uma quase unanimidade no que diz respeito ao uso de novas tecnologias de produção textual e leitura; por outro, encontramos também aqueles que, mesmo com o uso da forma tradicional de escrita e leitura, ou seja, a manual sobre o papel, apresentaram algumas dificuldades específicas, nada, no entanto, que inviabilizasse a construção efetiva de um texto, como aconteceu no uso de suporte digital. Muito embora estes textos pudessem apresentar uma dificuldade acadêmica, uma falta de estilo refinado, ou, quem sabe, um engessamento no desenvolvimento do aprendido ao ser transformado em palavra escrita, após cerca de meia hora de conversas, e com a professora direcionando o texto, (inclusive a digitação no *tablet*), os alunos conseguiram visualizar o projeto que seria entregue na semana posterior.

O último grupo, formado por quatro mulheres e apenas dois homens, esses munidos de *tablet* e de um *Ipad*, ambos funcionários de TI da CSN, um deles professor em pós-graduações que envolvem o sistema SAP, e entre as mulheres, jornalistas e formadas em logística, uma delas utiliza o *tablet* fornecido pela instituição, e a partir dessa aula adaptou um acessório que deixou o equipamento similar a um pequeno computador - um miniteclado acoplado por meio de uma capa especial que se liga ao *tablet* e a tela passa a funcionar como se fosse um monitor -. Esse grupo decidiu trabalhar na vertente ecológica, com reciclagem de banners e materiais publicitários para a produção de bolsas e acessórios de divulgação do tipo *eco bag*. O resumo do projeto foi feito em casa por uma das alunas, que o trouxe impresso para algumas pequenas discussões. Ao se perguntar aos alunos sobre o porquê de não estarem utilizando o *tablet* para

as construções textuais, responderam que o papel é a forma mais interativa, permitindo uma maior discussão, apontamento das ideias e, principalmente, a garantia de uma melhor forma de divulgação e perpetuação do discurso, sem contar a fácil mobilidade do item.

Após a análise grupo a grupo, os alunos discutiram entre si a construção final do projeto, assinaram a autorização de uso da imagem, texto e fotografia para fins acadêmicos e foram dispensados. Alguns foram para outra sala de aula da instituição, outros foram embora, pois alegavam que a construção do trabalho poderia ser feita a partir das redes sociais, onde há uma divisão de tarefas e de responsabilidades como a acordada na própria construção do trabalho. Um dos grupos disse ir fazer uma pesquisa de campo em alguma lanchonete *fast food* da cidade, conforme já previsto.

O último dia de aula começou com uma apresentação sobre os critérios básicos para a análise da exposição, já que a nota final do módulo seria contabilizada a partir da apresentação oral e conseqüentemente a projeção, da mesma forma o envolvimento do grupo no projeto, o envolvimento individual, a apresentação pessoal e de slides/vídeos, o uso do tempo, o convencimento e os detalhes da apresentação: tudo isso seria levado em conta para essa primeira parte da nota. Já a segunda parte seria baseada na apresentação do projeto, que deveria ser enviada no formato digital, via e-mail. Como o módulo finalizava nessa quarta semana, as notas seriam apresentadas e divulgadas a partir do portal do NEAD.

Logo após o início da aula, o funcionário responsável pelo NEAD compareceu à sala para recolher os *tablets* para atualização de navegador, como explicado na semana anterior, mas, seja pelo motivo de preocupação com a produção do trabalho, ou simplesmente pelo não costume que a turma adquiriu ao não inseri-lo em seu dia-a-dia escolar, como ferramenta de acompanhamento ou interação de aula, apenas dois alunos haviam lembrado da solicitação para recolhimento dos CDs. Sendo assim, ficou previamente combinado que o recolhimento aconteceria em quinze dias.

As apresentações ocorreram sem grandes novidades, já que todos os alunos fizeram slides para apresentação. Esses foram considerados bem burocráticos, já que neles eram apresentados os pontos principais do trabalho, como a apresentação da empresa, a descrição de tarefas, o produto e suas intenções e o cronograma em forma de organograma ou tabela. A apresentação normalmente era feita por dois ou três componentes, enquanto um ou dois ficavam na parte de controle da projeção. Apenas um grupo apresentou uma parte impressa, que era apenas a impressão em formato pequeno dos slides que foram apresentados no momento do discurso.

Foi perceptivo que os alunos tiveram a necessidade de um acompanhamento escrito para a apresentação, apenas os profissionais já envolvidos com marketing e o representante comercial discursavam sem se prender à projeção da tela. As palavras eram mais coloquiais, e os grupos moviam com o corpo mais solto e com mais interação com o público. Foi acordado que a professora exerceria o papel de gerente da empresa, que estaria vendo a apresentação para uma possível compra da ideia do projeto, e os outros alunos, que aguardavam ou suas respectivas, ou o término dos outros grupos, seriam possíveis investidores ou *stakeholders*⁵ para investimento no projeto. Após cada apresentação, eram feitas as ponderações, perguntas e críticas da professora, sendo aberto um tempo para perguntas e sugestões da turma. Dois grupos fizeram, durante a apresentação, degustação de como seria o projeto: biscoitos e mini hambúrgueres. Um grupo apresentou a própria bolsa, como exemplo da *ecobag* feita a partir de banner publicitário, e o outro grupo trabalhou apenas com apresentações de vídeo na concepção do projeto.

Nenhum dos alunos fez uso do *tablet* para a apresentação. Mesmo aqueles que costumeiramente trabalhavam com *tables* e *Ipad* levaram *notebooks* para a apresentação. Apenas um grupo, o que trabalhou com vídeo, levou uma espécie de ajuda para apresentação: uma versão impressa dos próprios slides e anotações no caderno, os demais se guiavam apenas pelo slide. Ao final das apresentações, foi feito um levantamento sobre os trabalhos, como faltas na apresentação pessoal, disposição do grupo, algumas características do trabalho que deveriam ser mudadas, e dicas para serem incluídas ou retiradas no projeto final. Os alunos também foram lembrados que, por esse ser o último dia do módulo, deveriam entregar o trabalho no prazo de uma semana, sob pena de não obterem nota para a aprovação.

Dessa forma, findou-se o módulo em que, por quatro semanas, pôde-se acompanhar de trinta e dois discentes que compõem a segunda leva de alunos que fizeram parte do programa de pós-graduação, no qual *tablet* fazia parte de uma metodologia, a princípio, diferenciadora na região Sul Fluminense, onde a instituição está instalada há cerca de quarenta e cinco anos.

2.1.2.5 A semana pós-aula

Interessante perceber a dificuldade desses alunos na produção textual e dependência quanto aos artigos do *wikipedia*. Depois de quase uma semana do término da aula, um grupo de

⁵ Termo utilizado na administração que se refere aquele que tem interesse em financiar algum projeto

alunos, mais especificamente aqueles que desenvolveram o projeto da *eco bag*, uma das alunas (graduada em TI) entrou em contato via telefone, para solicitar um prazo maior para a entrega do projeto escrito, já que a equipe ainda encontrava alguma dificuldade para reunir a turma extraclasse, para converter todas as ideias e alterações propostas na apresentação em projeto escrito, delimitado pelas principais características pontuadas pelo trabalho. Ao permitir tal prorrogação, foi possível um questionamento acerca dessa dificuldade tão recorrente quando se fala em encontro entre os pares para construir textos, trabalhos ou discussões. Muito se fala em fim de fronteiras com a internet, mas muito ainda se tem dificuldade ao conseguir praticar tais atos virtualmente, que não para ações de entretenimento.

O grupo que tinha como projeto o biscoito ecológico apresentou o projeto dentro do prazo estipulado, mas a qualidade de projeto foi aquém das expectativas criadas a partir do que foi apresentado na semana anterior. As frases curtas, sem ligação entre elas, resumiam pequenas ideias, sem justificativas ou objetivos definidos. Apenas três páginas de trabalho, que traziam a versão digital do *Word* dos tópicos desenvolvidos por mim no *tablet* de um dos alunos. A intenção de quando construímos juntos, a partir de questionamentos, tal texto era embasá-los de argumentos para que houvesse descrições detalhadas, já que se trata de uma tentativa de venda de um projeto comercial. Mas, da forma ali apresentada, não houve encantamento algum.

O grupo da tecnologia de aviação enviou exatamente o mesmo material entregue no dia da apresentação, ou seja, os slides em tamanho miniatura e o desenvolvimento do projeto em forma de tópicos, ou seja, somente frases com pequenos fragmentos apenas. Mais um grupo com dificuldade nas ações textuais. Neste caso, seria um pouco mais fácil entender esse porquê, por ser basicamente um grupo de engenheiros, mas da mesma forma, depois da apresentação de boa qualidade, e por agregar um profissional de marketing, esperava-se um texto de melhor qualidade e, de certa forma, apelativo comercialmente.

O último grupo, aquele que apresentou várias versões de projeto ao longo do curso, não apresentou a versão final e impressa. Provavelmente pelas várias alterações que fizeram antes da apresentação, além das observações apontadas no último dia de aula, o trabalho foi dificultado.

Ao final do curso, é necessário executar algumas questões burocráticas para finalizar o módulo, mas todas as ações são tradicionais, ou seja, levantamento de presença e falta, plano de aula, desenvolvimento do curso, avaliação das atividades, bem como das instalações do da sala e as notas finais. Feito isso, terminou o vínculo docente da pesquisadora com o curso e conseqüentemente com esse grupo de alunos. Cabe agora à pesquisadora analisar os dados da pesquisa que será desenvolvido próximo capítulo.

3 ANÁLISE E COMPARAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LEITURA

Este capítulo tem como principal finalidade a comparação entre a teoria e o histórico da *leitura* apontados no primeiro capítulo, analisa também as observações efetivadas em sala de aula no curso de pós-graduação do Centro Universitário Geraldo Di Biase e relatadas de forma detalhada no segundo capítulo. Tendo como foco de análise os alunos da Psicopedagogia e do MBA Executivo em Gestão Estratégica de Negócios, foi possível depois de um mês de acompanhamento de cada curso, em disciplinas específicas, perceber determinados resultados a partir das observações descritas. Também foi possível traçar pontos de congruência permitindo-se assim, por hora, afirmar que os alunos desenvolvem novas formas de interação com os meios digitais, mas ainda assim antigas formas e meios de atuação não conseguem ser alterados, ao menos quando se trata de indivíduos que tem sua base educacional e cultural construída sobre a tradicionalidade dos meios e suportes.

Como já dito anteriormente, não se busca neste trabalho resoluções para problemas quanto à leitura, mas propor a discussão das ações de leituras, o que, nesse momento, trata-se da análise e comparação entre as leituras no suporte digital, e daquilo que se pode chamar, ainda hoje, de suporte tradicional para leitura (códice ou as cópias de textos em formato A4). Com a “nova” situação criada na instituição em destaque, houve aqui uma possibilidade de desenvolvimento acerca de um cotidiano que sugere uma nova dinâmica de leitura e, a partir daí, busca-se a interpretação dessas ações. É possível dizer, mesmo logo no início das análises, que a pretensão de inserir o texto eletrônico nas salas de aula com intuito de garantir uma interação, seja com outros alunos, com o próprio texto ou com novas possibilidades de construção argumentativa, foi estruturada sobre uma frágil potência tecnológica, além da ausência de trabalhos que incentivem ou estimulem o aluno nessa nova prática educacional.

Na prática das aulas, os textos digitais já estão prontos, dessa forma, ao menos para aqueles indivíduos que possuem uma prática básica e cotidiana dos equipamentos eletrônicos, esses usuários encaram os textos apenas como algo visual e, quem sabe, admirável, por ser algo imutável e fixo. Ele (o texto) perde qualquer possibilidade de interação, a partir do momento em que tais leituras são feitas a partir do PDF. Dessa forma, não há inclusive espaço para as críticas e detalhamentos que poderiam ser inseridos posteriores a um texto concluído como comentário ou artefatos que auxiliem a compreensão deles. Essa é apenas a primeira observação a ser feita acerca da vivência desses dois meses junto aos alunos de pós-graduação.

3.1 Os problemas da leitura digital – a leitura digital e as dificuldades

Está-se acostumado a pensar em evolução quando se está diante de algo que foi melhorado, mudado para corrigir falhas ou inserir novas tecnologias propiciadas pelo mercado. Uma versão que oferece novas ações, sempre fazendo apelo com algum tipo de facilidade ou inovação, mas suas apropriações normalmente não são as mesmas. Nem sempre seguem a lógica da substituição para agregar novos benefícios, nem sempre se está em busca pela tecnologia de ponta, nem sempre segue a prática da substituição para que novas oportunidades sejam agregadas, mas, normalmente tal consumo é efetivado por questões impulsivas, já que o crédito e o anseio pelo novo são inspiradores. Essa discussão poderia se estender ao buscar novos porquês e caminhos de desenvolvimento, mas a intenção é apenas ilustrar alguns dos pensamentos ou ideias sobre a atuação das novidades tecnológicas que surgem, assim como sua intenção mercadológica de se fazer presente entre os sujeitos contemporâneos.

Dos computadores de mesa aos computadores pessoais, dos notebooks e *netbooks* aos *tablets*, em cada mudança o equipamento é dotado de nova capacidade, seja de processamento, de armazenamento ou novas características, mas todas elas carregam consigo o pressuposto da evolução de uma para a outra, ou seja, há uma atribuição de nova utilidade agregada ao “antigo” equipamento. Mas, não é essa questão que atribui seus modos de uso, ou seja, o marketing insere um modo de usar, mas o que se nota são as diferentes utilizações, conforme necessidade ou até mesmo atribuições que cada qual indivíduo desenvolve ao utilizar essa tecnologia. Esse discurso serviu para situar uma primeira informação que pôde ser vista claramente nas aulas mediadas pelos *tablets*. Todos têm os equipamentos, mas poucos são aqueles que os utilizam com a finalidade institucional ou educacional. Jogos, música, vídeos e acesso à *internet* para vídeos engraçados e com altos índices de exibição: esta foi a maior utilidade atribuída ao equipamento.

Mas essa concepção de evolução não se aplica apenas à tecnologia conhecida hoje. Durante muito tempo, fala-se aqui em séculos passados, dominar a técnica da escrita e da leitura permitia a criação de um grupo de pessoas que, por tal habilidade sobrepunham-se à massa da população. Tal atividade os considerava como especiais e dominantes de uma técnica superior, a qual se tornava essencial a cada momento de descoberta e consequentes aplicações dentre as ações cotidianas, principalmente financeira e histórica da sociedade. A difusão do papel, como um novo suporte, a prensa como uma nova tecnologia para tal suporte e a Reforma Protestante garantiram destaque àqueles que possuíam tal habilidade de domínio das técnicas. Percebe-se

que essa prática de exaltação ou consideração daqueles com tais habilidades sempre diferenciou os indivíduos com facilidade de lidar com o novo, logo pode se dizer que esse reconhecimento permitiu uma constatação de eficiência.

Acredita-se, assim, que nessa mesma forma estejam inseridos os resultados dessa observação. Primeiramente, pode-se dizer que a aplicação da tecnologia nem sempre produz os resultados esperados, pois notório foi o uso (ou não uso) dos equipamentos em sala de aula. Mesmo que os estímulos fossem os mesmos a todos os alunos, sempre havia uma diferença entre a recepção deles. Para alguns havia a resistência ao equipamento, para outros, tal objeto não fazia parte do seu dia a dia e, dessa forma, sua aplicação era comprometida. Mas uma ação é certa, todos eles possuem o equipamento, que lhes foi ofertado (é importante ressaltar que o aluno assina um contrato que caso venha a desistir do curso deverá devolver o *tablet*), mas, os alunos alegam que não funciona, ou não veem usabilidade para isso, ainda assim incorporaram, teoricamente, os equipamentos em seu material escolar. Fácil é fazer uma releitura do século XV em quando as bibliotecas eram uma forma de exercer o status, não precisava ler os livros ali guardados, mas tornava o detentor desses um destaque na sociedade. Ter os equipamentos modernos e atuais, essa concepção, hoje, diferencia os indivíduos pela adequação tecnológica, ou seja, o mais “conectado” ganha certa diferenciação entre os demais. Ter o equipamento os diferencia perante os demais estudantes do mesmo grau, mas instalados em outra instituição. Estar inserido entre os indivíduos adeptos à tecnologia pode garantir elogios e uma representação social de integralidade e adaptação à contemporaneidade.

Interessante perceber a admiração despertada em outras pessoas que não estão inseridas nesses grupos quando se comenta a diferenciação adotada pela instituição em que os alunos são contemplados com um *tablet*. Tal atitude pode ser atribuída ao tipo de adequação tecnológica que se supõe quando se insere tal tecnologia em sala de aula. Há pouco tempo, era uma forma de atrativo das escolas a aula de informática, hoje isso é comum inclusive para as primeiras séries infantis. Outro possível motivo dessa admiração seria que, em uma instituição do interior, constituída por muitos alunos bolsistas, é a primeira da região a ter tal atitude, e isso estaria pautado por grande investimento financeiro. Ainda se pode falar que esse tipo de adequação tecnológica, ou seja, por mais que a tecnologia esteja sempre presente e que os indivíduos tenham se acostumado a toda essa maquinização, bem como a sua imersão, essa “admiração” pode estar atrelada ao fato de a novidade estar na “doação” desses equipamentos, que ainda se imagina ser um objeto caro, e não pelo próprio equipamento ou inserção da tecnologia em sala de aula, mas que definitivamente acaba por pautar uma nova transformação na educação. Seria então uma ameaça aos livros e as canetas?

Essa constatação pode ser apreciada, quando, fora de sala de aula, com os alunos de graduação, comenta-se que os alunos de pós-graduação são agraciados com tal equipamento. Interessante perceber que não há um questionamento quanto ao tipo ou linha de pesquisa da pós-graduação, mas sim, uma relação condizente com as práticas mercadológicas, ou algo além das apresentações básicas de aluno, que garantem assim um avanço à frente daqueles que estão matriculados em uma pós-graduação tradicional. Esse atrativo é notório, ao ver-se a decepção dos alunos, quando percebem tal equipamento como dispensável, mas de qualquer forma, porque estão inseridos na contemporaneidade, são tecnológicos, são modernos estão de acordo com a evolução.

Cabe aqui levantar a questão da exclusão digital e da forma correta para se aplicar esse termo, pois em um ambiente de transição ainda repleto de idosos, migrantes e crianças que desde muito cedo já são acostumadas à internet, há diferentes comparações com essa tecnologia e o ambiente efêmero em relação às construções de novas apropriações. Com a popularização da internet e dos computadores, a inclusão acaba sendo uma condição determinante na vida social e econômica. Dessa forma, só estão excluídos aqueles com reações contrárias ao acesso do novo. Pode acontecer que, ao findar-se uma determinada geração, não haja mais exclusão digital, pois há clara diferença naqueles que têm o uso da tecnologia como cotidiana e aqueles que a aprendem pelas necessidades diárias. Com a sociedade-rede (CASTELLS, 2000), e a globalização das informações e dos meios, cada vez menos há de se articular-se com as regras e os controles sociais, burlando-os ou simplesmente não os conhecendo mais.

A adaptação desses indivíduos ao ambiente e a uma era totalmente tecnológica, se faz mais que necessária, pois, aquele que na contemporaneidade não se adapta aos contornos mercadológicos pode ser considerado descartável ou, como nos primórdios da leitura e da escrita, menos especiais e capacitados para concorrer no mercado de trabalho, sendo assim ações de inclusão ainda são destaque no cotidiano. Tal atitude da instituição, por mais que seja uma ação meramente mercadológica, produz um efeito de que a imersão nessa tecnologia é indispensável, e que o estar adaptado a isso, é condição intrínseca de se fazer parte da evolução tecnológica.

Como dito, as apropriações são diferentes, a interação com o meio também é cerceada de construções culturais que vão de acordo com uma série de relações sociais, religiosas ou morais que chegam por diferenciar cada sujeito, ou por construir suas particularidades. É importante, por isso, ressaltar que pode ser por esta razão que os alunos analisados apresentam várias reações com os *tablets*. Nesse momento, em que autores como Rebelo (2001) afirmam que *leitura e escrita* nunca estiveram tão presentes em uma sociedade e garantem estar havendo

uma substituição do suporte de papel pelo digital, pode-se afirmar, por hora, que essa substituição pode ser expressiva em quantidade de equipamentos, tal como em oportunidade de acesso a tais materiais, como jornais ou livros e *e-book*, mas ainda não é possível dizer que tal substituição se aplica a leitura, pois, quando se fala em *leitura*, propõe-se, a interpretação de signos (FISCHER, 2006) ou quem sabe uma captação de informações a partir de compilações de dados da escrita.

Não são considerados aqui como ações expressivas de leitura os SMS, Facebook ou MSN já que se parte do princípio de que a leitura, sobre a qual esse trabalho discorre, é pautada em interpretações e reflexões de ideias, como as necessárias para entender tais textos. É importante enfatizar que não se está negando a inserção de tais tecnologias na comunicação e na leitura, mas se percebe que elas (a tecnologia e softwares de comunicação instantânea) têm exercido papéis importantes na distribuição da informação, não na consolidação delas. É importante dizer, que hoje se tem acesso às coisas que antes foram restritas e distantes, de certa forma, há uma alteração (ou remodelação) no espaço interpessoal de contatos, principalmente aqueles permitidos e ampliados pelas redes sociais.

3.2 A quantidade e a qualidade da leitura

Uma questão importante a pensar é que embora seja uma era em que muito se tem oferta de leitura “nunca se leu tanto como hoje. Nunca se escreveu tanto como hoje” (REBELO, 2001. p. 79), ainda assim é possível dizer que se está carecendo de textos e conseqüentemente de leitura, apesar de se estar cercado por textos a espera de serem lidos. Um excesso permitido por toda facilidade em produzir e conseqüentemente publicar esses textos, a *internet* tem sido local inesgotável de fontes de leitura, de todos os tipos, mas nem todas de qualidade. Interessante perceber que há um retorno ao problema criado no primórdio da prensa e das cópias indiscriminadas de autores autênticos ou não, escritas confiáveis ou não. E dessa forma, os leitores acabam por acompanhar tais produções sem a crítica necessária, sem a desconfiança perspicaz que um contemporâneo precisa desenvolver.

Curioso notar a dependência de certos alunos quanto à *Wikipédia*. O que antes se conhecia por enciclopédia, que eram os grandes livros em sequência que serviam como representantes da síntese de todo o conhecimento que pudesse circular junto à sociedade e que também serviam de base para a produção de novos conhecimentos, são hoje construídas

virtualmente, o que não seria problemático se fosse comum entre alunos esse tipo de fonte ser a base de consulta para os trabalhos ou de certeza absoluta para a construção de novas ideias.

Não se está aqui tentando negar a importância dessas fontes de conhecimento como um lugar de manifestações coletivas, de palpites e discussões, como aconteciam nos rodapés dos manuscritos, mas sim querendo enfatizar o universo de leituras que podem ser encontradas em um ambiente ilimitado que não permite ainda mensurar sua capacidade e alcance, bem como a falta de controle sobre a produção de informação.

Ao analisar cada ação e reação da classe da pós-graduação, há a possibilidade de um questionamento quanto à qualidade e quantidade dessas leituras de textos, em especial aquelas que os alunos buscam para sanar alguma dúvida. A bibliografia que seria utilizada no módulo de Gestão de Projeto não foi disponibilizada, ou seja, não se enfatizaram quais textos eram para serem lidos anteriormente, somente foram disponibilizadas apresentações das aulas, que normalmente estão em formatos de tópicos e gráficos. Curioso perceber que eles não pediram ou sentiram falta de tais leituras, os alunos não sentem a necessidade dessa preparação das aulas, uma leitura anterior para situar o assunto de forma a estar mais preparado, já que os módulos são breves e intensivos. Se a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero foram leituras voltadas para a declamação e *Eneida* de Virgílio primava pela leitura individualizada, a internet tem ajudado a produzir novos leitores, os que buscam soluções rápidas e normalmente aquelas que são patrocinadas por sites ou blogs e inseridas nas redes sociais. Tais informações que geram curiosidades são de fácil acesso, basta só clicar e abrir uma nova página, sem buscas, com palavras coloquiais, de conhecimento geral e inquestionável.

Ao mesmo tempo em que a leitura abrange um número cada vez maior de indivíduos, exige cada vez menos destes porquanto não desenvolve o espírito crítico e estes ingerem ou absorvem toda informação como verdadeira, apenas por estar na *internet*. Como já visto, a escrita exigia certo nível de autoridade (BAINES; MÁLEK, 1996), ou aos escribas uma confiabilidade era depositada pelo trabalho tão exclusivo, importante, trabalhoso, com teor moral, das leis ou de religiosidade, ou seja, tais escritos carregavam em si responsabilidades que seriam levadas por gerações, e logo não aceitariam erros ou descuidos, principalmente na época dos manuscritos. Agora isto foi abolido em favor da divulgação irrestrita de qualquer tipo de pensamento, construído sobre qualquer tipo de ortografia, sem consentimentos, normas ou regras, baseados ora em catarses, ora em intuídos de informações duvidosas. Seja por isso ou por vários outros motivos que podem ser decorridos, há de se buscar as fontes fidedignas, selos que garantam o princípio de isonomia e de certeza de segurança.

Nos trabalhos apresentados muitas informações são pautadas sobre o senso comum. Baseados em blogs, em experiências de pessoas sem nome, sem currículo Lattes ou sem alguma instituição que valide tais ideias, os trabalhos apresentados estavam carentes em sua composição, há poucas palavras mais elaboradas, estão pautados em coloquialismo e truísmos. Os trabalhos não são construídos a partir de fundamentações, não foram buscar as leituras que complementariam os conceitos distribuídos ao longo das aulas. É possível se afirmar que as leituras feitas para a construção desses projetos foram superficiais, pautadas apenas para informações imediatas e rápidas e em seu prolongamento e, por exemplo, é claro perceber o uso da *Wikipédia* em alguns deles. A leitura introspectiva que por ora fora uma conquista tão importante para o desenvolvimento individual do pensamento e das relações com a sociedade acaba por perder o efeito, pois cada informação acaba sendo comungada por inúmeras pessoas. A diferença é que agora não se tem mais um líder, perdeu-se a centralidade das informações. A liberdade da criação foi substituída pela diversidade de busca, garantindo a verdade única e absoluta aqueles que conseguiram patrocinar as primeiras buscas do Google.

Os jornais, que ainda continuam sendo, para a maioria desses alunos, uma leitura obrigatória e cotidiana, tanto nas versões impressas, quanto (principalmente) nas versões para o digital, convergem seu foco para a manchete. Os títulos com os subtítulos procuram resolver as principais dúvidas do *lead*, o que resolve de imediato as necessidades para que o indivíduo esteja atento aos principais acontecimentos e notícias do dia. É comum perceber na “navegação do “internauta” que, na maioria das vezes, apenas as manchetes dos jornais digitais são lidas, o desenvolvimento das matérias (que normalmente estão em outro ambiente do mesmo site) é negligenciado, ou seja, maior quantidade de informações com menos detalhes de cada acontecimento. Percebe-se que essa atitude é o novo caminho a ser percorrido e, dessa forma, pode-se dizer que a prioridade pelas argumentações ou desmembramentos de uma história estão sendo substituídos pelas verdades que são divulgadas e completadas pelo boca-a-boca.

Ao mesmo tempo em que se tem mais possibilidade, tem-se menos tempo para o aprofundamento das aulas. Pode-se dizer que há uma transição do excesso de informações, propiciado pelo desenvolvimento rápido da tecnologia, à apatia da absorção dessas informações, como dito nos primórdios da comunicação, da mesma forma estão os textos dos trabalhos entregues pelos alunos. Os arquivos são superficiais, não há fundamentação teórica ou qualquer comparação com projetos já desenvolvidos. Não há nenhuma citação de autores que complemente as informações, ou a divisão como a indicada em aula. Ao que parece, os alunos, a partir da apresentação, fizeram apenas uma compilação de informações básicas para a escrita de tais informações, mas essas não apresentam atrativos ou novidades sobre as

apresentações orais, principalmente deficiência nas normas ABNT, o que também fazia parte do critério de avaliação.

Vale reavaliar até que ponto todas as ferramentas de leitura estão criando novas formas de acesso a elas, ou até mesmo sua eficácia quanto à construção de leitores críticos e capazes de interpretar de forma ampla tais informações. Acredita-se que a tentativa de facilitação dos leitores do dia a dia tem proporcionado texto de menor imersão desse indivíduo como outrora já se viu nas leituras intensivas. A praticidade que envolve diariamente os indivíduos acaba por resultar, entre outras ações e atitudes, muitos textos, frases curtas, palavras coloquiais, *lead* que satisfazem a curiosidade imediata desse leitor, que provavelmente já está buscando saciar suas curiosidades com outras pequenas informações que garantirão a ele informações básicas para seu cotidiano. Interessante perceber que essa foi a fórmula seguida pelos alunos ao desenvolver os trabalhos entregues no último dia. Sem delongas, sem confirmações, hipóteses, metas e objetivos, apenas pequenas descrições que para eles, a princípio, satisfizeram e resolveram todas as questões que se faziam de extrema importância para a aprovação da disciplina, já que eles carregavam em seus *tablets* um arquivo contendo as principais informações que deveriam ter em seus trabalhos.

3.3 A concretização da leitura

A escrita hoje acaba não sendo uma representação física da fala ou o “discurso visível” como já visto nos primórdios da leitura. Percebe-se agora que, ao menos nesses grupos analisados, os textos, principalmente aqueles que são projetados pelo *datashow*, são apenas uma base para uma fala, tanto pelos professores quanto pelos alunos em suas apresentações de trabalhos. Vale afirmar que tal constatação ficou muito clara ao se perceber que o discurso dos alunos não se aproxima nem de uma lógica disposta no papel, e nem de uma formalidade que deveria ser expressa nos projetos. Essa observação é resultado da comparação entre o desenvolvimento da apresentação oral e os trabalhos que foram entregues posteriormente via *e-mail*. As apresentações ocorreram mais bem apresentadas que os textos preparados. Os *slides* com pequenos textos, na verdade inspiram esses alunos em seu discurso, que é todo feito em um tom coloquial, com informações que nem sempre são complementares aos *slides*, e muitas vezes reproduzem o escrito.

Os alunos apresentam uma clara dificuldade em transformar esse discurso em um texto. Pode-se atribuir isso ao uso das diversas mídias, e sua variada forma de interação como vídeo, pequenos textos, frases e *leads*. Todas as interações desse aluno com o meio, sempre mediado por qualquer tipo de tecnologia, acabam por minimizar o esforço desse indivíduo, proporcionando, de certa forma, uma “preguiça” em desenvolver qualquer outro tipo de esforço, para aquele que já experimentou a facilidade das máquinas que normalmente têm o intuito de facilitar qualquer tipo de esforço. Um deles é a leitura. Outro é a escrita. Não há rituais para leitura, bem como se acabaram os rituais para se escrever. O fim, ou a diminuição dos fios pode proporcionar uma extinção na territorialidade, sendo assim, todo lugar e qualquer ambiente é propício a esse fim.

O uso do *tablet*, muitas vezes, ao menos para aqueles que o adaptaram para uso similar ao *notebook* (as capas que agregam um suporte para o *tablet* e conexões com um teclado) não são para leitura ou escrita, mas para armazenamento de arquivos, acesso à internet, joguinhos e a utilização para as leituras fragmentadas, tirando pequenas dúvidas, buscando determinadas informações em sites de busca ou similares. Alguns justificam que não conseguem ler no digital enquanto outros diziam perder a concentração de forma mais fácil, mas que a *internet* serve de facilitação de ações, não leitura, já que essa seria uma dificuldade. É interessante repensar como essas leituras, ou quem sabe, essas alternativas ferramentas de leitura acabam sendo vistas como esporádicas, pontuais ou até mesmo um “quebra galho” para os momentos em que não se está em locais propícios para leitura, mas principalmente os jogos são entretenimento para essas horas em que se carregavam os tradicionais livros para “passar um pouco do tempo” em determinados locais ou situações.

Que lugares de leitura seriam esses, já que, desde a prensa, temos uma facilitação nesse transporte de leitura? Das pesadas tábuas de pedras, e até mesmo as grandes Iluminuras, aos pequenos e “ergonômicos” livros, os livros de bolso, e agora os *tablets* próprios para *e-books* e com os maiores jornais se especializando em conteúdo para tal formato e os alunos discursando sobre a necessidade do local ideal para ler. Mas, pelo perfil dos alunos, esse era um discurso um tanto sem fundamento, já que em ambiente propício, a sala de aula, ou, quem sabe, em casa, para leituras preliminares, as leituras não foram feitas em nenhuma das duas condições, logo, dizer que o *tablet* é impróprio, pode se tornar incoerente. Ainda assim, pode-se dizer que existem lugares para leitura, mas que estes estão sendo extintos ou privilegiados apenas por aqueles indivíduos que têm a leitura como ferramenta de trabalho. Estes se acostumam, por necessidade, e posteriormente, pela prática dessa leitura, eles a fazem no suporte digital de

forma mais natural e cotidiana, seja para leitura de artigos publicados nas revistas eletrônicas, e pesquisas mais elaboradas para a execução de vários trabalhos.

Aqueles que têm por leitura cotidiana pequenos assuntos, pequenos textos, cada vez mais encontram dificuldades em leituras extensivas, já que perderam por hábito os rituais de leitura, basta perceber as ações dos alunos que trabalham com representação farmacêutica e os alunos mais novos que acessavam as redes sociais e faziam novas postagens acerca de assuntos diversos, tiveram dificuldades em se concentrar no *case* e preocupavam-se em assegurar que teriam os arquivos dos *slides*, pois era a certeza de todas as aulas poderiam ser revisadas. Os jornais mudaram suas linhas editoriais, adaptaram suas versões para *tablets* e celulares, onde se enfatiza a leitura de *lead*. Ao assistir às apresentações dos grupos, foi percebido o uso de slides com “lead”, onde os alunos normalmente liam e construíam novas informações, normalmente baseados em suposições, possíveis experiências captadas com base na *internet*, como uma conversa informal, enquanto seus textos eram repletos de pequenas explicações redundantes a cerca do *lead*. Com isso, pôde-se perceber que essa imersão nas alterações textuais cotidianas bem como as relações tecnológicas, consegue alterar inclusive as relações educacionais, subtraindo do aluno de pós-graduação, foco desse trabalho, o limite entre o coloquial e o acadêmico.

Os rituais de escolha de leitura também sofreram uma série de alterações. Era comum haver classificação nas publicações, aquela de leitura voltada para a coletividade, a de meditação, por exemplo, mas o que era claro era o poder atribuído àqueles que estavam imersos na cultura literária, mas houve um momento de declínio da leitura por motivos técnicos, seja dos leitores ou dos próprios livros, e o cenário de hoje é uma leitura menos intensiva. Lê-se muito, sobre todos os assuntos, mas sem grande intensidade, dessa forma, seria apenas uma complementação da afirmação de Pécora (2001). Os resumos são as principais escolhas dos alunos, depois de *sites* como *youtube*, que apresentam manuais e informações sobre tudo. Ao fim de cada matéria, os telejornais dizem que íntegra estará no *site*, normalmente artifício multimeios, mas o ambiente é a *internet*. Se se está acostumado (ou acostumando-se) com as escolhas ditadas pelo agenda setting⁶, pelos *Best Sellers* comerciais, mas para as atividades acadêmicas, os alunos desculpam-se por não ter tempo, ou simplesmente não se interessam pelos títulos que estão sendo trabalhados, já que os professores acabam por apresentar também resumos na projeções de aulas, e procuram traduzir as informações para os estudados.

⁶ Trata-se de um efeito social, conforme a teoria, da agulha hipodérmica, de influência do efeito da mídia na massa que determina a ordem de preferência dos assuntos a serem abordados pela sociedade.

Interessante reforçar que, em uma aula de pós-graduação, principalmente numa instituição privada do interior do estado, onde a diversidade de cursos é relativamente menor dos grandes centros e dessa forma os candidatos procuram buscar aqueles cursos em que haja uma abrangência maior, por esse motivo, é comum encontrar uma diversidade de formação muito grande. Então, para um sucesso nos módulos, as aulas são baseadas em construções primárias para nivelamento da turma, leituras sem grandes complexidades interpretativas, sendo assim os textos disponibilizados são de linguagem fácil, de interpretação prática, aproximando-se da realidade profissional de muitos que ali estão.

A leitura já está enraizada na cultura cotidiana, o que difere são as formas com que a sociedade recebe as alterações; são os estímulos e os usos que são investidos, seja para consumo e suas relações mercadológicas, seja pela necessidade profissional, ou, por que não dizer, de adaptação com os pares. O tempo é outro fator fundamental a imprimir mudanças nas relações com a *leitura*, seja como produtor ou receptor desta, pois o tempo traz consigo uma nova gama de suportes tecnológicos cada vez mais presentes no cotidiano dos sujeitos.

Se cada um, no passado, no exercício da *escrita* e da *leitura* nos suportes físicos de papel, indivíduos o tiveram (o escrever e o ler) como uma forma eficiente de interação pessoal, embora não tão imediata, isso dependia, por exemplo, da velocidade dos serviços postais fornecidos. Hoje em dia esta interação ocorre de forma muito mais eficiente, imediata, direta e também novas formas de relacionamento ou interação pessoal se modificaram com a tecnologia, já que as redes sociais eliminaram (ao menos passam a existir com essa intenção) a interferência morosa dos correios por meio de uma tela em tempo real onde se comunicam com aqueles que interessante for. Se há esse encontro ou mudanças, supõe-se que a *leitura* encontra novos formatos e, principalmente, novos meios de se fazer existir junto a qualquer indivíduo.

Dessa forma, não se pode atribuir uma forma uníssona à utilização desses tablets, por exemplo. Cabe a cada indivíduo sua utilização, apropriação e formas de introdução desses equipamentos em cada necessidade, mas é fator relevante o incentivo que cada qual sofre ao ser inserido na cultura, sendo assim, pode ser dito aqui que toda a mudança cultural de leitura, bem como de relacionamento com a internet garante, assim, uma série de novas construções, ou até mesmo reconstruções múltiplas, seja de suportes que sofrem releituras, seja de indivíduos que encontram novas necessidades de se fazerem existir. Mas, principalmente, há uma construção conjunta e constante entre novas tecnologias, novas potencialidades, novas necessidades e, principalmente, novos indivíduos, pois esses já crescem em um ambiente de inclusão digital irrestrita, o que acaba por substituir aqueles indivíduos que precisam de constante adaptação e aprendizado de cada novo meio.

3.4 A leitura digital

As relações com essa *leitura* digital são diversas. Mesmo trabalhando em grupo, os alunos apresentam relações diferentes nessa atividade. O texto em PDF não oferece nenhum tipo de interatividade, apenas uma leitura que se parece com a antiga leitura de rolo, ou seja, com a caneta ou os próprios dedos, o texto é “rolado” para cima e para baixo e possíveis observações são feitas no próprio caderno. Eles necessitam de algum tipo de ferramenta para seguir o texto e, para alguns, as canetas que já vêm inseridas no *tablet* servem para apontar cada palavra escrita (ou digitada). As leituras são cerceadas de aproximações cotidianas, é possível dizer isso ao observar os alunos no próprio contato com o equipamento eletrônico. Na maior parte do tempo, as leituras são baseadas em jogos e divertimento, ou são leituras mais rápidas, como a dos jornais e das manchetes dos sites de diversidades. As leituras acadêmicas, ainda permanecem em grande parte nos meios mais tradicionais, como as cópias ou os próprios livros.

Os cotidianos “rolos” não estão na prática dos indivíduos. Mesmo de fácil acesso, o *tablet* constitui ferramenta de utilização pontual, como com *e-mails* ou trocas de mensagens de forma mais rápida; mas, mesmo em se tratando de um espaço para agrupar diversos livros, ainda não foi possível essa interiorização por parte dos usuários. Quando se questiona uma nova alfabetização, neste trabalho refere-se às novas formas de utilização dos equipamentos em sala de aula, pois o conforto e a prática da utilização desses equipamentos podem ser aprendidos, e o entorno acaba sendo adaptado para essa utilização. Como já dito, a nova prática utilizada na instituição levou à substituição das antigas carteiras para as bancadas com pontos de energia, com maior espaço para os equipamentos eletrônicos. Algumas particularidades e construções que vieram com a leitura, ou seja, os livros, como forma de patrimônio textual, e o conhecimento individual, não param de ganhar novos contornos. Como o desejado pela escrita, “aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico” (CHARTIER, 2009, p. 134). Percebe-se aqui que há uma separação nas funções do texto eletrônico: a circularidade, “universalidade e interatividade” (CHARTIER, 2009, p. 134)

O texto agora pode, novamente, ser considerado universal. Quando se pensa no texto eletrônico, dependente apenas do acesso à *internet* e um suporte digital, percebe-se que hoje, é muito mais comum a sua utilização, até mesmo a partir dos telefones celulares, instrumentos cada vez mais populares e que, normalmente, já são equipados com tal aplicativo esta prática (do texto eletrônico), traduz uma nova proporção de universalidade, visto que sua existência

está desprendida de normas editoriais, traduções e materialização, encontra-se aí uma nova concepção de universal. Uma vez que a prensa de “Gutenberg tinha propiciado aos homens uma promessa de universal” e “o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos, [realizando assim] um sonho muito antigo da humanidade...” (CHARTIER, 2009, p. 134), pode considerar-se que foi alcançada finalmente a era do texto universalizado. É importante ressaltar que a ideia de universalidade deve ser entendida com exceções, por exemplo, deve-se atentar que tal ação ainda é excluída em algumas partes do mundo, onde a tecnologia ainda não se faz presente de forma eficaz ou a permitir uma inclusão efetiva.

Uma das questões que poderiam ser atribuídas à dificuldade da leitura no digital estaria ligada à associação dessa prática (a da leitura) ao livro impresso ou aos textos impressos no formato A4, muito utilizados nas aulas dos universitários. Logo, uma aula no suporte eletrônico gera um estranhamento, por estar mais facilmente atrelado ao entretenimento (jogos, sites de vídeos ou redes sociais), ou por essa leitura ainda não permitir um amplo conhecimento nas ferramentas e *softwares* disponíveis para tais ações. Deve-se isso, provavelmente, à educação tradicional das escolas, onde as máquinas, na maioria delas, são disponibilizadas apenas para o aprendizado da própria ferramenta, e o conceito e a prática da interatividade estão ligadas à concepção de várias atividades ou ações que só conseguem ser desenvolvidas a partir da conexão com internet e realizadas concomitantemente entre os pares.

Então, há necessidade de se pensar a leitura como apropriação, segundo as ideias de Chartier (2009), já que, como visto também em Fischer (2006), a leitura permite construções individuais, e, pelo visto, a utilização da tecnologia e das plataformas de leitura ganha novos contornos, ou novos usos, conforme o cotidiano de cada leitor ou usuário de tecnologia. A leitura como aptidão humana, a adaptação como condição de evolução, nos remete às várias possibilidades de interpretação dessa leitura, dos usos das ferramentas tecnológicas e, dessa forma, pode-se pensar numa outra característica importante aplicada aos textos, que são as estruturas de redação aplicadas diferenciadamente a partir do suporte bem como da classificação desses textos que acabam sendo atrelados aos suportes, onde estes, em determinados grupos e usuários, determinam as formas de interpretação de cada um. Vale ressaltar também que é comum categorizar os textos não pelo assunto, mas por aqueles que terão ou não acesso à sua interpretação. Leituras mais fáceis, textos mais rebuscados, frases repletas de baixo calão, enfim, cada qual para um uso, cada uma para uma aplicação, mas todas elas em busca de cativar ou até mesmo formar um novo nicho de público, já que a fragmentação é notória e, por que não dizer, condição de permanecer apto a um cotidiano tão propício a qualquer tipo de condição cultural, moral ou financeira.

Esses meios ou ferramentas de suporte de leitura não são construtivos no sentido textual, ou seja, não tem como finalidade ou possibilidade alterar a interpretação e percepção do texto. Essa ação depende de uma série de características externas aos textos, mas vale ressaltar que essas transformações são inerentes aos desejos individuais, ou seja, acabam por ser uma gama de potencialidades locais e globais permitidos pela ausência da territorialidade tão particular da web, mas são carregadas de significações particularmente desenvolvidas pelas construções individuais. Mas, obviamente, essa formação pode gerar a não leitura, pois pode limitar o acesso funcional, permitindo apenas o quantitativo, pautado no senso comum, numa interpretação cercada de imagens e vídeos que norteiam essa tradução. Não se trata aqui de coincidência da época em que a leitura era restrita à elite dominadora, que interpretava os textos conforme a necessidade do momento e não propiciava a livre tradução e entendimento particular da sociedade, trata-se exatamente de uma nova releitura desse incômodo que a livre interpretação causa. Não se pretende tratar aqui dessa questão, mas discutir o quanto as apropriações do leitor “escapam completamente ao controle de previsões significativas do texto, submetendo-o a desvios semânticos e imprevistos pragmáticos notáveis” (PERCODA, 2001, p.12). Dessa forma, pode-se pensar nas construções individuais de texto a partir do momento que os modos de ler atribuem novos sentidos a essa leitura.

Se os efeitos da invenção de Gutenberg foram grandes e notáveis, pode-se atribuir a universalidade dos textos⁷ a essa tecnologia, bem como “rapidez, uniformidade de textos e preço relativamente barato” (MANGUEL, 2010, p. 158), ou seja, características físicas na concepção do texto. Porém, esse feito não pode ser confundido com a prática de leitura, já que seu aumento pode ser atrelado às relações sociais que foram se alterando conforme interações cotidianas com o texto, onde suas interpretações podem ser atribuídas a construções individuais, ou à forma como cada qual se apropria do livro. Ao perceber as relações de cada um dessa sala de pós-graduação, é possível aplicar essa teoria, de forma a perceber que as relações com o texto digital variam de acordo com as relações diárias do interlocutor. Aqueles que trabalham diretamente com os equipamentos, principalmente para as ações profissionais, como os alunos representantes farmacêuticos, bem como o profissional de TI, apesar de usar um equipamento similar aos distribuídos pela instituição, a desenvoltura de tais alunos é notável, enquanto os outros se utilizam do discurso de que o *IPad* permite essas navegabilidades, enquanto a ferramenta por eles utilizada não.

⁷ Ao sugerir a universalidade dos textos entende-se a possibilidade de esses textos serem acessados e multiplicados livres de territorialidades, mas vale ressaltar que ainda não há uma inclusão digital estabelecida por não haver ainda a universalidade da internet

Dessa forma, pode-se perceber que os suportes são secundários na apropriação dos textos, “sem negligenciar o aspecto estritamente tecnológico da discussão – isto é, a invenção da prensa de tipos móveis e a possibilidade de reprodução em larga escala da palavra escrita” (COUTINHO; GONÇALVES, 2009, p.10) já que o cotidiano, como apontado nas observações em sala de aula, reflete suas relações práticas nas ações e reações do dia a dia. Aqueles alunos que, para práticas profissionais, utilizam o *tablet*, o faz também durante as aulas, são alunos cujo *tablet* é único material que carregam, enquanto outros alunos imprimem em tamanho menor os slides do *Power Point*, para fazer as observações acerca dos comentários em sala de aula, ou nos cadernos e utilizam os *tablets* para jogos e local para arquivos textuais.

Relembrando a leitura a partir dos suportes já aplicados como o rolo, que em média era uma junção de vinte objetos para a composição de um livro completo, que tal volume proporcionava problema de mobilidade e de logística em questão de espaço para armazenamento, preço da matéria prima, além da falta de praticidade no ato de ler, escrever com os trabalhosos enrolar e desenrolar dos papiros, o *tablet* vem a ser a versão prática dessa ação. Com o passar dos muitos séculos juntamente à necessidade aliada a evolução da tecnologia, os *tablets* podem ser os mais novos suportes que solucionaram o problema financeiro dos valores do códex, ou quem sabe as novas mudanças na concepção de leitura e as novas rupturas sociais e intelectuais, numa nova era, mas em necessidades que acabam se repetindo.

3.5 A leitura como apropriação e produção de significações

Pécora (2001) aponta, a partir de leituras de Chartier (1998, 2001, 2003), um corpus existente em maneiras distintas de se desenvolver a leitura. Tais características, segundo Chartier (2001), relembram as antigas práticas de ler: aquela que “remontados elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele” (PÉCORA, 2001, p. 10). Há uma caracterização do “leitor ideal”, principalmente quando se fala nas proporções de imersão na leitura, ou seja, sua extensão junto ao leitor, o que proporciona assim uma delimitação de leitores perante as relações textuais. Hoje, isso é facilitado por uma lógica com a ortografia, pelos excessos de textos propiciados pelos diversos meios, textos mais claros e fáceis pela acessibilidade e linguagens universais. Dentre esses fatores, a tecnologia serve de facilitador dessa tramitação

textual, bem como fornece meios de haver os “cruzamentos” das várias culturas permitindo a experimentação de vários gêneros textuais, bem como a linguagem multimeio que se insere na complementação dessa leitura.

Nas aulas, procurou-se explorar as várias formas de demonstração, buscando potencializar o entendimento dos alunos a determinados assuntos, seja na utilização de vídeos do *Youtube*, charges em formato JPG, fotos que ilustrassem projetos, textos em PDF e os conhecidos *Power Point*, que normalmente tinham os links extras de acesso. Tal busca proporciona novas experimentações com as formas de leitura, tentando perceber as modificações que estão acontecendo de forma a alterar as relações sociais, mas é perceptível que essa adaptação é contínua, já que (como dito) se está em uma classe de indivíduos que se adaptam a cada dia com as novidades da tecnologia e principalmente as novas ações em sala de aula.

Não se podem atrelar as dificuldades para as classes sociais, já que ao menos em Volta Redonda, a conexão de internet é gratuita na maioria dos bairros, além de haver oferta de equipamento e conexão na própria instituição. Além disso, está-se trabalhando com alunos de faculdade particular, logo, parte-se do pressuposto que o contato com a tecnologia é uma ação relativamente comum entre eles. Se apenas no século XV nascia a leitura moderna, quando se considerou que a prensa permitia o acesso irrestrito aos livros e conhecimento sem mediações elitistas, é possível dizer que se adentra à leitura contemporânea, quando escolas e faculdade incentivam e propiciam a leitura a partir de suportes digitais e ainda tentam inserir nas tradicionais salas de aula artefatos que exploram a multisensorialidade dos alunos, bem como sua capacidade de cognição, já que as formas físicas são capazes de direcionar as formas de interação.

O ato cognitivo afeta a dimensão do conhecimento, dessa forma podemos presumir que tais atividades serão mais bem incorporadas em um futuro próximo, já que essas habilidades de ter a tecnologia como ferramenta educacional ainda em sala de aula serão naturais apenas para próximas gerações, ao passo que a atual está em processo das apropriações da tecnologia de forma que ela já existe. Tais ideias discutidas por Chartier (2001) reforçam as prerrogativas dos indivíduos como produtores de novas formas de interpretação e uso de tecnologias em favor de suas necessidades e não de uma predeterminação constituída a partir do manual de instruções. Os novos usos, ou melhor, as práticas e seu desenvolvimento das ações da leitura serão construídos pelos próprios indivíduos em coerência à sua determinação cultural. A cada turma inserida nesse processo de adequação tecnológica como ferramenta didática haverá um novo resultado, uma nova utilização e, principalmente, uma nova forma de incorporar tal

equipamento, como visto na turma de Psicopedagogia e na turma de MBA em Gestão Estratégica de Negócios.

Turmas diferentes, trabalhos diferentes e culturas diversas, os dois grupos claramente possuem particularidades notórias. Os futuros psicopedagogos, em seu ambiente profissional ainda mantém uma relação de quase dependência do suporte tradicional, mesmo estando inseridos em uma época em que as tecnologias são cada vez mais agregadas às novas formas de atuação no meio cotidiano. Os equipamentos de informática, nas escolas tradicionais, ainda não fazem parte de uma plena interação entre o usuário e as devidas ferramentas; pensando que esse grupo em sua integralidade é formado por professores ou pedagogos alocados em escolas públicas e particulares que ainda não tem inserido em seu cotidiano os painéis, ao contrário tem os velhos quadros estáticos, em algumas escolas equipamentos para as aulas via televisão, aulas de rádio e nada mais muito diferente do que se conhece. Os computadores continuam sendo usados para aulas específicas, para aprender os *softwares* costumeiros (como o pacote *Office* e *Adobe*), e como entretenimento. Não são atividades diárias, mas professores específicos que se encarregam dessa prática. Os professores do ensino básico ou médio continuam tendo como principal ferramenta o quadro negro, diários e os livros em código. Apesar de essas crianças estarem crescendo num ambiente tecnológico, sua educação básica e religiosa continua sendo similar ao do século XV, quando a prensa permitiu a reprodução em massa dos livros e a escrita reforça as ações ditadas por eles. A internet é muito útil para os trabalhos escolares, substituindo as enciclopédias, mas normalmente não por livre e espontânea vontade do aluno, mas por uma exigência dos professores, pois para estes jovens a internet é interessante sim, mas para as redes sociais, os jogos, as publicações de fotos e os comunicadores instantâneos.

Por essa maneira, os alunos têm os livros e as aulas e os trabalhos escolares como trabalhosos e cansativos, a internet e a tecnologia como fonte de prazer e diversão, dessa forma, ainda é difícil prever ou projetar um período em que os *tablets* ou a leitura digital substituirão os papéis impressos para as atividades educacionais. Vale ressaltar, por exemplo, que a distribuição de equipamentos eletrônicos em substituição ao tradicional é um plano do governo de São Paulo, mas independentemente de qualquer ação de mudança de cultura escolar é comum um meio continuar existindo mesmo com a presença de outros, como o rádio permanecendo ativo com o advento da televisão, e a internet permitindo e fazendo uso de todos os meios enquanto ela poderia a princípio suprir todos os meios ditos tradicionais.

3.6 Ausências de territorialidade e a dificuldade de seguir normas

Convém discutir as relações da leitura no digital a partir das dificuldades de lidar com a ausência de territorialidades, de regras e principalmente seguir as sugestões de um manual que está em forma de códice. A instituição possui um caderno com normas de formatação, baseado nas regras ABNT, que devem ser seguidas para os trabalhos acadêmicos. Sendo assim, ao projetar o modelo conforme o qual o trabalho deveria ser feito, como condição para a conclusão da disciplina, logo foi pedido para que estivessem de acordo com as normas institucionais, mas, ao receber o trabalho, todos os quatro estavam fora de qualquer norma de trabalho científico ou de projeto de apresentação profissional. Apesar do modelo projetado em aula, os alunos possuem uma norma própria, normalmente baseada em algum outro exemplo visto na internet, a partir dos sites especializados em projetos e houve aquele que trabalhou com pequenos resumos, dividido em quadrantes com informações básicas. Outro grupo apresentou informações com título e subtítulos, mas seguiram a formatação básica de um texto no Word, inclusive sem estar justificado.

Essas relações se enquadram quando se pensa na internet facilitadora das ações comuns aos trabalhos do alunado. Logo, mostram o quanto essas leituras, quando conveniente a eles, tornam-se efêmera, ou quem sabe, encontram-se trabalhos efetivamente prontos (ou forma mais fácil de fazê-lo). Distante do códice, quando esses teriam que ler e interpretar uma série de normas e regras a serem aplicadas ao digital, a praticidade está em buscar algo que já oferece as formas prontas, as ações imediatas e praticamente prontas para uso e consumo, assim sendo os pós-graduandos usam tais ferramentas como naturais para suas apresentações escolares.

Se antes as leituras eram divididas por estilos entre a brevidade dos discursos e o detalhamento da fundamentação, agora está pautada por duas ações, a superficialidade das leituras digitais por aqueles que não fazem dela sua forma diária de trabalho e aqueles que se adaptaram às necessidades das leituras digitais e não dispensam as leituras no códice, pois o primeiro não substitui o segundo efetivamente. Ainda são poucas as publicações exclusivamente digitais, e a pirataria ainda é um problema que não será abordado neste trabalho. Quem sabe, esta seja uma nova fase de reconstrução das formas de ler, pois gêneros de leitura estão aos montes distribuídos pelo mercado editorial e as diversas formas dos textos editoriais invadem a rede criando novos escritores e propiciando novos leitores.

Não se entra no mérito de que muitas informações dispostas na web nunca foram lidas (além do próprio autor), encontram-se graves falhas gramaticais, há ausência de linhas editoriais

ou coerência de assuntos e principalmente (e gravemente) há uma disseminação muito grande de falsas informações, mas, ao mesmo tempo, encontra-se ali uma infinidade de ferramentas direcionadas ao conhecimento, a fronteira de tempo e espaço não mais são fatores decisivos no processo de construção de conhecimento. Se a prensa universalizou os textos, o e-book globalizou as informações, quando se compara a potencialidade e a possibilidade de acessos. Perdeu-se o filtro dos conteúdos, por ainda não se ter uma forma eficaz e eficiente de regulação daquilo que está contido na internet e por ter-se a liberdade das leituras individuais, se está longe dos olhos reguladores de qualquer tipo de dominância de poder. Vale lembrar que hoje os computadores são individuais e a internet (independente da qualidade de bytes enviados e recebidos) está próxima de ser popular.

Conhecer de tudo, discutir vários assuntos, estar conectado a várias possibilidades, era dessa forma que os alunos se apresentavam mediante as informações das aulas, com comentários exemplificando os assuntos abordados, reforçando alguns exemplos citados e, principalmente, captando poucas novidades. Isso ficou claro com os trabalhos entregues. Qualquer informação ali abordada não estava pautada em alguma novidade, ou na busca pelo novo, os alunos se limitaram a reproduzir informações que são possíveis serem aprendidas pela web. Não se notaram informações baseadas em leituras, mas como já dito informações efêmeras, sem fundamentações, pode-se chamar do conhecido senso comum, de informações disseminadas a partir dos meios de massa. Quem sabe, uma nova relação de poderio, de informações cerceadas pelos dominantes e suas intenções prévias de delimitação de conhecimento. Sendo assim, continua-se tentando disseminar o domínio da hegemonia, que antes fora determinado pela igreja, mas que hoje é disseminado pelos meios de comunicação de massa em favor do poder capitalista. Ação essa (de regulamentação de discursos e ideias) difícil de ser concretizada pela fragmentação das fontes de informação existentes na atualidade.

Repertório vasto, mas conhecimento profundo limitado, a “pseudo” liberdade, a atual globalização na acessibilidade dos equipamentos digitais e principalmente dos conteúdos de leitura, não tem gerado uma capacidade crítica que determine uma mudança cultural como foi a imersão do indivíduo na escrita e na leitura no passado. A inserção da tecnologia em seus meios, em sua maioria, tem sido subaproveitada, pois baseia-se na popularidade de sites, na construção generalizada de modas e modismo capitalistas.

O que não se pode negar é que em “mentes críticas” essas ferramentas conseguem alcançar novos patamares de evolução e de usos, a partir do momento em que a leitura digital foi inserida em seu cotidiano como forma de potencializar o conhecimento e constituir novas fontes de pesquisa e de relacionamentos tão importante na construção do saber. Por exemplo,

em sala de aula buscava-se incentivar os alunos a buscar a interatividade a partir das ferramentas que eles tinham em mãos, como comparações com outros meios e outras ferramentas, mas os alunos permaneciam limitados às possibilidades fornecidas dentre as quatro paredes da sala de aula. Num ambiente totalmente inovado para essas ações, as reações continuam limitadas, pois essa seria a oportunidade de construir cada vez mais informações individuais a partir do momento em que se tem ferramentas que proporcionam tais avanços, fazendo jus, assim, às promessas da web, ausência de limites e territórios, possibilidades de buscar inovações e novos conhecimentos a partir de um meio que está carregado de incontáveis fontes de saber.

A internet forneceu a possibilidade de novos gêneros discursivos, além das novas possibilidades de ser e existir, ou quem sabe novas classificações para o que é *ser* e *estar*. Os gêneros digitais permitem uma nova forma de entender o texto e uma nova forma de leitura, inspirados em um sujeito multifacetado que se encontra em meio a inovações acerca da velocidade da atualização dos meios de informação ou pela efemeridade instaurada no dia a dia. A construção fragmentada dos textos, os links e hiperlinks alteram a composição de texto linear, as composições de parágrafo, ideias e, principalmente, as fontes de pesquisa ganham novas características que são moldadas de acordo com o meio e seu público alvo. A noção do aprender também encontra novos rumos e uma nova forma de aproximação do leitor. É interessante questionar se tais concepções exercem algum tipo de influência acerca da leitura do indivíduo, pois a alteração que o digital causa sobre a leitura tradicional é em termos de distribuição e territorialidade. Como aconteceu com o advento da prensa, o livro já existia, o que se modificam são os suportes, mas a leitura e sua interpretação estão de acordo com o entorno cultural.

3.7 A difícil tarefa de manter-se conectado

Num ambiente cada vez mais *hi-tech*, seria possível se utilizar do conceito de um “darwinismo tecnológico”, no sentido de que o ambiente contemporâneo derrama sobre os indivíduos um oceano de novas tecnologias, todas elas teoricamente necessárias aos desenvolvimentos das ações cotidianas? E, aquele indivíduo que melhor se adapta aos usos e domínios de tais tecnologias é aquele que mais sucesso obtém, seja num processo de inclusão social, desenvolvimento profissional ou progresso econômico. Ou, por outro lado o mercado não determina nossa necessidade, mas sim nossa apropriação, que é direcionada aquilo que será

ofertado uma vez que há apropriação daquilo que já se conhece e dela apenas fazem novos usos e estes usos direcionam a produção de novo elemento que mantém de certa forma as raízes daquilo que se conhece. Melhor dizendo, são as reais ou “pseudo” necessidades que determinam as atividades econômicas ou o mercado e que determina as novas necessidades?

Platão afirmava que o objetivo da vida do homem é a busca da felicidade. Epicuro, outro filósofo grego vai acrescentar que - sem nenhum conceito mercadológico – só se é feliz na medida em que se satisfazem as necessidades (PORTO, 2006). Com este pensamento, pode-se começar a discutir até que ponto as experiências do indivíduo são movidas por ações comerciais, o que hoje estaria muito envolvida com processos tecnológicos, (sejam) de um novo equipamento de computador, as atualizações praticamente diárias dos equipamentos celulares, ferramentas essas que em geral, numa geração incluída na tecnologia mais cedo, pode garantir uma satisfação de pertencimento, numa sociedade que preza pela adaptação constante. Estar fora das características determinadas por certas ações publicitárias em que os discursos de mídia estão cada vez mais encantadores e convincentes, prometem a satisfação de necessidade, e principalmente o fazer parte de algo que é interessante e relativamente essencial.

Chartier (2002) divide a história do livro em basicamente três momentos que caracterizam a revolução do livro, elucidando a transformação da leitura e de seus suportes para com as relações do indivíduo: do rolo ao códice, a prensa de Gutenberg e a revolução digital, dessa forma é possível pautar as principais transformações, vistas no primeiro capítulo com as relações atribuídas no segundo capítulo. A internet proporcionou algumas mudanças ou alterações na constituição do unitário e individual, permitiu que em apenas um único aparelho se tivesse acesso a uma infinidade de informações, mas essas informações, por mais que pareçam ilimitadas, têm encontrado barreiras para se manter na relação estável para substituir os usuais cadernos e livros de celulose. Como acredita Chartier, há de se manter no mercado e nas relações sociais os dois suportes de leitura. Além de se estar numa fase de adaptação dessa mudança de formato, ou melhor, da inserção desse formato digital nos meios cotidianos, há alguns problemas para que haja a substituição total de suportes.

Como já dito, mesmo com as novidades de tecnologias envolvendo a construção dos meios de comunicação, nenhum substituiu o outro, ao contrário, permitiu que os meios pudessem se integrar e até mesmo completar. Os novos equipamentos são exatamente isso uma compilação das possibilidades interativas, já que esse anseio foi crescendo juntamente à perspectiva de individualização propiciada pela leitura, incentivada pelos meios de massa. Mas as mudanças estão na forma de existir, há uma desfragmentação das páginas, da continuidade da escrita, principalmente de acompanhamento dessa leitura. Essa desmaterialização, por

exemplo, pode ser algum dos motivos de impossibilitar o final do códice. Outra ação é a instabilidade da web. A constante atualização dos computadores obriga um investimento alto na manutenção das efetivas ações na web.

Se os investimentos com material escolar e o acompanhamento dos lançamentos do livro das categorias que interessam cada indivíduo são considerados caros, imagine a manutenção da tecnologia que sofre alterações diárias, logo as versões de software e a quantidade de memória precisam ser atualizadas constantemente. Além da máquina, é necessária a contratação de um provedor de acesso de internet, que o Brasil, em relação a outros países ainda apresenta uma internet cara e que enfrenta momentos de instabilidade. Além disso, os problemas da internet acabam por deixar vulneráveis os arquivos que ali estão sendo mantidos. É interessante que os livros de papel também precisam de certo cuidados, podem ser destruídos por traça, poeira, mas normalmente seu conjunto ainda faz parte da decoração da casa. Mesmo muito tempo depois de as bibliotecas serem consideradas diferenciador de elite, hoje ainda é costume comentar ao ver alguma casa com muitos livros que ali se trata de alguém intelectual.

A diferença é notória até em sala de aula. Os alunos com alguma relação melhor com a informática ainda são diferenciados, entre os pares, e apelidados de “hackers”. São aqueles que normalmente baixam textos e livros “descobertos” nem sempre autorizados pelo autor ou editora, mas eles não contribuem para a coleção do “intelectual”. É interessante enfatizar isso, pois muitos dos alunos se referem aos textos impressos, como itens que satisfazem a necessidade de tocar e materializar o ato de ler, mas não levam em consideração que os equipamentos também são de toque, eles são *touch screen*, mas, segundo eles (os alunos) é preciso outra conexão para acontecer a leitura, a internet, que dificulta o acesso imediato, e a interação com o texto (riscar e escrever). A necessidade de ter tal equipamento atende aos apelos de marketing da tecnologia, do ter para ser ou pertencer, dessa forma, os equipamentos demonstram algum “poder” para aqueles que os possuem. São contraditórios, repetitivos e ao mesmo tempo resistentes às mudanças, principalmente às que são consideravelmente grandes, e que poderão alterar suas formas de relações cotidianas.

Para se estar conectado, é necessário que o equipamento esteja ligado. Para isso, é necessário aguardar tempo para carregar os programas básicos, e principalmente ter disponível uma conexão. Vale lembrar que os alunos dificilmente atrelam a leitura nos *tablets* para arquivos *off line*, pensar em utilização de tais ferramentas, é estar “plugado” na *web*, principalmente para não perder atualizações no *facebook*. Outro motivo da não utilização, e da não integração de tais ferramentas, é que a rede da instituição não permite, para os alunos, o acesso a redes sociais, *streamming* ou *youtube*. Alguns blogs, que já foram relatados como

impróprios, também são bloqueados, bem como os sites de conteúdo erótico, pornôis ou qualquer outro que não seja classificado, como contribuidor para a educação ou informação.

E a segurança? Esse é um outro fator que pode ser atribuído à não utilização dos equipamentos em sala de aula (vale lembrar que grande parte dos alunos não portam consigo os equipamentos). Apesar de estarmos numa cidade de interior, alguns fatores não contribuem para a livre utilização, tais como a segurança nas ruas ou nos transportes públicos (ônibus) e a brevidade com que se faz esses trajetos de um bairro a outro. Longe de traçar longos caminhos, os ônibus circulam de um bairro para outro, poucos são aqueles que circulam por toda a cidade, que possui centros comerciais bem distribuídos e bairros periféricos exclusivamente residenciais, sendo assim as viagens são breves, o que não seria viável toda a logística para ligar e buscar o que se quer ler, ou aqueles que fazem uso de internet 3g buscar conexão para o uso. Os tradicionais livros de código são práticos, rápidos e seria permitido dizer aqui contemporâneos, de acordo com as necessidades diárias de ação e atuação dos atores sociais.

Dessa forma, há várias concepções que devem ser levadas em conta quanto a se manter conectado, não se refere apenas a estar com uma conexão estável, mas os mecanismos necessários para se acessar um equipamento eletrônico. Por mais que os equipamentos sejam móveis, acabam gerando entraves para manter-se ligados. É necessário uma série de artefatos para, como a atualização de software que foi necessária (especificada no capítulo dois) ao meio do módulo, além das preparações necessárias desde o carregar da bateria, a carregar os arquivos, conexão com a internet, encontrar arquivos e softwares compatíveis. Sem contar que, com um equipamento com tantas possibilidades, há de forma mais fácil a possibilidade de desviar os interesses, ou seja, muito comum, nos hiperlinks proporcionados pela rede, distrair-se com outras ações, assuntos e *pop ups* despertando novas curiosidades ou interesses momentâneos.

3.8 Experiências sensíveis e os suportes: apropriação do conhecimento

Desejos efêmeros, as leituras fragmentadas, que proporcionam o conhecimento prévio de determinados assuntos, são propiciadas por diversas formas de experiência, a partir dos trabalhos apresentados, que foram baseados em sua maioria por experiências obtidas pela web, como um bom exemplo o grupo que apresentou o projeto baseado na construção de equipamentos para aviação, desenvolvido por um grupo que não contempla nenhum engenheiro

de aviação. Há pouco a realidade aumentada⁸ tentou buscar aproximações com os indivíduos, ou seja, criar relações para com os equipamentos eletrônicos, uma humanização (talvez) dessas virtualidades, acredita-se na tentativa de aproximar os indivíduos às particularidades que seriam exclusivamente humanas, talvez uma forma cognitiva de acostumar os indivíduos às novas sensações, ou, quem sabe, para inserir que essas sensações poderiam ser construídas pela máquina a aproximando mais do homem. Sensações e sentimentos como forma das ações inseridas à máquina na aproximação do indivíduo, de forma a tentar gerar uma identidade para que tal equipamento seja inserido no dia a dia sem maiores delongas.

É perceptível que aqueles alunos que possuem maior intimidade com a tecnologia no seu dia a dia, normalmente para trabalho, possuam uma relação de leitura e escrita mais desenvolvida, o que naturalmente acontece independente de que haja estímulo por parte do professor. Os alunos mais novos (em idade) também estão muito próximos das relações tecnológicas, mas suas apropriações são diferentes, trabalham normalmente nos cadernos e utilizam a tecnologia para o entretenimento: os celulares são usados para enviar mensagens e acessar redes sociais, os *tablets* estão carregados de jogos que não são *on line*, mas ligados a algum tipo de desafio.

A revolução eletrônica garantiu uma alteração nas relações do indivíduo, seja no papel de autor, seja leitor. Pode-se dizer que as possibilidades de inúmeras ações concomitantes podem auxiliar o estímulo da inquietação desse sujeito contemporâneo, que, como já dito, encontra em um único meio, acesso a suportes diferentes como os jornais impressos que são reproduzidos “*ipsis literis*” ao produzido no formato impresso. Da mesma forma, as revistas, bem como suas ações publicitárias, encontram esses mesmos textos construídos exclusivamente para a web, bem como as produções audiovisuais que também passam por essas mesmas vertentes. Tais formas de acesso garantem, de certa forma, a inclusão de qualquer um, sendo produto ou produtor, gerando assim novos discursos, novas ações e reações do indivíduo ao utilizar o suporte.

Se cada qual vê alteradas suas formas de relação com a máquina, onde até mesmo sua condição de expectador foi modificada, há também uma transformação na forma de discurso e de atratividade dos indivíduos, pois, estando exposto a novas sensações de materialidade e de experiência, busca formas de adaptação de tal mecanismo. É possível dizer isso, pois nos

⁸ A realidade aumentada é uma tecnologia que permite outra forma de interação da tecnologia com o indivíduo. São códigos em 2D (duas dimensões) que armazenam informações em maior quantidade que os códigos de barra, por exemplo. Tais códigos possibilitam a projeção de objetos virtuais em meio a vídeos ou filmagens de um ambiente real, a partir da combinação de um código bidimensional e um programa de computador.

momentos em que as relações desse indivíduo, imerso em novas formas e incentivos de uso da tecnologia, estão submetidas a pressões, como foi a apresentação do projeto final, os alunos buscaram a segurança e a tradicionalidade de textos impressos, bem como as anotações de pontos importantes nos cadernos e ainda para reforçar e garantir que não haveria problema na apresentação digital, imprimiram, em tamanho miniatura, os slides que prepararam para a apresentação. Ter alguma experiência ao passar por certas dificuldades, em algum momento, seja por compatibilidade, falta de equipamento, conexão ou até mesmo de energia elétrica, condições básicas para o funcionamento desses equipamentos, traz como resultado a insegurança que ainda é um fator comum entre os usuários, que mais uma vez, reforça a necessidade da materialidade, ou quem sabe simplesmente a necessidade de uma garantia, numa época, que há vários discursos sobre a necessidade da falta de laços e estabilidade do sujeito.

Pode-se considerar que a evolução dos meios tenha fortalecido a ideia dos indivíduos a buscar novas formas de liberdade dentro do suporte digital, tal liberdade que já fora entendida com a popularização da leitura e da escrita, pois a partir dos manuscritos ou impressos, já havia a liberdade de interpretação e de manifestação de ideias. Vale lembrar que essa manifestação era restrita, pois, nos manuscritos, ainda se tinha a chance desse objeto voltar ao copista e este fazer a alteração, inserindo ideias ou correções da edição ali presente. Os livros acabam por impedir essa conversa com o autor, o leitor se envolveu numa relação restrita, em que está apenas a capacidade de sua interpretação, logo essa não alterará em nada na concepção oficial do livro. Quando se está no digital, há uma dificuldade na relação do *copyright*, pois os textos são facilmente alterados e divulgados novamente pela rede, bem como há a interferência indireta às traduções proporcionadas e divulgadas pelos inúmeros sites, blogs e fóruns de discussão existentes.

Dessa forma, começa a haver uma diversidade muito grande de apropriações das diversas leituras, primeiramente pela liberdade do indivíduo de promover as variadas relações interpretativas, bem como de repertório de diversidade cultural e principalmente de relação e acesso à internet. Isso, é claro, pode ser percebido a partir das relações diferentes dentro do próprio grupo de pós-graduação, no qual os *tablets* exerciam diferentes utilidades, (algumas vezes usados pelo simples fato de terem sido ofertados, tanto que, devido ao longo período de uso, ficavam em modo de espera sem o próprio usuário perceber). Por mais que se questione haver materialidade, já que se tem uma relação tátil, com simulações de página, etc. ainda assim, não se equivale às experiências “de vida real” que guiam os desejos, usos e relações do indivíduo com o seu contexto exterior.

O contato do leitor com as possibilidades “hiper”, sejam elas hipertextos ou hiperlinks, que proporcionam as hiperleituras, e a tão discutível linearidade e sequencia do texto, tais arranjos, que aparentemente não permitem a possibilidade de escolha por guiar os passos do internauta, podem ser vistos de outra forma, como um incentivo à “liberdade” de escolha por aquilo que se vai ler, ver ou ouvir para o entender de um texto, Chartier (2002) afirma que tais técnicas transformam o próprio texto em maleável, mas é uma técnica digital que acaba por conduzir os indivíduos, ou seja, os sujeitos seguem uma proposição de trabalho determinada de alguma forma por alguém, mas ainda assim, no intuito de buscar a liberdade tão necessária traça caminhos nos *hiperlinks* e constrói a própria história, quando saem de espectadores para produtores num universo infinito e ínfimo de possibilidade de ideias .

Pode-se começar falando que, no suporte impresso, ainda se tem grande confiabilidade e garantia de propagação de ideias originais e confiáveis. Considerando um texto digital como mutável, mesmo com tantas divagações sobre a evolução tecnológica, ainda são pouco exploradas as construções textuais a partir desse suporte, ou seja, é comum a dúvida sobre a confiabilidade ou a fidelidade das fontes que tenham como suporte o digital. Que o virtual tornou um espaço público é inegável, que é um ambiente de superabundância textual (CHARTIER, 2002) percebe-se a cada clique, em cada *site* e, principalmente, a cada referência feita por divulgações publicitárias, que incitam a utilização multimidiática, mas tudo isso só pode ser atribuído às concepções de experiência. Ainda muito se criticam os *e-books*, como acontece com as músicas em MP3 e os direitos autorais, ainda muito se criticam fontes de pesquisa por textos eletrônicos, pois não se tem certeza do *copyright*, muito se criticam as construções digitais por serem por demais fragmentadas, mas ainda se encontram buscas complexas por aqueles que são tidos como intelectuais. Uma nova separação de classe? Pode-se considerar que ainda há uma série de relações de experiências que podem desenvolver novas ações de pesquisa de leitura e escrita.

Pode-se dizer que os *tablets* favorecem novas mudanças nos processos e formas de interação. A forma não é única, é construída de maneiras diferentes, alguns ainda têm o suporte tradicional como confiável e o suporte digital como entretenimento, mas aqueles que se apropriam das leituras e escrita no suporte digital desenvolvem-na de uma forma diferente que na leitura a partir do suporte tradicional. Chartier (2002) afirma que o letramento digital altera a relação do autor com o texto, as maneiras de ler e os processos cognitivos. Vale lembrar que a maior das transformações que envolvem as tecnologias da escrita tem por grande característica alterar as formas de distribuição da leitura não, por hora, as relações do indivíduo com a máquina, nem ditar suas formas e meios de uso. As novidades, na verdade, acabam por

ser novas representações das experiências, como o rolo e o *tablet*, como os manuscritos com suas várias alterações e os textos digitais.

Notório que, em suas relações cotidianas, os alunos carregam consigo experiências diárias nas construções de novas abordagens relacionadas à inserção da tecnologia nas práticas de leitura, por exemplo. Os grupos estudados apresentaram clara distinção de usos a partir do momento em que foi possível acompanhar o dia a dia das aulas, bem como por meio de entrevistas saber um pouco das práticas profissionais que eles desenvolvem. Sempre é importante ressaltar que o público ao qual se refere este trabalho, devido à idade, está no processo de inserção tecnológica. É possível afirmar tal processo principalmente pelo barateamento do material eletrônico que gerou uma grande circulação da tecnologia, mas em grande parte com subutilização, ou novas formas de apropriação, o que vai provendo novas formas de uso de acordo com os novos incentivos, que acabam por variando de lugar para lugar. Da mesma forma que a instituição em destaque tenta inserir o *tablet* como forma de aumentar os rendimentos e como atrativo mercadológico, a publicidade tenta inserir no dia a dia a necessidade das constantes atualizações eletrônicas.

Certo é afirmar que os processos cognitivos estão sofrendo algum tipo de alteração, nas relações do leitor, ou em sua interação com a produção de escrita, a constante leitura de hipertextos pode estar aproximando os leitores do códice à leitura digital, mas de certo, essa leitura é mais aplicada nas relações de entretenimento, já que as leituras para fins acadêmicos ainda sofrem dificuldades em sua adaptação, da mesma forma estratégias para inserir no cotidiano daqueles que cedem ao consumo, aplicações práticas como forma de convencê-los até que se aproximem da condição de uso para determinadas ações, como em um tempo próximo aconteceu com o celular.

3.9 As diferenças de manuseios dos dois meios: O tradicional e o digital

A tela *touch screen* e a mobilidade dos equipamentos digitais podem ser consideradas como local de escrita e de leitura, e não apenas novas formas de acesso ao conhecimento e informação desprendidos das territorialidades impostas pelos cabos, e amparados pelas ampliações dos suportes e possibilidades. É importante ressaltar essa afirmativa, pois pode-se acompanhar a partir dos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita, bem como das ferramentas de suporte de leitura suas transformações sociais a partir de tais usos. Antes à

prensa, os indivíduos ficavam submetidos às incertezas dos textos copiados que a todo tempo poderiam ser alterados pelas intervenções que cada leitor poderia acrescentar e que por ora poderiam ser acrescidos às novas cópias. A prensa, por um lado, gerou uma redução de conversa com o autor, ou de interação do indivíduo com a construção textual, mas por outro lado, ocasionou uma relação mais íntima entre o leitor e as próprias ideias. Os suportes permanecem de certa forma os mesmos, quando já se está em uso o formato códice, mas há uma relação entre as práticas sociais que vai se alterando de acordo com as necessidades a serem supridas, bem como os novos usos que cada qual atrela ao seu cotidiano. O texto impresso por tecnologias já digitais voltou a possibilitar novas interferências em sua concepção. Vale ressaltar que primeiramente os textos passam por uma série de alterações, buscando a padronização aceitável por um mercado editorial, e isso é acrescentado nas finalizações desse texto e submetido a olhares de vários sujeitos e cada qual na sua familiaridade para que haja a construção final desse.

Eis que a cultura do suporte digital faz uma série de referências àqueles até então já utilizados. Como perceptível nos alunos, um suporte não substitui o outro, mas sim faz relação a todos os outros conhecidos. Pode-se dizer que as relações do indivíduo e como cada qual tem referência à utilização, do *tablet*, por exemplo, acaba sendo próximo às suas ações cotidianas, como já dito, a internet e as ferramentas digitais remetem a ações de entretenimento, pois esse suporte visual traz proximidade com redes sociais, jogos além de reforçarem a todo momento que ler no digital é incomodo. O códice, principalmente desde as produções dos livros de bolso, começou a participar da vida cotidiana dos indivíduos, sendo utilizado em locais livres, antes privados pelos tamanhos e valor das obras, que eram restritas a determinados ambientes. Revistas e livros são comuns em ambientes coletivos, como ônibus, metrô e filas de espera. O digital, na promessa da mobilidade, também apresentou uma série de entraves, o principal deles está atrelado à segurança, vida útil das baterias. Outra ação são as dificuldades da leitura do *tablet*, além da função de ligar e desligar, os cuidados para não quebrar, infectar com vírus e encontrar itens legais (não pirateados, cópias ilegais) para leitura. Os textos utilizados em sala de aula, nas práticas digitais, foram reproduções de parte de livros, divulgados apenas em rede interna da instituição, cujo *download*, foi feito sem autorização do autor ou da editora, dessa forma as cópias distribuídas *on line* são ilegais, ou “piratas”.

Os suportes textuais, por suas experiências, acabam por gerar novas práticas de escrita, com a análise feita é possível fazer uma comparação textual, logo, esse é um dos assuntos de interesse deste trabalho que tem por excelência o texto no papel e o na tela. As tabuinhas de argila, madeira ou entalhes em pedras, os rolos de papiro, pergaminho e o códice - permitindo

uma impressão organizada-, das páginas brancas para a escrita para a tela do computador esses espaços de escrita acabam gerando uma identificação das passagens, bem como do uso e necessidades que passam a ser agregadas a cada mudança. A primeira constatação que se pode fazer, acompanhando as relações dos alunos com as possibilidades textuais analisadas é que há novas formas de elucidar a escrita, de acordo com o meio em que ela está inserida. Com as relações efêmeras da internet, por exemplo, onde os textos em determinados ambientes podem ser temporários, como MSN ou chats, há uma diferente forma de interpretação e uso da gramática, renunciam-se aí das regras de ortografia, de pontuação ou até mesmo uma formalidade da escrita, dessa forma construiu-se, para os alunos, ambientes diferenciados de escrita, gerando assim dificuldade de readaptação, pois se pressupõe leitura e necessidade de inspiração para essa formalização que pode ser captada a partir das inúmeras experiências propiciadas por outras leituras de diversos gêneros, que explorem, por ora, diversas outras formas de conjunção de verbos e exposição de ideias, ações essas que tendem a ser cansativas ou “démodé”.

No computador, ou nos suportes digitais que proporcionam as leituras de muitos ambientes, supõe-se a leitura fragmentada, seja pelos hiperlinks, que permitem as diversas leituras em pouco tempo, seja pela ocultação do texto, como acontecia nos rolos, onde uma leitura passada é mais difícil de retorno, por já ter passado as páginas e ter que voltá-las uma a uma, caso não se saiba a página exata, ou até mesmo alguma palavra para busca, de outra forma, é necessário rolá-lo até encontrar o desejado. É certo que acompanhando os alunos é notório suas diferentes formas de interação quanto aos suportes, por exemplo, ao acompanhar o grupo que estava com o livro enquanto os demais estavam com suportes digitais, percebe-se que o livro acaba despertando um certo interesse pela bibliografia e até mesmo pelo sumário, aqueles que acompanhavam com o digital, apenas fizeram o download do texto destinado a eles, Ou seja, a virtualidade do texto acaba por exigir a forma imediata e básica de se entender o que é necessário naquele momento.

É possível dizer que o processo de interação entre professor e aluno, quando o suporte é o tradicional, acaba gerando melhores formas de relacionamento, pois dificilmente o aluno tem o interesse ou paciência para buscar fundamentações para aquele texto isolado ou até mesmo para os slides ali projetados. As dúvidas e perguntas são mais intensas, já que buscar novos livros que satisfaçam suas dúvidas é mais difícil. Vale lembrar aqui que os alunos não perguntaram ter ou não ter uma bibliografia básica, então, é mais fácil questionar ao professor e pedir novas possibilidades a ele. Isso pode confirmar que esse “novo” espaço de escrita (o digital) acaba por trazer novas ações que podem ser projetadas socialmente, quando se pensa

nas relações sociais que se alteram a partir da vivência de novas culturas desenvolvidas e nas transformações daquilo que se considera reflexo de um letramento digital. A interação do aluno é menor, sua relação com a virtualidade é maior, mas seu conhecimento acaba sendo fragmentado e seu interesse pelas aulas acaba sendo menor. Logo, os equipamentos agregados às aulas, a princípio, não têm contribuído para uma melhor dinâmica, pois os alunos ainda não fazem relação do digital com qualidade e sim quantidade de informações e diversidade de oportunidades em um só ambiente.

Dessa forma, fica perceptível que cada indivíduo é único nas ações e reações quanto aos estímulos da tecnologia. Há aqueles que buscam se inserir nas atividades, pois a não adaptação causa a sensação, ou sentimento, de não fazer parte, da efetiva exclusão tecnológica, em um momento que tal inclusão é muito fácil, prática e relativamente barata. Tal ação, a de transição do suporte código para o digital, não há de acontecer radicalmente. Durante muitos anos, ainda há de acontecer a convivência das duas possibilidades, primeiro por um tradicionalismo e a necessidade de desenvolver ainda formas de controlar as cópias, segundo por ser um suporte que ainda há de funcionar como forma complementar.

Assim aulas mediadas pela tecnologia acabam sendo uma tendência. Já é possível encontrar, principalmente nos grandes centros, ações que estimulem essa contemporaneidade, de forma que os quadros negros já foram substituídos por painéis digitais e interativos, mas em contrapartida ainda não tiveram as apostilas substituídas pelos *tablets*, os computadores exercem atividades extraclasse, e, onde há a distribuição dos *tablets*, ainda se encontram artefatos pouco desenvolvidos a acompanhar tal dimensão tecnológica. Dessa forma, é possível acreditar que os meios de comunicação, bem como os suportes de escrita e de leitura estão contribuindo para novas características interativas. Nem pior, nem melhor, apenas diferente, que provavelmente encontrará formas e ações de estarem presentes no cotidiano, em cada sociedade uma ação, em cada indivíduo uma reação, lembrando que esse sujeito é ator de suas próprias atitudes e protagonista de suas próprias realizações. Tudo o que estará no entorno, será coadjuvante ou complementar às suas necessidades.

CONCLUSÃO

A cidade de Volta Redonda, local onde essa pesquisa fora realizada, conta, segundo o IBGE, com mais de duzentos e quarenta mil habitantes⁹, caracterizando-se como uma metrópole regional. Nela estão instaladas não apenas indústrias de grande porte, como a CSN e White Martins, que trabalham com tecnologia de vanguarda como também a cidade possui ao menos quatro universidades, faculdades ou instituto (sendo duas delas federais, a Universidade Federal Fluminense e o Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro e outras três particulares divididas em vários campi), sem mencionar os vários cursos de pós-graduação e os cursos a distância ministrados por outras instituições. Tais informações, somadas ao fato de a cidade não possuir área rural, mas constituir-se toda ela de uma massa urbana apinhada de painéis digitais, internet gratuita na maior parte dos bairros da cidade, centros culturais, e sua população, de forma geral, muito íntima de todo este progresso tecnológico em suas tarefas diárias, permitem considerar tal cidade uma pequena metrópole, principalmente entre as cidades arredores, ligadas fisicamente, economicamente e culturalmente pelo fluxo de pessoas e serviços nela (Volta Redonda) disponibilizado.

A quantidade de jovens estudantes de nível médio e superior é considerável, tanto quanto é surpreendente o quanto tais indivíduos buscam na mesma universidade (onde se graduaram) as oportunidades de aperfeiçoamento. Tendo os grupos de pós-graduação do Centro Universitário Geraldo Di Biase, mais especificamente os cursos de Psicopedagogia e MBA em Gestão Estratégica de Negócio, com as aulas mediadas pelo *tablet*, pode-se colocar em prática algumas observações acerca da *leitura* no suporte digital, além de promover uma comparação quanto a *leitura* no suporte tradicional, integração entre grupos e o uso de tal ferramenta para fins acadêmicos e com mediação ou incentivo do professor. A primeira assertiva que se tem é que os alunos ainda não se permitiram dominar pelos novos instrumentos como suporte de produção textual e de *leitura*. Independente da tecnologia que invade todas as áreas do conhecimento, seu uso ainda é relativamente restrito.

Esta subutilização os fez, na verdade, instrumentos marginais, porquanto livros e cadernos de celulose ainda são o centro de seus diversos utilitários. Certamente, fossem os alunos observados matriculados de um curso de tecnologia, sua intimidade com tais instrumentos seria inegavelmente maior. No entanto, se a proposta de pesquisa é justamente

⁹ Segundo o último senso do IBGE, dados do ano de 2010.

observar o quanto a apropriação dos novos suportes de leitura por uma parcela da população se fez real, tal universo não poderia ser resumido a esta especificidade, sob a pena de obter resultados que não refletiriam em absoluto a real dimensão de tal fenômeno.

Se por um lado as avenidas da cidade foram abarrotadas com painéis eletrônicos, e vários outros serviços público chegaram aos indivíduos por meios semelhantes, principalmente nas grandes avenidas de Volta Redonda, trata-se essa de uma *leitura* informal, em que os textos são informativos, e como decorrido durante o trabalho, normalmente com pequenas frases, que poderiam ser equiparadas ao *lead* no qual o leitor não exerce nenhuma influência ou interação, e cujo texto não exige sequer maiores interpretações. É uma leitura muito mais informativa ocasional do que formativa (ou formadora) usual cotidiana. Lê-se determinada informação, mas não se produz em conjunto ou pela contraparte nenhum outro texto. É muito mais um monólogo textual do que um exercício de interatividade. Da mesma forma como a inumerável massa diante da qual tais informações desfilam, a maior parte dela composta de indivíduos de baixa formação escolar, também os alunos de pós-graduação pesquisados apresentam um nível de interatividade muito aquém daquele imaginado no labor dessa pesquisa.

Ao acompanhar, por cerca de dois meses, as aulas mediadas pelo *tablet* e ações de incentivo à leitura digital, esperava-se um número consideravelmente elevado de indivíduos não apenas dominando as novas plataformas de produção textual e *leitura* como também fazendo delas um elemento tão inseparável, até indispensável quanto o fizeram do celular, por exemplo. No entanto, tal perspectiva ficou muito aquém daquilo que se pensava inicialmente e, a despeito das produções de telefonia móvel, multifunções dessa plataforma ou novos instrumentos digitais de produção textual e leitura, tem-se ainda um longo caminho a percorrer que seja real e definitivamente incorporado ao exercício de *leitura*.

Pode-se dizer que se está numa época em que há um eterno retorno de todas as formas e meios de leituras já ocorridas em nossa história. E se as tabuinhas de argila com poucas palavras tiveram sua efetiva utilidade em uma determinada época, as informações em cento e quarenta caracteres do *twitter* são eficientes nas construções diárias para aqueles que já estão acostumados com a imensidão de textos que se produz, em massa, desde a revolução do livro. Os manuscritos com os problemas de legitimidade de suas informações e a *internet* com sua divulgação irrestrita pelas diversas fontes disponíveis colocam em cheque a efetiva necessidade de desenvolver grandes textos para construir as ideias e argumentações pretendidas. Os rolos e o *tablet* forneceram determinadas dificuldades quando o assunto é buscar informações já passadas, em que não se sabe exatamente a página ou qual é exata palavra que facilitaria uma busca, independentemente dessa possibilidade (apenas no *tablet*) ainda assim, para a logística

da leitura não se apresenta tanta praticidade, ainda mais se se tratar de um longo texto. Vale lembrar que, nos rolos de pergaminho ou papiro, para se alcançar o conteúdo de um livro completo, eram necessários até vinte rolos compondo a totalidade. Os códices são aqueles que há mais tempo estão sendo utilizados, pois encontra tais modelos desde a escrita exclusivamente manual, logo depois produzidos pela prensa e nas atuais impressões digitais.

A passagem da *leitura* moderna para a *leitura* contemporânea traz uma série de questões que merecem ações e intervenções teóricas, pois trata-se de uma série de novas construções e reconstruções acerca do ato de ler, bem como suas transformações sociais. A leitura contemporânea acaba por permitir o questionamento se há ou não uma coerência em sua existência, ou seja, os indivíduos são dotados de ferramentas que permitem buscar de forma rápida e eficaz a legibilidade dos textos, bem como sua aplicação cotidiana, pois, desde a revolução do livro, quando se tem inclusive as novas linhas editoriais, novas formas de ler são despontadas e acabam por haver uma nova percepção da *leitura*, que passa a ser efêmera, sem grandes explicações ou aprofundamentos, além de novamente enfrentarem-se os problemas quanto ao *copyright*, a falta de confiabilidade dos textos quanto a sua procedência. Mudam-se as eras e os suportes, e uma gama de problemática continua rodeando o ato de *leitura*.

Se antes eram leituras intermediadas por outros indivíduos, hoje são leituras cerceadas por uma enorme variedade de estímulos que tentam gerar experiências no indivíduo para que a aceitação de determinadas ações ou reações sejam estimuladas, resultando num consumo, num direcionamento da leitura - quem sabe, por meros fins mercadológicos, sobre os quais estão pautados os discursos do marketing. Acredita-se que a ferramenta pode ser uma grande aliada na construção educacional ou na integração dos alunos, já que se nota que, a princípio, estes utilizam a *internet* e a tecnologia para entretenimento e integração com os pares, pelas redes sociais. Dessa forma, tem-se em mãos uma ferramenta estratégica para garantir melhores trabalhos em sala de aula, mas, para isso, uma série de fatores devem ser levados em consideração, tais como um treinamento dos professores, pois os mesmos devem saber de que forma buscar novos estímulos para o uso dessas ferramentas (já que esses também não foram educados nessa cultura tecnológica), a busca de uma tecnologia compatível com a ferramenta comprada pela IES, além de uma definição do real papel do *tablet* dentro de sala de aula.

Foi possível perceber que está se construindo uma legião de leitores que se preocupam apenas em estarem informados, numa concepção de quantidade, não de qualidade. Suas bases estão sendo construídas sobre informações efêmeras e superficiais. Pode-se questionar de que forma ou qual base ideal seria necessária para que a tecnologia fosse apenas uma aliada na construção de novas ideias, tentando fugir assim da relação submissa do indivíduo para os

estímulos multimidiáticos. Essas, entre outras perguntas, ainda são impossíveis de serem respondidas, por isso não é possível encontrar resultados apenas com este trabalho, sendo necessária, portanto, uma pesquisa mais detalhada sobre as possíveis falhas do sistema educacional atual na construção de um novo leitor.

Nesses grupos analisados, as únicas ações de leitura foram realizadas a partir do estímulo do professor, ou seja, fora desse ambiente, ou até mesmo dentro da sala de aula, essa não é uma prática dos alunos. O livro ou impressões no formato A4 garantem uma proximidade com o que se familiarizam como leituras sérias ou confiáveis e, por que não dizer, mais confortáveis. As anotações continuam sendo nos cadernos, ou nas impressões feitas para as aulas. As aulas pautadas no digital ainda são relativamente problemáticas, com a conexão do provedor de *internet* instável e o fator equipamento, que ora apresenta algum defeito ou problema de compatibilidades de *softwares*. Tudo isso gera desconfiança, enquanto o papel ainda é certeza de ter material para as aulas ou apresentações de trabalho. Por conseguinte, pode-se afirmar o quanto a leitura no digital ainda é um fator cerceado de problemas, dessa forma, o impresso tem sido a certeza que os contemporâneos precisam para sentirem-se seguros.

A tela como espaço de escrita e de leitura não garante apenas novas formas de acesso à informação, mas novos ambientes propícios à interação, cuja capacidade ainda não foi totalmente explorada. Outra forma de inovação são os processos cognitivos permitidos por esse espaço, dessa forma as dificuldades encontradas nesse “novo” processo acontecem por tais indivíduos (pesquisados) ainda estarem numa era de exclusão tecnológica, ou seja, seu processo cognitivo não foi pautado a partir da tecnologia: como esta é inserida aos poucos, seus usos são a cada dia integrado às necessidades de cada um. Por mais que os *tablets* ou outros equipamentos tecnológicos estejam de forma mais facilmente presentes no dia a dia do indivíduo, inserir tal objeto em sala de aula ainda requer um aprendizado, pois deve haver um incentivo maior na construção das novas apropriações para o letramento digital. Dessa forma, se é um novo estado ou condição de escrita ou leitura, deve-se haver práticas que, por mais que haja discursos de que indivíduos contemporâneos tenham “intimidade” com a tecnologia, tal atuação é voltada para entretenimento, relações sociais e pesquisas para resolver determinados problemas ou dúvidas momentâneas. Dificilmente, ao menos para esse público, são utilizadas para a construção fundamentada do saber.

Enfim, pode-se dizer que o letramento digital ainda caminha em passos curtos, quando se aplicam tais ações em salas de aula convencionais, mesmo que essas salas tenham ganhado uma nova “roupagem”. Com isso, inserir novas ferramentas tecnológicas no ambiente

tradicional, permite que a construção individual do aluno seja um denominador nos usos e apropriações do *tablet* dentro de sala de aula.

Que a leitura é diversa não há o que questionar, que cada qual sujeito faz uso da tecnologia conforme sua necessidade (não se insere aqui a compra ou as atualizações desses equipamentos) também é notório, mas há de se buscar novas relações sociais a partir dessa inclusão (que é constante e ao mesmo tempo pontual) que consegue inserir efetivamente a tecnologia na construção ou consolidação do saber. Porquanto essas ações estiverem com as intenções mercadológicas sobrepondo as efetivas ações de inclusão digital, os usos e as apropriações tecnológicas estarão de acordo com as necessidades individuais, dessa forma as construções coletivas poderão continuar sendo efêmeras e de certa forma sem uma relação eficaz, mesmo que o potencial tecnológico seja de forma a agregar valores, possibilidades e principalmente garantir acesso a diversas fontes de informação. Percebe-se muito texto, muita leitura, mas poucas construções críticas em locais com grandes possibilidades de construção intelectual.

REFERÊNCIAS

BAINES, John; MÁLEK, Jaromír. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Rio de Janeiro: Del Prado, 1996.v.2.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *História da leitura no mundo ocidental, 2*. São Paulo: Ática, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial, 1998.

_____. (Org.). BOURDIER, Pierre; BRESSOM, François; DARTON, Robert; FABRE, Daniel; GOULEMOT, Jean Marie; HÉBRARD, Jean; MARIN, Louis; ROCHE, Daniel; PÉCORA, Alcir. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. Entrevista. *Salto para o futuro*. Entrevista de Roger Chartier. Disponível em: <<http://entrevistasbrasil.blogspot.com.br/2008/10/roger-chartier-o-leitor-o-livro-e.html>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, Granja Eduardo; GONÇALVES, Márcio Souza. *Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

EISENSTEIN, Elizabeth. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.

GONÇALVES, Márcio. *Escrita, subjetividade, tecnologia de comunicação*. Logos. v. 16, p. 22-33, 1. sem. 2009.

GONÇALVES, Márcio Souza. *McLuhan, Eisenstein e Johns*. Trabalho apresentado no II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Niterói: UFF, 2009. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/segundoseminario/index.php/resumos/porautorprenome/96dejam?lang=pt>>. Acesso em: 10 maio 2012.

JOHNS, Adrian. *The nature of the book: print and knowledge in the making*. Chicago; London: The University of Chicago, 1998.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Abordagens metodológicas em pesquisas na área de Administração*. Revista de Administração. São Paulo, v. 32, n. 3, jul./set.1997.

MINAYO, Maria Cecília e Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.

PORTO, Leonardo Sartori. *Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ZILBERMAM, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.